



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

REPRESENTAÇÃO MENTAL DA LÍNGUA E DA CULTURA NORTE-AMERICANAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE PROFESSORES BRASILEIROS DE LÍNGUA INGLESA

RECIFE – PE

2020

Claudete Santana de Assis

REPRESENTAÇÃO MENTAL DA LÍNGUA E DA CULTURA NORTE-AMERICANAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE PROFESSORES BRASILEIROS DE LÍNGUA INGLESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências da Linguagem, sob orientação do Professor Doutor Antonio Henrique Coutelo de Moraes.

RECIFE – PE

2020

A848r Assis, Claudete Santana de.
Representação mental da língua e da cultura norte-americanas
: uma análise crítica do discurso de professores brasileiros de
língua inglesa / Claudete Santana de Assis, 2020.
161 f. : il.

Orientador: Antonio Henrique Coutelo de Moraes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da
Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2020.

1. Análise crítica do discurso. 2. Linguística.
3. Língua inglesa - Estudo e ensino. 4. Cognição e cultura.
I. Título.

CDU 801

Pollyanna Alves CRB/4-1002

CLAUDETE SANTANA DE ASSIS

**REPRESENTAÇÃO MENTAL DA LÍNGUA E DA CULTURA
NORTE-AMERICANAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO
DE PROFESSORES BRASILEIROS DE LÍNGUA INGLESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovada em: 27/08/2020

Banca Examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Antonio Henrique Coutelo de Moraes (UNICAP)



Membro interno: Prof. Dr. André Luís de Araújo (UNICAP)



Membro externo: Prof. Dr. Madson Góis Diniz (UFPE)

RECIFE-PE

2020

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, dedico meu título de Mestre em memória do meu pai, Reginaldo Assis, que compartilhava comigo, meu sonho de ingressar no programa de mestrado, sempre me incentivando e acreditando em mim. Infelizmente, ele não chegou a ver minha aprovação no programa, mas sei que de onde estiver, tem me protegido e me dado forças. A minha mãe, Maria José Assis, e minhas irmãs, Maria Cecília e Cláudia, por sempre torcerem por mim e por terem me dado apoio emocional. Sem elas, definitivamente, eu não iria conseguir.

Em segundo lugar, ao PPGCL (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem) e a instituição por ter me proporcionado um ambiente amigável, colaborando assim para meu desenvolvimento profissional, tanto como professora quanto pesquisadora. Me sinto pronta para encarar uma seleção de doutorado. Aos meus ex-professores doutores, Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, Moab Duarte Acioli e Karl Heinz Efken, com quem paguei disciplinas e aprendi muito. Também sei que tenho muito a aprender, pois a estrada é longa. A coordenadora do programa, Prof.^a Dr.^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros e a coordenadora da pós-graduação Stricto Sensu, Prof.^a Dr.^a Roberta Varginha Ramos Caiado, por terem me incentivado a continuar no programa, quando fiquei desanimada em prosseguir. Aos meus colegas de sala, em especial, ao meu amigo Manoel Klebson de Andrade Oliveira, que me ajudou muito revisando meus textos, discutindo os conteúdos das aulas, indicando livros e por nossas conversas, que nos distraiam da seriedade do programa e do nosso compromisso. A Veronica Del Pilar Proano de Fox, muito obrigada pela preciosa ajuda com a teoria de Van Dijk e por ter me apresentado a Isabela Santos Correia Rosa, que nunca me conheceu pessoalmente, mas que também me ajudou bastante com a teoria de Van Dijk de tal maneira que nem tenho palavras para agradecer. Vocês me deram orientações valiosas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Henrique Coutelo de Moraes, por me acolher na fase final do programa e, por isso, serei eternamente grata. Sua orientação, com maestria, me devolveu a vontade de continuar pesquisando e perceber que sou capaz. Isso fez toda a diferença. Além de aprender e aprimorar meus conhecimentos na área de ACD, ele fortaleceu a importância de ser uma professora humanizada. Muito mais do que exigir de um aluno, o que se deve ser colocado em questão é ele como pessoa em todos os quesitos, valorizando os aspectos de aprendizagem, como também o emocional. Quero levar isso para mim como profissional. Muito obrigada.

Ao Prof. Dr. André Luís de Araújo, por ter aceitado nosso convite para compor a banca examinadora e por suas observações e revisões que fizeram a diferença no meu trabalho.

Também ao Prof. Dr. Madson Góis Diniz por ter aceitado nosso convite e contribuído com meu trabalho.

Aos professores entrevistados, muito obrigada pela disponibilidade em conversar comigo online durante a pandemia. Espero que este trabalho contribua para uma formação continuada, num âmbito mais reflexivo crítico, para que possamos contribuir com outros colegas de profissão e a sociedade.

À instituição em que trabalho, que sempre me apoiou e me incentivou a perseguir meu sonho em ingressar no programa de mestrado e, também, por terem entendido minhas ausências para participar de congressos e conferências. Minha intenção com essa pesquisa é fazer com que nós nos tornemos profissionais mais críticos e conscientes de que podemos contribuir muito em sociedade. Aos meus colegas e amigos de trabalho, meus sinceros agradecimentos.

[...] Então é o Brasil voltando ao século XVIII. É o Brasil voltando a ser colônia. Aqui embora você não tenha monarquia Portuguesa mandando, você tem o imperador Trump dando ordem e o nosso Presidente batendo continência.

Luiz Inácio Lula da Silva

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o discurso de nove professores brasileiros que ensinam inglês, como língua estrangeira, em três instituições renomadas de ensino de língua inglesa, na cidade de Recife, Pernambuco, a fim de verificar se os modelos mentais construídos justificam a polarização de grupos denominados como grupos de Nós e Eles (VAN DIJK, 2015a). Essa polarização ocorre de modo reverso, uma vez que os professores brasileiros exaltam a cultura dos norte-americanos em detrimento da sua. Como sabemos, os modelos mentais são formados a partir de exposições, via meios de entretenimento (televisão, música, cinema etc.), produtos alimentícios, eletrônicos, entre outros, e até por experiências pessoais. Essa inversão de polarização foi causada no Brasil, não só pela exposição desses produtos, mas também pelo contexto histórico do país. A inserção do governo norte-americano no Brasil e seu poder hegemônico começaram, efetivamente, por volta dos anos 40, quando eles fundaram no Brasil, um Birô com propósito de intercâmbio cultural. Entretanto, nada mais era do que a implantação da hegemonia norte-americana que aconteceu entre acordos diplomáticos com o Brasil e que foram estabelecidos por instituições norte-americanas, juntamente com a exportação da sua língua inglesa. Assim, a pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa, transversal e analítica, de acordo com Bortolozzi e Bertocello (2012) e Rodrigues (2007) e teve suas análises norteadas à luz dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), tendo como principal teórico Van Dijk (2015) para a compreensão dos aspectos discursivos sociocognitivos e seus componentes, utilizando o triângulo do discurso proposto pelo autor, discurso-cognição-sociedade, bem como Souza (2018), Moita Lopes (1996) e Rajagopalan (2008), entre outros, para entender o contexto histórico da vinda da cultura norte-americana ao Brasil e as representações mentais construídas subjetivamente.

Palavras-chave: estudos críticos do discurso (ECD); ensino de inglês como língua estrangeira; cultura; polarização; modelos mentais.

ABSTRACT

The current work aimed at analyzing the speech of nine Brazilian teachers who teach English as a Foreign Language at three renowned institutions of English language teaching in the city of Recife, Pernambuco, in order to verify if the mental models built justify the polarization of the groups denominated as groups of US and THEM (VAN DIJK, 2015a). That polarization has occurred in a reverse way since Brazilian teachers look up the American culture to the detriment of theirs. It is known that the mental models are formed on the basis of entertainment media (television, songs, cinema to name but a few), food and electronics products among others and even by personal experiences. This polarization reversal was caused in Brazil, not only by the exposure of these products, but also by the country's historical context. The insertion of the American government in Brazil and its hegemonic power began, effectively, around the 1940s when they established a Bureau in Brazil with the purpose of cultural exchange. Nonetheless, it was nothing more than the implantation of the American hegemony which happened between diplomatic agreements with Brazil and that were instituted by American institutions, along with the export of its English language. The research uses a qualitative, transversal and analytical methodology, according to Bortolozzi and Bertencello (2012) and Rodrigues (2007) and had its analyzes guided in the light of Critical Discourse Studies, having Van Dijk as the main theoretician so that we can comprehend the sociocognitive discourse aspects and their components using the discourse triangle proposed by the author, discourse-cognition-society, as well as Souza (2018), Moita Lopes (1996) and Rajagopalan (2008) among others to understand the historical context of the North American culture coming to Brazil and the mental representations built subjectively.

Key words: critical discourse studies (CDS); teaching English as a foreign language; culture; polarization; mental models.

LISTA DE SIGLAS

ACD – ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

ECD – ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

LI – LÍNGUA INGLESA

EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A EVOLUÇÃO DA TEORIA SOBRE A CULTURA	11
1.1 ESTUDO CULTURAL NA PERSPECTIVA DA TEORIA MODERNA	11
1.2 COMO A CULTURA FUNCIONA	13
1.3 ETNOCENTRISMO.....	15
1.4 DIFUSÃO CULTURAL.....	17
2. A COLONIZAÇÃO POLÍTICA E CULTURAL ESTADOS UNIDOS – BRASIL	20
2.1 A DOMINAÇÃO NORTE-AMERICANA NO BRASIL NO SÉCULO XX.....	20
2.2 A HEGEMONIA CULTURAL ESTADUNIDENSE	24
3. IDEOLOGIA E HEGEMONIA	30
3.1 A IDEOLOGIA SOCIAL NO BRASIL	30
3.2 O DISCURSO IDEOLÓGICO	34
3.3 O DISCURSO DO PODER E SUAS IMPLICAÇÕES.....	37
4. A INFLUÊNCIA DA CULTURA NORTE-AMERICANA NO DISCURSO DOS PROFESSORES DE LI	40
4.1 O PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: PERSPECTIVA CRÍTICA.....	40
4.2 A LÍNGUA INGLESA E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	44
5 ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO	48
6 METODOLOGIA	59
7 DADOS E ANÁLISES DO DISCURSO DE PROFESSORES DE LI	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	86

INTRODUÇÃO

A partir de questionamentos oriundos da minha relação com o ensino da língua inglesa (LI), desde o período como aluna de LI em 1999, e presentes até hoje na minha carreira como docente, decidi analisar discursos de outros profissionais desse ensino que são corriqueiros em ambientes de trabalho. Alguns professores exaltam não apenas a língua inglesa, como também costumam comparar a cultura dos Estados Unidos com a cultura do Brasil. Certos discursos elaborados por esses docentes apresentam enunciados, tais como: “a língua inglesa é mais fácil do que a língua portuguesa”; “a língua inglesa soa mais bonita do que a língua portuguesa”; “falar inglês me faz sentir mais próximo da cultura deles”, entre outros.

Considerando que cultura é um conjunto de prescrições e proscricções que expressam as ideias, os valores, a memória, os hábitos, os sentimentos, as práticas coletivas entre grupos humanos, observamos enunciados dos professores brasileiros de LI que expressam uma crença de que existe uma valorização da língua inglesa e da cultura norte-americana em detrimento da língua portuguesa e da cultura brasileira. Assim, dedicamos o primeiro capítulo, com um breve estudo sobre a cultura, numa visão antropológica, para destacar como ela funciona e seu papel numa sociedade.

No segundo capítulo, uma vez compreendido como funciona a cultura, estudamos sobre a vinda cultural dos Estados Unidos ao Brasil nos anos 40. A neocolonização, no Brasil, aconteceu através de meios de entretenimento, tais como, televisão, rádio, cinema, serviços de *streaming*, músicas, jogos, entre outros, e ganhou força com o estabelecimento de um Birô norte-americano, implantado no Brasil, chamado *Office of the Coordination of Inter-American Affairs*. Assim, a cultura norte-americana penetra na vida dos brasileiros sem muitos questionamentos e é aceita como algo natural por meio de manipulações políticas e da alienação pelo entretenimento. Dessa forma, o brasileiro não se dá conta dessa exaltação da cultura do outro e, por consequência, a língua inglesa, que está imbricada com os meios de comunicação, imposta ao país.

Compreendido o contexto histórico pelo qual o Brasil passou e continua passando, pois essa dominação cultural e política dos norte-americanos ainda está presente nos dias atuais, no terceiro capítulo, estudamos a ideologia e a hegemonia do país invasor para analisar como esses dois fenômenos conseguem manipular uma nação, ou várias nações, a favor do dominante. No século XXI, não se trata mais de invadir um país por meio de luta física e bombas para dominar um povo, mas, sim, controlar as mentes para apenas refletir o que é permitido pensar. O povo

não pode desconfiar que o dominador está aqui para manipulá-los, mas deve pensar que todos são iguais e que, por isso, têm alcance ao mesmo tipo de cultura. Dessa forma, não é difícil de ver que a mesma música norte-americana curtida por um empresário é a mesma curtida por um ascensorista, por exemplo (ALVES, 2000). Podemos perceber o porquê do discurso visceral dos brasileiros em defesa do povo norte-americano.

Vale ressaltar que este trabalho não se trata de uma luta pro-xenofobia, em que os brasileiros têm de atacar os Estados Unidos e maltratar os norte-americanos. Não é essa nossa a proposta. Contudo, precisamos entender como o sistema de dominação funciona e por que nos soa natural conviver com a cultura deles no país. O controle das mentes e a manipulação foram bem estabelecido (VAN DIJK, 2017b) e a polarização dos grupos do Nós e do Eles, em que, segundo a teoria de Van Dijk, o grupo do Nós (endogrupo) atribui a si mesmo aspectos positivos e o grupo do Eles (exogrupo) representa os aspectos negativos (VAN DIJK, 2015a). Porém, aqui, observamos os papéis inversos. O exogrupo, aqui, são os norte-americanos e os brasileiros, o endogrupo.

No quarto capítulo, exploramos o universo dos professores de língua inglesa no Brasil, com os estudos de Moita Lopes (2003), Rajagopalan (2008), Pennycook (1994), Cox e Assis-Peterson (2001), Siqueira (2005), entre outros, para saber o que se espera de um professor de EFL (*English as a Foreign Language*), no Brasil, e o que acontece no contexto de cursos livres. Uma visão acrítica desses profissionais, no sentido de não compreender por que o ensino de língua inglesa tornou-se um mercado mundial, a influência da língua inglesa no Brasil, o incentivo do consumo exacerbado de produtos norte-americanos por mídias diversas com o intuito de “desenvolver” a língua inglesa, e, como consequência, sua cultura, pode tornar os alunos alienados e fomentar os modelos mentais deles também.

No quinto capítulo, vamos debruçar-nos sobre a teoria dos estudos críticos do discurso, de Van Dijk (2015), que norteou nossa pesquisa, com sua análise sociocognitiva, para entender como funcionam os modelos mentais e seus componentes, como a crença, as atitudes, o conhecimento, a ideologia e o discurso ideológico. Para tal, perceber como funcionam esses modelos e como são feitos os *registros* mentais com as influências externas (meios de comunicação) e com experiências pessoais, mostra-nos como o contexto se faz importante. É por meio do contexto histórico e também social que podemos analisar os discursos dos professores participantes.

No capítulo seguinte, temos a metodologia, com todo o procedimento da pesquisa e como foram feitas as coletas dos dados e os equipamentos que utilizamos. E, por fim, no sétimo capítulo, as análises dos dados coletados, juntamente com a interpretação teórica proposta.

Acreditamos que as análises, aqui apresentadas, demonstram e provam o que objetivamos quando propusemos este trabalho. Uma reflexão crítica para a função de profissional de ensino de língua inglesa no Brasil e seu papel social como educador. Assim como, por uma desconstrução do poder hegemônico norte-americano no Brasil.

1 A EVOLUÇÃO DA TEORIA SOBRE A CULTURA

1.1 ESTUDO CULTURAL NA PERSPECTIVA DA TEORIA MODERNA

A fim de compreender o papel da cultura numa sociedade, faz-se necessário entender como a cultura funciona e seu conceito. A cultura não é fixa, ou seja, ela varia de uma sociedade para outra e, ainda, dentro dessa mesma sociedade, pode haver várias culturas diferentes. Uma pessoa, por exemplo, não é capaz de conhecer ou usufruir cem por cento da cultura local ou da cultura da sua comunidade. Para melhor exemplificar, se pensarmos no Brasil, um país grande onde há cinco regiões distintas, chegaremos à conclusão de que há uma grande variedade de manifestações culturais distintas que acontecem por meio da música, da culinária, dos modos de agir pertencentes a uma determinada região, entre outros. Uma região, por si só, pode apresentar uma enorme variedade de manifestações culturais. Além disso, existe a difusão cultural que se constitui de influências de outras regiões ou países.

Por isso, conceituar cultura não é uma tarefa fácil, visto que estudiosos, antropólogos divergem em conceitos que perpassam anos de pesquisa. No entanto, para este trabalho, o conceito utilizado será de uma definição antropológica moderna e, que por isso, faz-se necessária uma breve citação das teorias modernas para entender as modificações que aconteceram ao longo dos tempos.

O trabalho desenvolvido pelo o antropólogo e linguista Roger Kessing (1990), no seu artigo *Theories of Culture*, contribuiu para a elaboração deste capítulo, assim como, os trabalhos de Laraia (2008) e Duranti (1997). A primeira teoria refere-se à cultura como um sistema adaptativo no qual o padrão de comportamento social era transferido para gerações seguintes, ou seja, a cultura como sistema. As pessoas inseridas nessas comunidades seguiriam o mesmo padrão de organização social, política, econômica, religiosa, entre outros. Por se tratar de um sistema adaptativo, a cultura estaria numa constante mudança e a sociedade teria de se adaptar a ela. A segunda teoria refere-se a teorias idealistas da cultura que, por sua vez, está subdividida em três abordagens distintas.

1. Sistema cognitivo: de acordo com Goodenough (apud LARAIA, 2008, p. 61) “consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade”.

2. Sistema estrutural: o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1963) desenvolveu a teoria de que todas as culturas são sistemas simbólicos e que estes símbolos estão na mente humana para classificar os domínios culturais, tais como arte, linguagem, mitos, entre outros.

A esse respeito, segundo Duranti (1997, p. 33), “Lévi-Strauss começa da suposição de que a mente humana é a mesma em qualquer lugar e as culturas são diferentes implementações de propriedades básicas, abstratas e lógicas do pensamento, que são compartilhadas por todos os humanos e adaptadas para condições específicas da vida”¹.

Para Lévi-Strauss, existe “uma lógica de contrastes binários, de relações e transformações que controlam as manifestações empíricas de um dado grupo” (LARAIA, p. 61), visto que o ser humano está atrelado a regras inconscientes de uma série de princípios.

3. Teoria idealista: essa teoria foi elaborada pelo antropólogo norte-americano, Clifford Geertz, que acreditava que a cultura não está na mente de nenhum ser humano, como acredita Lévi-Strauss. Geertz defende que a cultura é um sistema de símbolos no qual o ser humano adquire a informação cultural através da exposição que ele tem com a cultura. Quando uma pessoa está em pé numa fila de cinema, ela sabe que, dessa forma, terá acesso a um assento para assistir ao filme e se divertir. O fato de entrar na fila, respeitar a ordem, o direito individual e a cooperação social, demonstra que a pessoa entende como agir numa determinada cultura. De acordo com Duranti (1997, p. 36) “a meta de Geertz é encontrar maneiras de compreender as culturas humanas do que tentar explicá-las por meios de teorias causais que usam leis gerais de comportamento”².

Diante disso, esse breve resumo de definição de cultura mostra que não há um único conceito da palavra, pois seu significado é abrangente. Como Laraia cita (2008, p. 63), a discussão sobre o conceito de cultura não terminou, continuará, pois a “compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana”, e iremos além da afirmação de Laraia, pois essa compreensão

¹ Tradução livre: Lévi-Strauss starts from the assumption that the human mind is everywhere the same and cultures are different implementations of basic abstract logical properties of thinking which are shared by all humans and adapted to specific living conditions.

² Tradução livre: His goal is to find ways of understanding human cultures rather than trying to explain them by means of causal theories that use general laws of behavior.

pode ser variável, uma vez que, além de diferentes conceitos de cultura existirem, a natureza humana é complexa e tem seus mistérios. Nesse sentido, uma compreensão exata de um conceito único, parece-nos, jamais será possível.

Ademais, todos os pesquisadores acima citados estudaram a língua como canal de compreensão da cultura, pois ela está imbricada com as questões culturais. De acordo com Duranti (1997, p. 49), “a língua é crucial porque ela fornece o maior sistema complexo de classificação de experiência. A língua também é uma janela importante no universo de pensamentos que interessam aos cientistas cognitivos”³. E, no nosso contexto, aqui, o lugar do discurso é um ponto a ser destacado, pois trata-se de uma questão pós-colonial, visto que a relação entre os Estados Unidos e o Brasil apresenta uma relação de dominador versus dominado; colonizador versus colonizado, como bem pontua Moita Lopes, quando conceitua a colonização depois da divisão mundial por dois grandes blocos de poder, os Estados Unidos e a União Soviética, depois da Segunda Guerra Mundial do século XX:

O conceito de colonização parece repousar principalmente na dicotomia natureza e civilização, duas realidades que se relacionam através de um sistema de troca desiguais. Em troca da exploração das riquezas naturais com a conseqüente destruição da natureza, causando profundos abalos ecológicos nos países colonizados, os colonizadores oferecem os “benefícios” da cultura intelectual da civilização (MOITA LOPES, 2003, p. 43).

É sabido que controlar a cultura permite o controlar as mentes. Contudo, iremos aprofundar essas questões nos capítulos 2 e 3.

1.2 COMO A CULTURA FUNCIONA

Então, como funciona a cultura? Como a noção de cultura diverge de uma sociedade para outra, e muitas vezes dentro de uma mesma sociedade, é muito fácil pensarmos que a cultura que possuímos é a correta, não pareça estranha para o outro. Como Laraia bem argumenta (2008, p. 67), “homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”. O mesmo autor elabora um exemplo para reflexão. Tendo a floresta amazônica como referência para um encontro qualquer, um antropólogo que não tem conhecimento razoável da floresta irá sentir-se completamente perdido, pois, para ele, a floresta é um amontoado de árvores e arbustos onde ele, o antropólogo, acredita que elas são a mesma coisa. No entanto, para um índio, todas as árvores e arbustos são únicas e todas têm uma

³ Tradução livre: “(...) language is crucial because it provides the most complex system of classification of experience. Language is also an important window on the universe of thoughts that interest cognitive scientists.”

referência espacial. Para o antropólogo, ficaria mais fácil marcar o encontro utilizando o prédio X, porque ele tem a vida urbana como referência. Ou seja, dependendo da cultura à qual um ser humano pertença, ele aceitará com mais facilidade tudo que for advinda dela. A cultura do outro pode ser aceitável ou negada. De acordo com Laraia,

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isso, discriminamos o comportamento desviante (2008, p.67).

Dessa forma, o ser humano constrói seu valor, sua moral, seu comportamento social e sua postura corporal a partir da cultura herdada, além de ser mais fácil identificar uma cultura da outra por meio de uma variedade de características, tais como o modo de se vestir, de andar, de gesticular, além da diversidade gastronômica e da diferença linguística. A língua ganha um destaque maior entre os demais aspectos porque há uma observação mais empírica sobre ela.

Por isso, um observador de fora, de uma determinada comunidade, consegue distinguir as diferenças da sua cultura com a do outro. Assim, ele consegue notar a diferente forma das pessoas darem risadas, a maneira como se comportam à mesa, como se comunicam, demonstram gestos de afetos ou carinhos em público, como se comportam em ambientes de trabalho e assim por diante. Um exemplo interessante é a diferença da postura de um professor brasileiro e um professor norte-americano.

No Brasil, os professores costumam contar uma piada entre um assunto ou outro para quebrar o gelo, na aula, e, geralmente, os alunos caem na risada; eles tocam no ombro do aluno para demonstrar que pode contar com ele para esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Alguns professores monitoram próximo aos alunos para checar se eles estão executando bem os exercícios; piscam para checar se os alunos estão entendendo ou o fazem como forma de comunicação fática, entre outros comportamentos. Já, nos Estados Unidos, por exemplo, os professores não podem chegar tão perto assim dos alunos, pois podem ser acusados de assédio pelos alunos. Tanto o professor quanto os alunos são orientados a evitar contato físico, por mínimo contato que seja. Os professores não podem piscar para os alunos, para que não se confunda com um flerte. Os professores não podem chegar perto dos alunos na hora da monitoração dos exercícios e muito menos ficar sozinho com um aluno ou uma aluna em sala de aula. Estes exemplos servem apenas para ilustrar as diferenças culturais nesse tipo de ambiente.

É claro que, para cada situação, a postura muda, mas o fato é que o que pode ser considerado estranho para um professor brasileiro, uma vez dentro de uma instituição norte-americana, pode ser considerado totalmente normal para um professor norte-americano. De

igual modo, um professor norte-americano, no Brasil, pode achar invasivas certas atitudes de alunos em sala.

Utilizando os mesmos exemplos dados, pode-se analisar, também, que tanto o professor brasileiro quanto o professor norte-americano podem acreditar que sua cultura é melhor do que a do outro. Que a do outro parece estranha e que não faz sentido algum, a dele é mais correta e natural. “Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais” (LARAIA, 2008, p. 72). Dessa forma, embora não seja o foco desta dissertação, faz-se necessário compreender esse fenômeno do etnocentrismo.

1.3 ETNOCENTRISMO

Etnocentrismo é uma visão do mundo com a qual tomamos nosso próprio grupo como centro de tudo, e os demais grupos são pensados e sentidos pelos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade etc (ROCHA, 2006, p. 7).

Essa crença, de que uma cultura é melhor que a outra, pode gerar os problemas que a humanidade vem enfrentando hoje, tais como: o racismo, a intolerância e seja ela de ordem religiosa, moral ou valorativa, criando, assim, a dicotomia do “nós e os outros”.

Um choque cultural exemplifica muito bem como acontece esse fenômeno, pois, quando o “eu” compartilha de uma cultura com seu próprio “grupo” com o qual divide a crença no mesmo deus, come o mesmo tipo de comida, conhece problemas comuns, tem um estilo de vida semelhante, possui casa ou apartamento (estrutura) igual, veste igual, tem maneira de se expressar análoga, entre outros, choca-se quando está diante da cultura do “outro”, pois tudo será o avesso à dele e essa estranheza faz com que o “eu” classifique o “outro” como algo negativo. De acordo com Rocha (2006, p. 9), “a diferença é ameaçadora porque fere nossa própria identidade cultural”. É, também, nessa fase do choque cultural, que o “eu” começa a se perguntar como o “outro” consegue viver de tal modo, porque o “outro” fala de tal maneira e começam a surgir crenças de que o “outro” está errado ou de que “outro” não evoluiu tanto quanto a cultura do “eu”, pois é impossível pensar que existam pessoas que vivam diferentemente. Segundo Rocha,

O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou

ininteligível. Este processo resulta num considerável reforço da identidade do “nosso grupo” (ROCHA, 2006, p. 9).

Infelizmente, no Brasil, é comum pensar que os índios são um grupo de pessoas que não evoluíram visto que eles moram na floresta, não moram em casas como nas áreas urbanas, vivem nus, fazem rituais que não fazem parte da religião cristã ou evangélica e falam línguas desconhecidas quando comparadas à língua portuguesa. Esse grupo sofre o efeito do etnocentrismo, pois a população que vive em área urbana tende a acreditar que, como eles não evoluíram, não fazem parte de um mesmo padrão de vida sociável, eles são considerados como selvagens, bárbaros, preguiçosos e como os atrasados da civilização. Essa visão dos indígenas, no Brasil, é fomentada em livros didáticos, o que corrobora ainda mais essa visão deturpada dos índios. Rocha (2006) pontua bem isso quando diz que os índios passam por três papéis, no livro didático brasileiro, pois:

O primeiro papel que o índio representa é no capítulo do descobrimento. Ali, ele aparece como “selvagem”, “primitivo”, “pré-histórico”, “antropófago”, etc. Isto era para mostrar o quanto os portugueses colonizadores eram “superiores” e “civilizados”. O segundo papel do índio é no capítulo da catequese. Nele o papel do índio é o de “criança”, “inocente”, “infantil”, “almas virgens”, etc., para fazer parecer que os índios é que precisavam da “proteção” que a religião lhes queria impingir. O terceiro papel é muito engraçado. É no capítulo “Etnia brasileira”. Se o índio já havia aparecido como “selvagem” ou “criança”, como iriam falar de povo – o nosso – formado por portugueses, negros e “crianças” ou um povo formado por portugueses, negros e “selvagens”? Então aparece um novo papel e o índio, num passe de mágica etnocêntrica, vira “corajoso”, “ativo”, cheio de “amor à liberdade” (ROCHA, 2006, p. 17).

Consideramos relevante destacar, aqui, que há uma polêmica quanto ao evento de 1500 – descobrimento, invasão, chegada, conquista ou encontro –, que boa parte dos livros didáticos ainda retrata como descobrimento e que, independente do termo escolhido, o índio é sempre retratado como diferente e, muitas vezes, inferior.

Desse modo, o etnocentrismo pode gerar um preconceito e uma violência que justificaria por que o “outro” não faz parte do grupo de que “eu” faço parte, pois ele não se encaixa nele. E o etnocentrismo pode acontecer, não só de um grupo grande para outro grupo grande, como os índios versus os brasileiros que moram na área urbana, mas também em pequenos grupos dentro de uma mesma comunidade. “O costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade” (LARAIA, 2008, p. 74), principalmente quando o país é vasto.

O fenômeno do etnocentrismo ainda é impulsionado pelas mídias, como TV, rádio, redes sociais, jornais, revistas, publicidades, cinema, entre outros. Esses meios de comunicação,

que estão presentes no dia a dia, multiplicam essas formas de pensar, e as pessoas não se dão conta de como elas estão sendo expostas a certos rótulos e estereótipos, criados para atingir um grupo social. Rocha explica o quão perigoso esse fenômeno pode ser, porque:

[...] as ideias etnocêntricas que temos sobre as “mulheres”, os “negros”, os “empregados”, os “paraibas de obra”, os “colunáveis”, os “doidões”, os “surfistas”, as “dondocas”, os “velhos”, os “caretas”, os “vagabundos”, os *gays* e todos os demais “outros” com os quais temos familiaridade, são uma espécie de “conhecimento,” um “saber”, baseado em formulações ideológicas, que, no fundo, transformam a diferença pura e simples num juízo de valor perigosamente etnocêntrico. (ROCHA, 2006, p.18).

No entanto, existem ideias que refutam o etnocentrismo: o relativismo cultural e a reciprocidade. Ambos os princípios, aqui, serão tratados na perspectiva do aprendizado intercultural, uma vez que nosso trabalho está relacionado ao aprendizado de língua estrangeira. O aprendizado intercultural permite que os aprendizes desenvolvam um respeito e uma apreciação às outras culturas de uma forma aberta, excluindo, assim, o espaço para o preconceito e o etnocentrismo. Mendes conceitua como se dá o primeiro princípio do relativismo cultural quando afirma que:

[...] significa que não há hierarquia entre as diferentes culturas e, por isso, a aprendizagem intercultural deve incluir no seu processo a abertura para aceitar as diferenças de pensamento e de comportamento dos indivíduos pertencentes a outras culturas. Como consequência dessa atitude está a consideração de que os valores, normas, regras de comportamento etc. de uma cultura em particular não podem e não devem ser tomados como parâmetro para o julgamento ou avaliação de outra cultura (MENDES, 2007, p. 122).

Dessa forma, o indivíduo tende a compreender melhor sua própria cultura e a do outro, respeitando-a e desenvolvendo modos de convivência, em mundos culturais diferentes, livres de preconceitos. O segundo princípio, da reciprocidade, destaca que “a aprendizagem intercultural não deve ser um processo em uma única via, ou seja, como o prefixo ‘inter’ sugere, um processo entre culturas, uma aprendizagem que atravessa limites e fronteiras culturais” (MENDES, 2007, p. 122). Seguindo esses princípios, a cultura do outro passa a não ser tão estranha assim, pois há uma troca de conhecimento entre os aprendizes e, provavelmente, não há espaço para o etnocentrismo.

1.4 DIFUSÃO CULTURAL

Os empréstimos culturais que acontecem entre culturas são denominados por antropólogos de difusão cultural e essa difusão contribui para o nascimento de outras culturas, dando, assim, uma continuidade ao desenvolvimento cultural na humanidade.

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, por exemplo, a cultura dos índios se sobressaía nos territórios que ocupavam. No entanto, depois do estabelecimento dos portugueses no Brasil e, em consequência de sua cultura, outros povos começaram a chegar ao país. Por volta de 1530, a imigração no Brasil foi ganhando dimensões maiores, primeiramente, com os africanos que foram trazidos escravizados, claro, contra suas vontades. De acordo com Alves (2004, p. 25):

[...] a história de nosso país foi sempre analisada apenas do ponto de vista do dominador. Por isso, encaramos a chegada, conquista e dominação europeia na América como “mais uma etapa gloriosa de uma civilização superior”, cumprindo seu destino inexorável de espalhar pelo mundo as verdades engendradas durante o seu específico e particular processo de desenvolvimento histórico.

Dessa forma, o legado indígena e africano ganha um papel secundário na história do Brasil e a valorização eurocêntrica ganha espaço central na formação da cultura brasileira. “[...] É como se a dominação do branco fosse essencialmente natural e todo o legado indígena ou africano tivesse permanecido entre nós devido a algum processo de “descuido” da história ou algo como um “vazamento cultural acidental”” (ALVES, 2004, p. 26). Por isso, o legado por eles deixado é tratado como folclórico ou exótico. A história do Brasil é contada, na perspectiva da dominação branca, e tanto os índios quanto os africanos tiveram de se adaptar à cultura trazida pelos europeus com o culto de um único deus, o tornar-se capitalista, o falar a língua deles, o vestir-se como eles, o morar em construções arquitetadas por eles, ou seja, viver como eles, no estilo deles, pois os dominadores justificavam seus poderes com questão religiosa.

As primeiras gerações de dominados sofreram mais com essa dominação cultural, pois suas culturas foram, aos poucos, sendo esquecidas, devido à supressão provocada pela imposição da cultura europeia e, assim, a cultura eurocêntrica prevaleceu no Brasil. Mais tarde, por volta de 1580, o Brasil recebia os espanhóis, os franceses e os holandeses. Depois de dez anos da abolição, ocorrida em 1888, o número de imigrantes dobrou por diversos fatores, como a procura de mão de obra no Brasil, as duas Guerras Mundiais e a recuperação da Europa no pós-guerra. Assim como a crise nipônica, que trouxe imigrantes japoneses ao Brasil, nos anos 50.

É claro que a contribuição desses povos foi bem abrangente, pois os imigrantes trouxeram consigo suas culturas que, por sua vez, foram misturando-se a outros povos que aqui já viviam e surgiu essa cultura brasileira diversificada, como existe hoje no país. A contribuição pode ser claramente percebida na culinária, nas danças, nas músicas, na língua, nas artes, na literatura, na educação, na arquitetura, na agricultura, nos costumes, na religião, entre outros.

A difusão cultural que aconteceu entre os séculos XVI e XX, com as nacionalidades citadas nos parágrafos anteriores, não apresentou um planejamento estratégico hegemônico no país, pois as regiões que mais tiveram influências dessas culturas se concentraram no Sudeste e no Sul. E, ainda assim, a cultura dos imigrantes não dominou a totalidade dessas duas regiões – podemos perceber essa difusão cultural em algumas cidades ou bairros. Por isso, ousamos dizer que não houve uma estratégia política de dominação cultural no país, uma vez que as influências advindas dessas culturas não dominaram todo o país.

No entanto, no próximo capítulo, iremos perceber que a propagação cultural dos Estados Unidos sobre a cultura brasileira tomou um outro rumo. Houve, sim, um planejamento estratégico de neocolonização que funcionou e funciona muito bem no Brasil, e os brasileiros podem não conhecer o fato histórico ou o acordo diplomático feito entre estes dois países nos anos 40, mas, com certeza, notaram que a cultura deles está bem presente no cotidiano brasileiro.

2 A COLONIZAÇÃO POLÍTICA E CULTURAL ESTADOS UNIDOS – BRASIL

2.1 A DOMINAÇÃO NORTE-AMERICANA NO BRASIL NO SÉCULO XX

Para que possamos entender o porquê de os professores brasileiros de LI exaltarem a cultura norte-americana e a língua inglesa, faz-se necessário, como sugerem Van Dijk (2017a) e Moita Lopes (2003), entender o contexto histórico, político e social no Brasil. Assim, a análise dos dados, no discurso dos professores, poderá ser considerada com mais exatidão.

Vale ressaltar, também, que este trabalho não tem a intenção de ser xenofóbico e muito menos de menosprezar a cultura estadunidense no Brasil, pois também há o que se apreciar na cultura deles. O que será estudado, aqui, é como a cultura norte-americana penetrou na cultura brasileira de uma forma silenciosa, mas trazendo consigo o seu poder imperialista. O termo imperialista que utilizaremos neste trabalho é definido por Alves:

[...] com o sentido de “exercício de influência e/ou dominação que, em seu próprio benefício, países de industrialização mais avançada, mais ricos e militarmente mais fortes (chamados ‘centrais’) exercem sobre a economia, a política, a diplomacia e a cultura de outros menos industrializados, mais pobres e militarmente mais fracos (os ‘periféricos), objetivando a ampliação de seus negócios e de seu poder no cenário internacional. Pode haver ou não anexação de territórios e corresponde à fase do capitalismo monopolista (século XIX e XX)”, (ALVES, 2004, p. 58)

Moita Lopes complementa a questão imperialista quando diz que:

Controlar a cultura é controlar o poder, e quem detém a cultura é o imperialista. Transmitir cultura significa impor a ideologia da classe dominante, que vai, é óbvio, atender diretamente aos seus próprios interesses (MOITA LOPES, 2003, p. 47).

Então, o país dominado passa por um processo de transculturação forçada em todos os aspectos e atinge áreas como educação, ciências e tecnologia, meios de comunicação na sua totalidade, política, entre outros. A fim de compreender como se deu a propagação cultural norte-americana no Brasil, faz-se necessário um estudo histórico da expansão da cultura e da língua inglesa na América Latina, que começa em 1823, com a Doutrina Monroe, fundada pelo então presidente americano James Monroe. Essa doutrina consistia numa política externa em que os Estados Unidos não interfeririam na política europeia, mas também não admitiriam que os europeus se intrometessem no continente americano. O imperialismo americano sobre a América Latina se manifestou quando os Estados Unidos afirmaram estar dispostos a ir à guerra

para livrar Cuba e Porto Rico do domínio espanhol. A guerra realmente aconteceu e os norte-americanos venceram.

Entretanto, os cubanos e porto-riquenhos levaram muito tempo para se tornarem independentes, pois, nesse período, Porto Rico foi ameaçado pelos Estados Unidos e Cuba ficou mantida sobre controle americano. Para que houvesse uma boa comunicação com a América do Sul, os Estados Unidos propuseram a construção de um Canal que seria o elo com a América Latina pela Colômbia. Tal proposta fora, a princípio, recusada pelo governo colombiano, e, desde então, os Estados Unidos intervieram política e militarmente nos países do continente sob a justificativa de que “[...] havendo, no continente, incidentes crônicos ou governos incapazes de manter a ordem, uma nação civilizada deveria interferir com poderes de polícia internacional para resolver os problemas” (MOURA, 1984, p. 16).

Esse discurso pertence ao presidente Theodore Roosevelt, cujo intervencionismo ficou conhecido como *big stick*. Então, ao final da década de 20, no século passado, os governos latino-americanos começaram a exigir, nas conferências interamericanas, o respeito ao direito de autodeterminação dos povos e ao princípio da não-intervenção. Foi então que surgiu a política da boa vizinhança, proposta pelo presidente americano Franklin Roosevelt (1933), cujas palavras (apud MOURA, 1984, p.17) revelavam que suas ideias fundamentavam que:

Os Estados Unidos tinham abandonado sua política de intervenção na América Latina; reconheciam a igualdade jurídica entre todas as nações do continente; aceitavam a necessidade de consultas periódicas para resolver os problemas que surgissem entre as repúblicas; e concordavam em cooperar por todos os meios para o bem-estar dos povos da América.

Mudaram os métodos, mas o objetivo ainda era o mesmo. Os Estados Unidos continuaram a não permitir que a Europa influenciasse os países da América Latina, mantendo-se na liderança do continente. Como a Europa enfrentava a Primeira Guerra Mundial, o imperialismo inglês definhava no mercado econômico, liberando caminho para o desenvolvimento do poder norte-americano. Os ingleses e os alemães exportavam produtos para o mercado brasileiro, mas devido ao envolvimento dos dois países na guerra, eles acabaram perdendo este mercado para os norte-americanos. Em 1918, os EUA eram classificados como um dos países com estrutura territorial e economia extremamente inabalável e sua posição geográfica os mantinha longe do cenário da guerra, fazendo com que a economia deles aumentasse cada vez mais.

Na década de 20, o Governo Federal brasileiro pediu emprestado aos EUA 50 milhões de dólares, e, por volta do final da mesma década, o Brasil já tinha uma dívida externa de 35% do crédito emitido pelos norte-americanos. Foi a partir daí que as multinacionais, como

Firestone, Armour, Burroughs, Pan American e American Foreign Power (Electric Bond & Share) instalaram-se pelo país. Esta última dominou o cenário de eletricidade e era responsável pela distribuição de energia elétrica em todo território brasileiro por muito tempo. Bhabha define bem essa relação do Primeiro e do Terceiro Mundo quando pontua que,

[...] na linguagem da economia política, é legítimo representar as relações de exploração e dominação na divisão discursiva entre Primeiro e Terceiro Mundo, entre Norte e Sul. Apesar das alegações de uma retórica espúria de “internacionalismo” por parte das multinacionais estabelecidas e redes de indústrias da tecnologia de novas comunicações, as circulações de signos e bens que existem ficam presas nos circuitos viciosos do superávit que ligam o capital do Primeiro Mundo aos mercados de trabalho do Terceiro Mundo através das cadeias da divisão internacional do trabalho e das diversas classes nacionais de intermediários [comprador] (BHABHA, 1998, p. 44).

O Brasil, cada vez mais, ficava preso aos Estados Unidos. De acordo com a Constituição de 1934, os minérios do subsolo brasileiro deveriam ser considerados propriedades do governo brasileiro e suas jazidas exploradas gradativamente em território nacional. No entanto, as multinacionais também se beneficiaram do aproveitamento da indústria no Brasil, ou seja, não só o país foi beneficiado, mas também os norte-americanos. “Daí o arranjo utilizado pelas múltiplas que se associaram a brasileiros, “forjando armações” que se mostrariam eficientes, sobretudo com a Constituição do Estado Novo (ditadura de Vargas, de 1937 a 1945), pela qual as concessões seriam dadas a brasileiros” (ALVES, 2004, p. 64) ou a acionistas brasileiros.

Assim, começaria uma estratégia da penetração cultural estadunidense no Brasil. Por volta da década de 40, durante o Governo Vargas, os Estados Unidos, para impedir que o Brasil se aliasse aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), instituíram, no Brasil, um órgão chamado Birô (*Office of the Coordination of Inter-American Affairs*), no período de 1940 a 1946, para coordenar os esforços dos Estados Unidos com a América Latina, na relação econômica e cultural. Este Birô serviria para promover a cooperação entre os EUA e os países. De acordo com Moura:

Na realidade, os programas de cooperação e solidariedade hemisférica constituíam instrumentos para atingir outros fins, a saber: enfrentar o desafio do Eixo no plano internacional e consolidar o Estado norte-americano como grande potência (MOURA, 1988, p. 21).

Por isso, o Birô implantou, no país, três grandes áreas interligadas: informação, saúde e alimentação. A informação remetia aos assuntos políticos entre os dois países, porém, no Brasil, havia mais notícias americanas do que os americanos sabiam do Brasil. Os jornais eram favoráveis à propaganda de produtos americanos porque recebiam benefícios. Havia

distribuição de bandeiras americanas e fotos dos presidentes Washington e Roosevelt, com vários slogans, entre os quais se destaca: “A união faz a força”. No cinema, o Birô era responsável por selecionar, juntamente com Hollywood, o que deveria ser exibido no Brasil. Filmes que ridicularizassem países latinos ou questionassem o governo americano eram vetados. Os filmes que se referissem ao Brasil eram voltados para assuntos históricos, viagens e vida corrente e os filmes americanos voltados para as indústrias bélicas, aeronáutica, cinematográfica, o sistema educacional e a cultura em geral.

Artistas brasileiros iam e vinham dos Estados Unidos para tentar desenvolver sua carreira, como foi o caso de Carmem Miranda, que acabou permanecendo nos Estados Unidos. Essa troca servia para demonstrar que eles receberiam os brasileiros de braços abertos. É nessa ocasião que Walt Disney aparece na América Latina, para divulgar o mundo da fantasia e, mais tarde, é criado o popular “Zé Carioca”, papagaio verde-amarelo, em um desenho que representava o povo brasileiro. O “Zé” encontra o Pato Donald, símbolo americano, e logo se entendem muito bem, demonstrando a relação Brasil e Estados Unidos. “Zé” o convida para conhecer a beleza do seu país e Donald fica deslumbrado, principalmente com as baianas que, por sua vez, não eram mulatas. Durante esse encontro, as músicas tocadas foram: *Aquarela do Brasil*, *Tico-Tico no Fubá* e *O que é que a Baiana Tem?*

O rádio passou a transmitir programas que fossem convenientes ao Birô, visto que os americanos não entendiam o português e os brasileiros queriam ouvir notícias do país e dos Estados Unidos. Além disso, havia vários programas voltados para cultura norte-americana, tal como “Família Borges”, uma família de brasileiros nos Estados Unidos, que observavam o estilo de vida deles.

Na área da educação, os americanos proporcionaram treinamentos aos estudantes e técnicos brasileiros, para criação de escolas e cursos de diversas áreas, tais como agronomia, saúde pública, medicina, serviço social, engenharia, secretariado, língua inglesa, entre outros. Todos esses cursos eram fornecidos devido à carência socioeconômica da América Latina.

Assim, como havia este intercâmbio, os Estados Unidos investiram no ensino da língua inglesa, como cita Moura (1984, p. 49):

O governo americano deu incentivos também à difusão do ensino de inglês, por meio de livros, filmes, discos e exposições itinerantes. Os funcionários do Birô no Brasil notavam com satisfação, em 1943, que as escolas americanas precisavam ser urgentemente ampliadas, devido à demanda crescente de matrículas por parte das famílias brasileiras de classe média. Começaria a partir daí o declínio do francês como língua por excelência das chamadas elites culturais do país.

A língua inglesa ganhava seu espaço no Brasil e, até hoje, tem seu efeito ideológico espalhado em todo o país. De acordo com Moita Lopes (2003, p. 47), “o ensino da língua está sendo claramente tomado como um instrumento ideológico. Um outro ponto desta ideologia do colonialismo é estabelecer a superioridade do colonizador e as consequências, inferioridades e dependências do colonizado”. O investimento educacional que estava acontecendo no Brasil, e até então, voltado para certo grupo da sociedade brasileira, propiciava um *status* diferenciado para aquela classe social. Estava estabelecendo-se uma nova parceria internacional com uma potência mundial, com uma cultura encantadora e uma língua em ascensão universal. Então, da mesma forma que os índios sofreram com a destruição da sua cultura pelos portugueses, o brasileiro passava por uma invasão, mas, dessa vez, não fisicamente como fizeram os conquistadores. “Tratava-se agora de uma “invasão teleguiada”, sem a presença do invasor, que, mesmo lá na América do Norte, fazia chegar até nós seus produtos culturais” (ALVES, 2004, p.31).

O Birô foi desativado em 1946, contudo, o Brasil já fazia parte de uma colônia cultural dos EUA. O governo norte-americano não precisava mais esforçar-se para dominar o país. A maneira como penetraram no país foi tão bem estruturada que até hoje consumimos produtos estadunidenses sem perceber todo o esquema de inserção da cultura deles.

2.2 A HEGEMONIA CULTURAL ESTADUNIDENSE NO BRASIL

O Brasil já almejava o padrão de vida americano, pois era sinônimo de uma sociedade mais evoluída e possuía uma civilização supostamente superior. Os índios foram explorados e sem direito de escolher se aceitariam ou não aquelas condições de dominação. Já, no século XX, essa propagação norte-americana tinha o respaldo de uma parcela da sociedade brasileira na qual existia a “convivência da classe dirigente e a aceitação pacífica e quase unânime de toda a população” (ALVES, 2004, p. 31). A ideia de não ter sofrido nenhuma violência física fez com que a população aceitasse a cultura norte-americana sem se dar conta de que já estavam sendo dominados, o que dava aos brasileiros a falsa impressão de liberdade e autodeterminação⁴. De acordo com Alves (2004, p. 31):

Tal como antes ocorrera com os nossos índios, que para trabalhar e viver com os portugueses tiveram de adotar os seus costumes, nós também, agora, como assalariados das multinacionais norte-americanas ou importadores dos produtos de sua ciência, arte e tecnologia, tivemos de aprender o inglês,

⁴ Princípio que o povo de um Estado tem de escolher livremente a sua forma de governo e o seu estatuto político. Priberam Dicionário.

manejar seus artefatos e nos moldar aos seus padrões, a fim de produzir e consumir, em primeiro lugar, o que lhes era mais favorável.

Infelizmente a mesma forma se perpetua até hoje, no país, com o atual governo do Presidente Jair Bolsonaro que, continuamente, repete o discurso de “o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”. Frase dita pelo, então, embaixador brasileiro nos EUA, Juraci Magalhães, nos anos 60.

A incorporação da cultura norte-americana pode ser sentida, com mais notoriedade, no eixo Rio – São Paulo, porque lá se concentra a maior parte das empresas transnacionais e grandes empresas de comunicação. No entanto, o efeito da cultura deles se espalha por todo o país, justamente por causa dos meios de comunicação. Como podemos perceber, a estabilização do Birô e seu papel no Brasil servem para compreendermos como se deu a hegemonia americana no país e, como bem menciona Moura (1988, p. 89), as “parcelas da população e segmentos do Estado brasileiro já tinham assimilado o “americanismo” como modo de vida e instrumento de “modernização do país””.

O planejamento de penetração cultural deles foi estrategicamente arquitetado, e não foi necessário usar da força e nem armamento bélico. A cultura norte-americana está tão atrelada aos hábitos do brasileiro, no dia a dia, que fica difícil classificar como algo estranho, não pertencente à cultura brasileira. Da mesma maneira, acontece com o uso da língua, para certas palavras, como se não houvesse tradução para palavras em português, tais como: *drive in, show, close, office boy* etc e o uso do caso genitivo (*genitive case*), ou seja, o uso do ‘s como indicativo de posse (Antônio ‘s) que, muitas vezes, aparece nos nomes de estabelecimentos comerciais, a fim de demonstrar que os produtos são ótimos e para dar um *status* ao local. Podemos perceber a hegemonia da língua inglesa no Brasil facilmente, pelo fato de estarmos cercados por países que tem a língua espanhola como língua oficial e não ser comum encontrar grandes ofertas de cursos de espanhol como encontramos com cursos de inglês, por exemplo.

Além de ser a língua estrangeira, primordialmente, ensinada nas escolas, pois o ensino da língua espanhola ainda não está na grade curricular de muitas escolas, a presença da língua inglesa está nas músicas tocadas nas rádios, nos centros comerciais, nos filmes, na Netflix e outros serviços de *streaming*, tais como *Amazon Prime Video* e *Apple TV*.

Atualmente, com a globalização e a expansão da tecnologia, a língua inglesa ganhou proporções maiores e foi incorporada ao vocabulário brasileiro sem modificação alguma para a língua portuguesa, tais como: “*web, net, e-mail, laptop, softwares, page, homepage, site, download, business, standard, ranking, fastfood, sale, networking, expert, marketing, franchising, MBA, delivery, hits, performance, bike, breakfast, zoom, van, camping, jet ski*” [...]

(ALVES, 2004, p. 36). A autora ainda acrescenta que “se por um lado a familiaridade com a língua inglesa torna mais fácil a não-percepção da invasão e a aceitação de elementos culturais norte-americanos, por outro, em determinadas ocasiões, é exatamente a ausência do idioma que conduz à mesma situação”.

Além do uso da língua inglesa atrelada à língua portuguesa no Brasil, há ainda outro entrelace da cultura norte-americana com a brasileira. É o caso do consumo de produtos alimentícios norte-americanos e que já são consumidos no Brasil como se fossem comidas e bebidas tradicionais do país, tais como: Coca-Cola, refrigerantes, hambúrgueres, batatinha frita, *ketchup*, cereais, entre outros – e estes produtos foram muitas vezes mencionados pelos professores entrevistados neste trabalho, como veremos no capítulo 7.

Há, também, outros enlatados americanos, como os filmes que, muitas vezes, dublados para o português, fazem com que os brasileiros não percebam o consumo exacerbado dos produtos norte-americanos. O maior número de exibições cinematográficas no Brasil pertence aos EUA. As produções brasileiras e outras nacionalidades não são exibidas em cinemas de *Shopping Centers*, ou melhor, o número é baixíssimo. Por isso, os hábitos dos brasileiros acabam tornando-se tão semelhantes ou, até mesmo, iguais aos dos norte-americanos, o que torna difícil notar o domínio cultural deles.

Assim como acontece com os adultos, a exposição à cultura norte-americana também acontece com o público infantil, todavia, por meio de brinquedos, gibis e programas de TV para criança. Embora, atualmente, as crianças e jovens estejam expostos a outras mídias, como serviço de streaming e redes sociais, eles continuam a acessar os entretenimentos (videoclipes, jogos, músicas, *reality shows*, entre outros) de produção norte-americana e muitos seguem os seus *digital influencers* ou *Youtubers*; acessam redes sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *Tik Tok*. Este último, embora seja uma rede social de origem chinesa, traz muitos vídeos de celebridades americanas para o público infanto-juvenil. Todas essas mídias estão disponíveis nos seus *smartphones*, e é fácil ver esse público preso aos seus aparelhos 24 horas por dia, se o responsável permitir.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Diário Regional Digital, publicada no dia 09 de junho de 2018, os líderes de audiência em canais de televisão são o *Discovery Kids*, com 1,11 pontos de audiência, seguido do *Cartoon Network* com 1,06 pontos de audiência e cada ponto representa 248,6 mil residências ou 693,8 mil telespectadores no Painel Nacional de Televisão.

Isso significa que as crianças brasileiras passam horas em frente à TV, expostas aos desenhos norte-americanos, tais como as animações mais recentes: *Dora, the explorer* (Dora, a aventureira), que é transmitida em 151 países e ensinam a língua inglesa durante suas aventuras

para os telespectadores; *The Backyardigans*; *Mr. Magoo*; *SpongeBob* (Bob Esponja) e *The Loud House* são apenas alguns exemplos. Além dessas, há as animações antigas, como *Tom & Jerry*, *Pernalonga*, *Piu-piu*, *Scooby-Doo*, *Simpsons*, *Garfield*, entre outros. Sem contar com os seriados voltados para os pré-adolescentes e adolescentes, a saber: *Game Shakers*; *Henry Danger*; *Nicky, Ricky, Dicky & Dawn*; *The Thundermans*; *iCarly*; *School of Rock*, que não ganharam tradução nos nomes das séries, apenas a dublagem para o português, e são transmitidos pela Nickelodeon. Porém, ainda há outros canais, como a Disney Channel, a Fox Kids, Nick Jr, Boomerang, Tooncast, entre outros. Claro que há desenhos de nacionalidades diferentes, como *Mini Beat Power Rockers*, da Argentina; Parque Patati Patatá, Mundo Ripilica – As Aventuras de Lilica, A Coala (os três últimos sendo produções do Brasil); *Super Wings*, da Coreia do Sul e dos Estados Unidos; *Ricky Zoom* e *Peppa Big*, da Grã-Bretanha; *Pat The Dog*, da Bélgica; *Winx Club*, da Itália; *Miss Moon*, da França. Esses são alguns exemplos, mas ainda assim a produção norte-americana prevalece durante toda a programação infanto-juvenil.

Além disso, existem as histórias em quadrinhos que trazem as aventuras dos super-heróis da *Marvel* e *DC*. Dois fortes quadrinhos norte-americanos conhecidos mundialmente, que trazem heróis e vilões com poderes distintos. Esses quadrinhos também trazem conotações políticas e foram usados para demonstrar o poder estadunidense para o mundo. No entanto, os *mangás* (gibis japoneses), de igual modo, começaram a ter seu espaço no mercado brasileiro, nos anos 70, mas ganharam força em 2000, com a popularização dos mangá, por meio de outras editoras, tornando-os mais famosos, como o *Samurai-X*, *Cavaleiros do Zodíaco* e *Dragon Ball*. Os norte-americanos perceberam a propagação japonesa nesse setor e criaram suas parcerias e suas versões para o *mangá*.

Os Estados Unidos protegiam de outros invasores seu território conquistado. Agora, o público brasileiro poderia usufruir das publicações dos gibis com seus super-heróis com influência do estilo japonês. Os quadrinhos tornaram-se grandes produções hollywoodianas e, quando os filmes chegam ao Brasil, lotam as salas de cinemas. Esses não só conseguem atingir um público infanto-juvenil como também um público adulto.

A investida cultural não para por aí. Ainda há produtos com influência norte-americana nos materiais escolares com personagens de super-heróis, personagens de seriados e desenhos em capa de cadernos, lápis, borracha, régua, canetas, lancheiras, entre outros. Até mesmo em decorações de festas infantis, que trabalham com essa temática da cultura norte-americana, e raramente a cultura brasileira. O produto brasileiro que ainda consegue sobressair à propagação estadunidense é a turma da Mônica.

No século XX, era comum a comercialização de bonecas loiras, de olhos azuis, que se vestiam e tinham o aspecto físico de meninas norte-americanas. Em 1959, a boneca mais famosa do mundo nascia: Barbie. Uma boneca que parecia ser uma jovem-adulta, de elegância incomparável a outras bonecas, linda, seguindo os padrões norte-americanos, “de classe abastada (provavelmente até moradora de *Beverly Hills*), com piscina, academia de ginástica, cozinha, shopping, um vasto e rico guarda-roupa” (ALVES, 2004, p. 52), tudo que encantava qualquer menina.

Apesar da fama da Barbie e de expandir-se mundialmente, ela tardou em chegar ao Brasil. Por isso, a boneca Susie, de produção brasileira, pela empresa Estrela, surge em 1961, como uma forma de compensar ou de substituir a Barbie no Brasil. A boneca Susie tinha todos os aspectos da Barbie, mas elas não eram iguais, a Susie seria a que mais se assemelhava a ela. As crianças que conseguiam esse produto almejavam ter uma Barbie. Quando a Barbie chegou ao Brasil, em 1982, a Susie deixou de ser tão procurada e, três anos depois, a produção da Susie terminou. Ela voltaria a ser comercializada na década de 90, mas com algumas transformações físicas, para tentar concorrer com a Barbie.

O público dos garotos não ficou de fora desse mercado. Os meninos brasileiros eram atraídos por brinquedos que em nada lembravam a cultura brasileira, pois a influência era puramente estadunidense. Todavia, como eles já eram um público de maior consumo de histórias em quadrinhos, nada melhor do que dar a chance de exercer a força que seus heróis possuem. Assim, os meninos consumiam como brinquedos:

[...] jeeps com baterias antiaéreas, aviões da U.S. Air Force carregando mísseis, Buggys Action's, tanques lança-foguetes, turbo-submarinos, supercaças bombardeiros, carros de corrida, motos laser etc., tudo a nos lembrar o poderio militar dos EUA, sua avançada tecnologia e, implicitamente, a existência de inimigos que os seus heróis necessitam combater, bem como a vantagem de ter essa grande potência como aliada. (ALVES, 2004, p. 53)

Não foi preciso usar de força física para fazer com que os brasileiros se tornassem consumidores assíduos dos produtos norte-americanos. Deve ser difícil deixar de consumi-los porque, de certa forma, já faz parte do cotidiano da população. É um consumo natural, por uma imposição velada, através dos meios de entretenimento, mídia e até política, fazendo com que as pessoas se sintam pertencentes à cultura do outro. Então, como deixar de consumir algo que já faz parte do dia a dia? Por isso, é corriqueiro ouvir brasileiros dizerem que os EUA são o melhor país do mundo, visto que o *American way of life* é muito presente no Brasil. E não seria

diferente para os professores brasileiros de LI, por estarem mais imersos nessa cultura, passam a advogar a favor da cultura norte-americana, quando Jesus pontua que:

[...] É nesse enquadramento teórico que procuro situar a identidade profissional do professor de língua estrangeira como fruto de práticas discursivas que têm um caráter convencional e reprodutor das condições de produção do que é ser um docente no mundo capitalista, constituindo uma complexa teia de luta de poder, gerador de ideologias diversas que se auto alimentam. Dessa forma, os educadores assumem ideias e atitudes que não são suas, antes lhes são impostas de forma tão sutil que eles as defendem como próprias (JESUS, 2011, p. 177).

O período de expansão da industrialização norte-americana no Brasil se deu com as empresas multinacionais no país e, juntamente com elas, a ideologia e a hegemonia do capitalismo dos EUA. A fim de compreender melhor como isso aconteceu, no próximo capítulo, iremos analisar como tanto a ideologia quanto a hegemonia norte-americana se estabeleceram no Brasil e como isso contribuiu para fortalecer a crença da população brasileira de que o modo de vida dos americanos é ideal, superior e natural.

3 IDEOLOGIA E HEGEMONIA

3.1 A IDEOLOGIA SOCIAL NO BRASIL

A industrialização, que ocorreu no século XVIII, surgiu na história para impulsionar o mercado econômico, bem como para firmar o sistema capitalista que começou a ter mais força, no século XIX, quando outros países da Europa adotaram o mesmo sistema, favorecendo a classe burguesa. Produtos que antes eram manufaturados passaram a ser produzidos em larga escala, como utensílios eletrodomésticos, roupas, materiais de construção, alimentos, entre outros. Contudo, não só esses produtos passaram a ser comercializados em grande escala, pois houve, também, uma industrialização cultural bem expressiva no setor da “[...] literatura, arte, religião, ciência, atividades lúdicas, humor etc. passaram a ser vistos pelos interesses capitalistas outras e (novas) possibilidades de produção de lucro, sendo, por isso, também tratados segundo as regras do mercado” (ALVES, 2004, p. 84).

A expansão da indústria cultural começou com artifícios publicitários e por meios de comunicação, como rádio, TV, imprensa, cinema e, atualmente, das mídias sociais. De acordo com Alves:

Artistas, cientistas, pensadores e comunicólogos foram contratados como trabalhadores assalariados a serviço de tecnologias avançadas, vendendo sua força de trabalho para produzir “cultura enlatada”, rotulada, disposta em prateleiras com etiqueta de preço e anunciada em cartazes à disposição de fregueses em potencial. Capital e trabalho se combinavam para elaborar, como produtos finais, programas para rádio ou TV, filmes, revistas, jornais etc (ALVES, 2004, p. 84).

Dessa maneira, a expressão *indústria cultural*, utilizada pela primeira vez nos anos 40, começou a ser generalizada e o consumo passou a ser efetivado na sociedade que se entreteria com os avanços tecnológicos no setor de meios de comunicação. A indústria cultural brasileira também sofreu e sofre influências do capital estrangeiro, principalmente, dos Estados Unidos. As multinacionais não se concentraram apenas no setor das máquinas, mas também no setor cultural. Como as mercadorias importadas foram produzidas sob um sistema econômico de influência do seu país de origem, elas também trouxeram consigo os aspectos do capitalismo que se refletem na maneira de pensar, sentir e agir igual ao país fornecedor do produto, ou seja, “como esses conteúdos ideológicos são, em grande parte, os do capitalismo dos USA, exercem influência sobre nós, orientando-se para determinadas posturas políticas, econômicas e sociais e projetos de vida que, em geral, são os que mais interessam a eles” (ALVES, 2004, p. 85).

Mas, então, o que é ideologia? A definição de ideologia que iremos adotar, neste trabalho, pertence à perspectiva do teórico Van Dijk, que entende ideologia como “crenças fundamentais de um grupo e seus membros” (2000, p. 7)⁵. Para o mesmo teórico, a ideologia é composta por elementos de cognições sociais, visto que a ideologia é um fenômeno complexo e que requer uma abordagem multidisciplinar, pois leva em consideração áreas da psicologia, sociologia e política para a compreensão do funcionamento desse fenômeno. De acordo com o pesquisador, a ideologia funciona com a cognição social, que analisa as representações mentais, como conhecimento, opiniões, atitudes, normas e valores e estas representações são compartilhadas por um grupo de pessoas que mantêm a mesma ideia e que, por isso, “adquirem, compartilham, propagam e as usam para promover seus interesses coletivos e para guiar suas práticas sociais” (VAN DIJK, 2015a, p. 1). Assim:

Como os sistemas de ideias compartilhadas socialmente, as ideologias são parte de uma rede muito complexa das representações mentais, baseadas neurologicamente, armazenadas na suposta memória “semântica” de longo prazo. Como é o caso para as comunidades de conhecimento socioculturalmente compartilhadas, elas são lentamente adquiridas, e relativamente, estáveis a fim de servir como uma base cognitiva fundamental para a conduta social do cotidiano e o discurso de membros do grupo. Nesse sentido, ninguém se torna racista ou feminista da noite para o dia, nem um antirracista ou um antifeminista⁶ (VAN DIJK, 2015a, p. 2).

Diante disso, podemos perceber que nenhum brasileiro começou a consumir os produtos norte-americanos e concordar com sua ideologia da noite para o dia. Foram sequências de fatores políticos, sociais e psicológicos que contribuíram; e contribuem para essa identificação com o estilo de vida dos estadunidenses. Por isso, podemos reconhecer o grupo de pessoas que se identificam com a cultura e a língua norte-americanas. Essa polarização de grupos pode ser classificada como o grupo do “NÓS” e do “ELES”.

Essa polarização se dá através de compartilhamentos de ideias que os membros dos grupos têm em comum. O grupo do “NÓS” se diz pertencente a um grupo positivo, no que diz respeito a normas, valores, atitudes, entre outros; e o grupo do “ELES” é visto como algo negativo, pois estes não compartilham das mesmas ideias e são tidos como inferiores (VAN DIJK, 2015a).

⁵ Tradução livre: Ideologies are the fundamental beliefs of a group and its members.

⁶ Tradução livre: As socially shared system of ideas, ideologies are part of a very complex network of neurologically based mental representations stored in the (so-called “semantic”) long-term memory. As is the case for the socioculturally shared knowledge of communities, they are slowly acquired and relatively stable in order to serve as a fundamental cognitive basis for the everyday social conduct and discourse of group members. One does not become a racist or feminist overnight, nor an antiracist or an antifeminist for that matter.

No caso deste trabalho, à medida que lemos e refletimos sobre a teoria de Van Dijk (2015a), vamos ficando cada vez mais convencidos de que a visão da polarização acontece às avessas, ou seja, o “ELES” (os norte-americanos) é mais desenvolvido, superior, possui as mais avançadas tecnologias, enquanto o “NÓS” (brasileiros) é subdesenvolvido, inferior, entre outros. Seria um etnocentrismo às avessas?

É o olhar do brasileiro em detrimento de sua própria cultura. Um olhar de um complexo de vira-latas, que Rodrigues (1993, p. 52) define como “[...] a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”. Embora Nelson Rodrigues tenha dito que o brasileiro se coloca na posição de inferioridade voluntariamente, pudemos perceber, a partir das discussões nos capítulos anteriores, que não seria uma colocação voluntária e sim um comportamento involuntário, um comportamento de um colonizado para um colonizador, como foi exposto no capítulo 2.

Souza (2018) faz um estudo cronológico de por que a sociedade brasileira se põe nesse papel de vira-latas, não só pela exaltação dos costumes dos norte-americanos, mas também daqueles dos europeus. A alta classe média brasileira, na tentativa de assemelhar-se aos norte-americanos, adquire muito mais os produtos importados, para sentir-se como eles; e a baixa classe média brasileira, para não se sentir comparada à classe da massa, começa a imitar o comportamento da alta classe média, que tem os norte-americanos como um modelo idealizado de perfeição e honestidade. De acordo com Souza:

A alta classe média brasileira incorpora, assim, o sentido mais típico do desterrado na própria terra, ansioso por imitar e se sentir um estrangeiro de primeira classe, como o europeu, em terras tropicais. Por isso, a exibição de marcas estrangeiras de luxo e o consumo de alimentos e bebidas similar ao de europeus e americanos tornam-se a prova empírica de sua singularidade e distinção diante das classes abaixo dela, incapazes de manter tal padrão de consumo. (SOUZA, 2018, p. 128)

Não só Souza (2018) destaca essa ideia de um comportamento do *brasileiro vira-lata*. Gramsci (1978) apresenta uma ideia que contribui para esse entendimento – o de que “é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção de mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática” (apud ALVES, 2010, p. 74).

Como consequência desse modo operante de posições de classes, a oprimida sente que pode chegar à estrutura da alta classe média, o opressor, e, mais além, a classe média brasileira também tentará alcançar o mesmo padrão de vida da alta classe média, imitando os costumes dos americanos e aproveitando-se da industrialização que chegara ao Brasil. Souza (2018, p. 132) complementa que “a industrialização e a ampliação do mercado interno são percebidas

pela massa da classe média como um caminho alternativo para o consumo de padrão europeu e norte-americano já alcançado pela alta classe média”. Nesse sentido, arriscamos afirmar que as atitudes sociais tomadas por ambas as classes fazem com que tenhamos o cenário de complexo de inferioridade que observamos, hoje, no Brasil.

As atitudes sociais servem como um guia para nossas práticas sociais no dia a dia. Elas estão atreladas às ideologias que as pessoas têm com relação a diferentes eventos e situações. “Portanto, membros de grupos podem ter estereótipos, preconceitos, ou outras atitudes genéricas na intervenção do governo no mercado, na imigração, no aborto, no casamento homoafetivo, a pena de morte, ou nas cotas das minorias, entre muitos outros assuntos⁷” (VAN DIJK, 2015a, p. 3) e, como as bases ideológicas sociais e as práticas sociais podem ter vertentes distintas, pode haver, também, uma polarização social, ou seja, um grupo pode ser a favor do casamento homoafetivo e um grupo pode ser contra, pois haverá as representações sociais positivas de um grupo e as representações negativas de outro grupo. De acordo com Van Dijk:

Ao passo que as ideologias podem definir a coerência geral de várias atitudes de um grupo, suas próprias atitudes são mais específicas e tendem a influenciar nosso discurso e outras práticas sociais como membros de grupo mais diretamente. Isto também significa que normalmente adquirimos primeiro atitudes específicas, e só depois adquirimos uma estrutura ideológica mais fundamental para elas⁸ (VAN DIJK, 2015a, p. 3)

A ideologia está fundamentada numa noção construída nos nossos modelos mentais. “Os modelos estão definidos como incorporações das representações mentais subjetivas da experiência pessoal, ações e situações e são representadas na memória episódica (autobiográfica) parte da memória a longo prazo⁹” (VAN DIJK, 2015a, p. 3). O conhecimento, a ideologia e a atitude compartilhados socialmente poderão influenciar nos modelos mentais. Porém, como os modelos mentais também sofrem influências das experiências pessoais, sejam elas antigas ou atuais, estas não se restringem apenas a questões sociais. Assim, podemos perceber que o brasileiro, ao ser exposto à cultura norte-americana desde a infância, retém, na memória, influências culturais norte-americanas por um período longo da vida e mantém durante a vida adulta. Além disso, as práticas sociais às quais estão expostos corroboram para

⁷ Tradução livre: Thus, group members may have stereotypes, prejudices, or other generic attitudes on government intervention in the market, on immigration, abortion, homosexual marriage, the death penalty, or minority quotas, among many other issues.

⁸ Tradução livre: Whereas ideologies may define the general coherence of various attitudes of a group, attitudes themselves are more specific and tend to influence our discourse and other social practices as group members more directly. This also means that we usually acquire specific attitudes first, and only later acquire a more fundamental ideological framework for them.

⁹ Tradução livre: Models are defined as embodied, subjective mental representations of personal experiences, actions, and situations, and are represented in the episodic (autobiographical) memory part of long-term memory.

as crenças de inferioridade diante do dominador. As exposições às mídias e ao entretenimento, que ainda têm grande influência sobre o brasileiro, fazem com que ele mantenha as representações mentais subjugadas. Segundo Van Dijk:

Os modelos são representações mentais subjetivas de eventos específicos e situações e compartilham um esquema cognitivo fundamental, definindo todas as experiências humanas, organizando por tal categoria básica, como configuração (tempo, lugar), participantes (suas identidades, papéis e relacionamentos), eventos em andamento, ações ou situações e metas. Tais modelos mentais servem não só para representar as ações passadas, mas também para controlar a conduta em andamento e para planejar ações futuras de membros de grupos¹⁰. (VAN DIJK, 2015a, p. 4)

Diante disso, podemos perceber por que as pessoas que têm o mesmo interesse procuram pertencer a grupos que compartilham ideias e experiências semelhantes. Os discursos e as comunicações servem como base para práticas ideológicas do grupo e dos membros que o compõem.

Além da ideologia como cognição social e seus elementos, há, em segundo lugar, a comunicação e o discurso ideológico. Para Van Dijk (2015a, p.4), “as ideologias não são inatas, mas aprendidas¹¹”, pois, como vimos acima, as ideologias são adquiridas gradativamente com membros de grupos sociais ou por meio de experiências pessoais (os modelos mentais subjetivos), através do compartilhamento de atitudes sociais, no que diz respeito às questões sociais e políticas. Assim, as ideologias são produzidas e reproduzidas por meio da fala e da escrita, no discurso ideológico, e podemos perceber isso nos noticiários, nos artigos científicos, nos panfletos, na bíblia, nas conversas diárias entre pessoas de um mesmo grupo ou de grupos distintos, entre outros.

3.2 O DISCURSO IDEOLÓGICO

A comunicação e o discurso ideológico são compostos pelas estruturas discursivas ideológicas e o modelo contextual. “O discurso ideológico não é formado arbitrariamente¹²” (VAN DIJK, 2015a, p. 4) e, por isso, algumas estruturas podem ser mais eficientes do que

¹⁰ Tradução livre: Models are subjective mental representations of specific events and situations and share a fundamental cognitive schema defining all human experiences, organized by such basic categories as setting (time, place), participants (and their identities, roles, and relationships), ongoing events, actions, or situations, and goals. Such mental models serve not only to represent past actions but also to control ongoing conduct and to plan future actions of group members.

¹¹ Tradução livre: Ideologies are not innate but learned.

¹² Tradução livre: Ideological discourse is not shaped arbitrarily.

outras. Uma das propriedades do discurso ideológico é o discurso polarizado, podendo ser identificado gramaticalmente pelos marcadores “Nós” e “Eles”. Esses marcadores podem afetar as estruturas discursivas de forma variável em todos os níveis do discurso, como, também em seu contexto na comunicação e isso pode ser visto em situações, como, “quem tem a palavra em um debate ou conversação, quem tem acesso ativo ou passivo no discurso público, tópicos gerais do discurso, descrições de pessoas e suas ações e propriedades, itens lexicais (palavras), metáforas, implicações e pressuposições, argumentos, estruturas narrativas, operações retóricas (“figuras”), tais como hipérboles e eufemismos, imagens e fotos, entre outros¹³” (VAN DIJK, 2015a, p. 5).

Para o autor, essa polarização discursiva é caracterizada pelas propriedades positivas do “Nós” (o endogrupo), e as propriedades negativas do “Eles” (o exogrupo). “Ao mesmo tempo, as propriedades negativas do endogrupo e as propriedades positivas do exogrupo são tipicamente enfatizadas, suavizadas, mitigadas, ou simplesmente ignoradas ou escondidas¹⁴” (VAN DIJK, 2015a, p. 5). Dessa forma, o autor conceitua um quadro ideológico que pode ser utilizado em todos os níveis da polarização.

- Enfatiza as coisas positivas sobre Nós.
- Enfatiza as coisas negativas sobre Eles.
- Desenfatiza as coisas negativas sobre Nós.
- Desenfatiza as coisas positivas sobre Eles.

Fonte: Dijk, Van. Ideology and Discourse. 2000

Estes pares de opostos vão conduzir-nos para a análise das variações nas estruturas da polarização, pois há muitas maneiras de enfatizar e desenfatizar¹⁵ os significados, assim como as bases ideológicas encontradas no discurso. Para este trabalho, iremos ater-nos a esses elementos que compõem a estrutura discursiva, como o significado e alguns dos seus aspectos, tais como: implicações e pressuposições e contrastes para posterior análise de dados.

¹³ Tradução livre: who has the floor in a debate or conversation, who has active or passive access to public discourse, overall discourse topics, descriptions of people and their actions and properties, lexical items (words), metaphors, implications and presuppositions, arguments, narrative structures, rhetorical operations (“figures”), such as hyperboles and euphemisms, images and photos and so on.

¹⁴ Tradução livre: At the same time, the negative properties of the ingroup and the positive ones of the outgroup are typically de-emphasized, toned down, mitigated, or simply ignored or hidden.

¹⁵ Termo utilizado na tradução de Pedro Theobald (perth@puers.br – PUCRS), com revisão do autor. Original: Ideology. In: The International Encyclopedia of Political Communication. (MAZZOLENI [Ed.]). Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s53-s61, dez. 2015.

Significado está relacionado às semânticas do discurso ideológico. Como o conteúdo ideológico está imbricado com o significado do discurso, há uma série de aspectos que compõem o significado. Porém, para esta pesquisa, utilizaremos os aspectos de *implicações* e *pressuposições* e, por fim, o *contraste*, visto que eles serão os elementos que nos nortearão para compreender um discurso polarizado.

- Implicações e pressuposições – A produção discursiva é baseada nos modelos mentais que temos sobre alguns eventos e, por isso, quando nos expressamos, mostramos parte desse modelo. Assim, quando o discurso explicita do que se trata, utilizamos o recurso da pressuposição. O fato de que “os receptores têm amplos acúmulos de conhecimentos socioculturais gerais e conhecimentos profissionais ou interpessoais mais específicos” (VAN DIJK, 2017a, p. 255) faz com que o interlocutor suponha que o receptor compreenderá o significado daquele discurso. Da mesma forma que a pressuposição está inferida no discurso, as implicações exercem semelhante função. Segundo Van Dijk:

[...] o discurso tem muitas implicações de significados que não são enunciados explicitamente pelo falante ou ouvinte, mas que também não são expressos porque são facilmente inferidos pelos receptores a partir do conhecimento sociocultural compartilhado, ou porque tais implicações são irrelevantes. (VAN DIJK, 2017a, p. 255)

Em outras palavras, tanto o interlocutor como o receptor pressupõem que se entenda a mensagem naquele discurso uma vez que eles compartilham o mesmo conhecimento.

- Contraste – Van Dijk declara que “as ideologias sempre emergem quando dois ou mais grupos têm conflitos de interesses¹⁶” (VAN DIJK, 2000, p. 49) ou quando surge uma competitividade ou um confronto social cuja situação esteja em caso de dominação de algum dos lados. Esse contraste pode ser observado nas formas de polarização, ou seja, pelos pronomes já mencionados *nós* e *eles*. Como estratégia de discurso ideológico, essa forma de polarização serve para enfatizar “nossas coisas boas” e o que há de “ruim nas coisas deles”. Dessa forma, os grupos são designados como endogrupo e exogrupo porque ambos apresentam em seu discurso a polarização existente na atitude e na ideologia.

¹⁶ Tradução livre: Ideologies often emerge when two or more groups have conflicting interests [...]

3.3 O DISCURSO DO PODER E SUAS IMPLICAÇÕES

Outro aspecto para a explicação da existência dessa polarização de grupos e sua ideologia está relacionado com a hegemonia na sociedade. Geralmente, a hegemonia é exercida por uma classe social que usa de poder sobre outra, assim a supremacia é mantida numa sociedade. No entanto, este poder não é apenas representado pelo viés político, a hegemonia também abrange áreas que abordam questões socioeconômicas e culturais (ADAMSON, 1980).

Com esses elementos, a massa pode ser dominada e torna-se *refém* dessa autoridade por meio da força física ou da manipulação. O filósofo marxista italiano Antonio Gramsci (1978; 2004) trabalhou o conceito de hegemonia em duas definições, por causa de dois momentos distintos experimentados por ele. Uma sobre o governo de Lênin e a ditadura; outra quando ele foi preso (ADAMSON, 1980).

Na primeira fase, Gramsci (1978) teve uma influência da teoria marxista e começou a estudar a hegemonia através do poder político e a força exercida da classe dominante sobre o proletariado, a sociedade civil. Assim como Karl Marx, Gramsci (1978) acreditava que a classe proletarizada iria rebelar-se contra o sistema hegemônico, pois o proletariado sofria com o sistema capitalista. Era por meio do controle de poder que o Estado conseguia impor seus interesses à sociedade, fazendo com que o interesse de uma classe passasse a ser o interesse das demais classes (ADAMSON, 1980).

Dessa forma, é possível criar nessa sociedade um interesse único. Interesse este que favorece a classe dominante, classe que o Estado protege e à qual ela pertence (GRAMSCI, 1978). Então, essa sociedade passa a ter um pensamento único, um pensamento hegemônico que controla a maioria da população por meio de uma adesão, ou seja, para aquele que pretende fazer parte daquela classe ou por passividade, pois a parte da população que não tivesse interesse de entrar na classe dominante tornava-se passiva por meio de alienação política e cultural. O domínio cultural acontece por meio de instituições sociais, tais como a igreja, meios de comunicação, as escolas, as empresas, entre outros. Então, Gramsci (2004) começa a estudar a relação entre a hegemonia e a cultura, que seria a segunda fase de sua teoria, pois “o nível hegemônico representa o avanço para uma “consciência de classe”, em que a classe é entendida,

não apenas economicamente, mas também em termos de um intelectual comum e de uma consciência moral, uma cultura comum¹⁷” (ADAMSON, 1980, p. 171).

Gramsci (2004) propõe a elaboração de um intelecto orgânico no qual um grupo teria seus interesses representados nas questões sociais e culturais e, logo, não existiriam pequenos grupos intelectuais, mas sim um progresso intelectual de massa, que seria representado politicamente. Se não houvesse um intelectual que representasse a massa, seria impossível a classe operária libertar-se da hegemonia, visto que eles ainda não tinham desenvolvido seus pensamentos críticos e, para Gramsci (1978; 2004), sem um intelectual que aja a favor dessa classe, não haveria independência do dominado. Se as classes subalternas quisessem romper com o sistema hegemônico da classe dirigente e a ideologia dominante, elas deveriam desenvolver seu próprio aparato hegemônico e ter uma nova direção política e ideológica. No entanto, Gramsci (2004) admite que é difícil a classe dirigente perder seu poder, uma vez que ela já exerce uma autoridade estabelecida com relação à classe dominada, pois já há um pessoal numeroso e preparado que conseguiria tomar o poder da classe subalterna rapidamente.

Van Dijk sintetiza esse poder social pelo termo controle, pois, os grupos que podem ser maiores ou menores têm o poder de controlar os atos e as mentes dos membros de outros grupos e esse controle se dá por meio das instituições sociais e de outros recursos sociais. De acordo com Van Dijk:

É possível distinguir diferentes tipos de poder de acordo com os recursos empregados para exercê-lo: o poder coercitivo dos militares e dos homens violentos estará baseado principalmente na força; já os ricos terão o poder por causa do seu dinheiro; enquanto o maior ou o menor poder persuasivo de pais, professores ou jornalistas pode estar baseado no conhecimento, na informação ou na autoridade (VAN DIJK, 2017b, p. 117).

No entanto, o autor também ressalta que o poder não é absoluto porque o controle pode acontecer de um grupo a outro de modo parcial, ou ainda, pode haver um controle em situações ou dominações sociais específicas. Van Dijk (2017b, p. 118) argumenta que “os grupos dominados podem, em menor ou maior grau, aceitar, consentir, acatar, legitimar ou resistir a esse poder e até mesmo achá-lo “natural””. No caso deste trabalho, o natural está atrelado à cultura norte-americana no nosso país, pois, como vimos anteriormente, a cultura norte-americana está tão imbricada no cotidiano brasileiro que é tida como algo natural.

¹⁷ Tradução livre: The hegemonic level represents the advance to a "class consciousness", where class is understood not only economically but also in terms of a common intellectual and moral awareness, a common culture.

A hegemonia que o governo norte-americano exerce no Brasil é muito forte, uma vez que controlam-se os meios de comunicação brasileiros, pois estes, normalmente, retratam os EUA como o país mais evoluído, onde tudo dá certo, focando no poder do controle cultural que remete à indústria de entretenimento, vestuário, estilo de vida, entre outros. Quando esses recursos são utilizados, fica mais fácil controlar as mentes das pessoas sem precisar agredi-las fisicamente. Van Dijk (2017b, p. 118) endossa esse mecanismo, afirmando que “se somos capazes de influenciar as mentes das pessoas – por exemplo, seu conhecimento ou suas opiniões –, podemos indiretamente controlar (algumas de) suas ações, tal como sabemos, a partir da persuasão e da manipulação”.

O controle do discurso público se dá por meio das elites simbólicas, como professores, políticos e jornalistas, pois estes possuem um controle público do discurso e a maioria das pessoas, muitas vezes, encontram-se passivas nesse discurso. O contexto é um aspecto essencial, pois “o contexto é definido como a estrutura mentalmente representada daquelas propriedades da situação social que são relevantes para a produção ou compreensão do discurso” (VAN DIJK, 2017b, p. 119).

O controle das mentes vai muito além das crenças pelas quais as pessoas estão expostas, conforme o discurso e a comunicação. De acordo com Van Dijk (2017b, p. 121), “se controlar o discurso é umas das principais formas de poder, controlar as mentes das pessoas é uma outra forma fundamental de reproduzir a dominação e a hegemonia”, por isso, quando a fonte do discurso vem de uma autoridade confiável, é mais fácil os receptores aceitarem as crenças e conhecimentos e opiniões e tê-las como verdade. Eles podem não possuir o mesmo nível de informação que a fonte confiável tem e, assim, tendem a acreditar no discurso ao qual estão expostos. Dessa forma, pode acontecer de um professor em seu discurso continuar fomentando a crença de que tudo que vem de fora é bom, e os alunos, se passivos, podem tomar como verdade absoluta. O contexto também exerce um papel fundamental nesse sentido. O Brasil está atravessando um período de incertezas políticas, pouco investimento na educação, cultura, saúde, a desvalorização da moeda, entre outras situações, o que reforça a crença de que não há outra solução a não ser mudar de país.

No próximo capítulo, iremos compreender como funciona o discurso dos professores em sala de aula, suas crenças com relação ao ensino da língua inglesa e a cultura de países que têm o inglês como língua materna.

4 A INFLUÊNCIA DA CULTURA NORTE-AMERICANA NO DISCURSO DOS PROFESSORES DE LI

4.1 O PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: PERSPECTIVA CRÍTICA

Depois de analisar e estabelecer o contexto histórico, político e social no Brasil e compreender como a cultura norte-americana e a língua inglesa exercem uma influência grande no cotidiano da sociedade brasileira e como a ideologia e o poder no discurso operam numa sociedade, neste capítulo, iremos estudar as atitudes, as crenças de professores brasileiros de LI sobre a cultura e a língua estadunidense. É importante salientar que os professores brasileiros de LI não estão sozinhos frente a esse fenômeno de quase glorificação dos norte-americanos, termo usado por Moita Lopes (2003), mas também que a sociedade brasileira ainda não refletiu sobre essa hegemonia norte-americana no país. Como os professores de LI estão mais imersos nesse universo cultural e linguístico, por causa do trabalho e dos materiais didáticos, feitos para mostrar a perfeição de outros países cuja língua materna é a língua inglesa, é mais fácil que esse fascínio e adoração ganhem cada vez mais força.

Um dos aspectos a serem analisados, aqui, é a crença que os professores brasileiros de LI têm sobre os países anglófonos, pois não só os Estados Unidos são exaltados, mas outros países da América do Norte e europeus também o são. É comum ouvir discursos positivos sobre países como Canadá, Inglaterra, Irlanda e Escócia. No entanto, o que sobressai, no Brasil, dentro dessa comunidade de professores, pelo menos no grupo de professores que participaram deste trabalho, foi a positividade advinda dos EUA e não é de se estranhar, visto que o império americano domina culturalmente este país e, como efeito, as crenças de que toda sociedade norte-americana é civilizada. Eles possuem tecnologia de ponta, o padrão na urbanização, entre outros, tudo isso encanta esses professores que, muitas vezes, escolhem ensinar a língua inglesa como uma maneira de estar e de se sentir mais próximos da cultura do outro, a cultura almejada.

Nesse cenário do Nós e do Eles, temos uma polarização entre esses dois grupos, mas, ao contrário da teoria de Van Dijk, parece-nos que o grupo de Nós, aqui, não é considerado o positivo; e o Eles, o negativo. Nesse cenário, acontece às avessas. O “Eles”, os norte-americanos, são positivos, superiores, civilizados, honestos; e o “Nós”, corresponde aos brasileiros, que se colocam em condições negativas, inferiores, não civilizados, desonestos diante do outro. Essas representações mentais estão tão entranhadas que os professores não conseguem distinguir essa ênfase no “Eles” e a desênfase no “Nós”, em si mesmos.

E não é fácil combater esse tipo de pensamento, visto que os modelos mentais aos quais os professores estão expostos, por meio das mídias de entretenimento e dos produtos alimentícios, eletrônicos etc., estão espalhados em muitos lugares, no Brasil, fomentando o poder e o desenvolvimento dos estadunidenses. Toda essa exposição tornou-se tão natural, que não damos conta das atitudes tomadas com o discurso de exaltação.

Mas, então, como se dá a formação desse profissional e quando ele começa a cooperar com a hegemonia norte-americana no seu país? Podemos iniciar este questionamento com o simples fato de que a reflexão sobre esse poder estadunidense sobre a população da América Central e do Sul não é algo tão simples de resolver, porque vai além das questões pedagógicas, de sala de aula. É uma questão política muito bem estruturada. Os professores, muitas vezes, são formados sem ter a oportunidade de estudar a vinda e a permanência da cultura americana e da língua inglesa em seu país. No Brasil, muitos podem ter o conhecimento de que a língua franca, antes da dominação da língua inglesa, era a francesa, mas não um entendimento histórico do que realmente aconteceu no Brasil e suas consequências. Muitos professores decidem ser professores por gostarem ou quererem manter o contato com a LI ou porque tiveram um professor de inglês que admiraram tanto, que decidiram seguir a mesma profissão.

Embora a autora Britzman, em seu livro, faça uma análise sobre um professor em formação e a posição dada a ele de professor-estagiário, na qual deve decidir se segue o modelo de um professor tirano ou um professor camarada, ela ressalta que “nenhuma identidade em ensino é singular ou sem contradições; a identidade do professor expressa uma cacofonia de chamados”¹⁸ (BRITZMAN, 2003, p. 223), o que, para este trabalho, tomaremos para entendimento de como o modelo de professores pode influenciar um novo professor. Então, se o professor modelo enaltece a cultura norte-americana em detrimento da cultura brasileira, no seu discurso, durante suas aulas no curso de Letras, por exemplo, um aluno professor, que compartilha a mesma representação mental, manterá a crença de que tudo que vem dos EUA é bom.

Dessa maneira, ele tende a permanecer em um determinado grupo que compartilha das mesmas ideias e atitudes e isso é comum de se observar em um grupo de professores de língua estrangeira, especialmente de língua inglesa. Geralmente, eles consomem coisas em comum, como filmes americanos, músicas americanas, produtos alimentícios e eletrônicos americanos, tornando seus hábitos comuns. Com os que são considerados fora desse “padrão”, não há muito que ser compartilhado.

¹⁸ No teaching identity is ever singular or without contradictions; the teacher's identity expresses a cacophony of calls.

Em consequência, também é comum ouvir comentários, “como *me sinto melhor falando inglês do que português* ou *se fosse nos Estados Unidos* [...]”. Tais comentários estão ligados à relação colonizador/colonizado, ou seja, dominador e dominado (MOITA LOPES, 2003, p. 38). O poder da ideologia imperialista é tamanho, que acaba convencendo o colonizado de sua natureza preguiçosa e não-inteligente. E eles ainda são “bombardeados” por meio de comunicação, com informações culturais do colonizador que transformam os colonizados em alienados da sua identidade cultural, tais como: livros, revistas, TV, rádio, cinema, ensino, propaganda, entre outros, e fazendo com que esse modelo mental cause naturalidade no cotidiano daquele indivíduo. Além disso, a língua inglesa, pelo menos no Brasil, está ligada ao status social, levando o colonizado a acreditar que é necessário tornar-se o mais parecido possível para sentir-se superior como eles. Como afirma Moita Lopes:

A exigência de uma pronúncia tão perfeita quanto à do nativo e a incorporação de hábitos culturais, ou seja, a cópia xérox do falante nativo, não podem ter outro motivo senão o de domínio cultural. Tal atitude de imitação perfeita é o primeiro sintoma de alienação a se detectar, já que se trata de uma identificação total com o “outro”, com o conseqüente abandono de sua própria identidade cultural (MOITA LOPES, 2003, p. 43).

Esses tipos de discurso podem causar no aluno uma crescente valorização do que não é nosso, contribuindo, não só para alienação do professor, como também para transmitir essa aculturação, como afirma Siqueira (2005, p. 6) “que reforça ou promove a transplantação de valores e comportamentos estranhos e inadequados à nossa realidade, além de solidificar uma visão míope, anacrônica e preconceituosa de que há culturas mais importantes ou melhores que outras”. O autor ainda ressalta que:

Esse comportamento afetará diretamente o aluno, que muito embora o aprendiz não seja passivo, ele fica à mercê das orientações dadas pelo professor que, uma vez exaltando a cultura do outro, fará com que o aluno se afaste da sua própria cultura (SIQUEIRA, 2005, p. 9).

Siqueira complementa quando diz que:

[...] o que se debate e se dissemina, hoje em dia, é que o professor de inglês, de forma deliberada ou não, tende a imobilizar o pensamento cultural crítico do aluno. Ao simplesmente seguir o livro didático cegamente ou se deixar levar pelo sentimento de idolatria da(s) cultura(s) alvo, ignorando o jogo ideológico do qual ao mesmo tempo participa, como jogador e árbitro, abstém-se do salutar exercício de patrocinar o confronto sadio entre culturas, deixando seu aprendiz totalmente inerte, igualmente alienado e à mercê dessa eterna e renitente condição de inferioridade, impregnada na alma dos povos oriundos de ex-colônias, como o Brasil. (SIQUEIRA, 2005, p. 9)

E por que devemos refletir sobre isso? Porque não há, ainda, uma reflexão crítica no ensino de EFL (*English as a Foreign Language*). Os professores de LI ainda estão interessados

apenas em metodologias, técnicas, abordagens e tecnologia no ensino, mas, dificilmente, encontra-se um professor que reflita sobre a pedagogia crítica. O porquê de o ensino do inglês ter uma proporção em larga escala. Isso muito menos é discutido com os alunos. Como consequência, o ciclo continua e a reflexão, não passa, para eles, de uma reflexão sobre o que foi ensinado na sequência da aula, como, por exemplo, estrutura gramatical da língua, seu uso, forma e significado apenas para fluência comunicativa e o uso do livro didático, sem se importar com o conteúdo acrítico. De acordo com Jesus,

[...] é reveladora de uma hegemonia cultural cristalizada e estabelecida pelo senso comum, pois procura homogeneizar os discursos que nos vendem verdades que nos ensinam o que devemos ou não ser. Assim, o professor que enxerga essa imagem como simples recurso ilustrativo acaba ignorando a relação de poder e o efeito ideológico de tal prática. Essa não preocupação parece se evidenciar nas escolhas dos tópicos (atividades lúdicas, dicas de músicas ou de livros didáticos, vagas de emprego, erros linguísticos dos alunos, entre outros). O fato de os docentes não se inquietarem com questões mais críticas do ensino e aprendizagem de língua inglesa pode relevar uma identidade profissional muito mais centrada no treinamento linguístico do que na reflexão social, fruto de arraizada tradição de ensino de língua (JESUS, 2011, p. 181).

Percebemos que há poucas discussões de cunho social, histórico e até político presentes nas aulas. É como se as aulas fossem planejadas para um mundo idealizado e, quando há discussões de algo mais relevante, não passa da temática de meio ambiente e de ações de caridade. Esses são temas também muito importantes, mas o ensino da língua inglesa fica muito preso a assuntos para comunicação do dia a dia, como: direção geográfica, pedidos em restaurantes, experiências de vida (viagens; férias; momentos de lazer e outros) e, tanto o professor de LI quanto o aluno ficam presos a esses tópicos, mas discutir sobre lutas sociais, por exemplo, não é cogitado no cronograma. Segundo Foucault (2014, p. 41) “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”, mas à medida que não há espaço para discussão crítica em sala, essa apropriação do discurso é tendenciosa. Ainda, de acordo com Pennycook:

Nenhum conhecimento, nenhuma língua e nenhuma pedagogia é neutra ou apolítica. Para ensinar criticamente, portanto, é reconhecer a política natural de toda educação; não é assumir uma postura ‘política’ contrária a uma posição ‘neutra’¹⁹ (PENNYCOOK, 1994, p. 301).

¹⁹ Tradução livre: No knowledge, no language and no pedagogy is ever neutral or apolitical. To teach critically, therefore, is to acknowledge the political nature of all education; it is not to take up some ‘political’ stance that stands in contradistinction to a ‘neutral’ position.

Por isso, “aqueles que trabalham com o ensino de inglês não podem reduzi-lo a questões sociopsicológicas de motivação, a questões metodológicas, a questões linguísticas” (COX; ASSIS-PETERSON, 2001, p. 20). A língua inglesa não está neutra. As reflexões para o ensino da LI foram pautadas pelas autoras mencionadas da seguinte forma:

Quem ensina inglês não pode deixar de se colocar criticamente em relação ao discurso dominante que representa a internacionalização do inglês como um bem, um passaporte para o primeiro mundo. Quem ensina inglês não pode deixar de considerar as relações de seu trabalho com a expansão da língua, avaliando criticamente as implicações de sua prática na produção e reprodução das desigualdades sociais. Quem ensina inglês não pode deixar de ser perguntar se está colaborando para perpetuar a dominação de uns sobre os outros (COX; ASSIS-PETERSON, 2001, p. 21).

Por esse motivo, as reflexões críticas podem mudar o cenário, principalmente quando compreendemos a representatividade que a língua tem como língua dominante, língua franca. Quanto mais discutirmos e refletimos criticamente sobre esse assunto, nossas atitudes, crenças e conhecimento vão moldando-se para uma nova percepção do tema. Em vista disto, faz-se necessário entender como a língua inglesa opera, no sistema educacional brasileiro, e seus efeitos sobre os alunos aprendizes da língua.

4.2 A LÍNGUA INGLESA E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Aprender uma língua estrangeira, no Brasil, está atrelado ao prestígio social, é sinônimo de um diferencial com relação aos demais falantes da língua materna à qual o grupo pertence. Aprender uma língua estrangeira eleva a um grau superior, um “acesso para o mundo melhor” (RAGAGOPLAN, 2008, p. 65). O autor complementa que:

As pessoas se dedicam à tarefa de aprender línguas estrangeiras porque querem subir na vida. A língua estrangeira sempre representou prestígio. Quem domina uma língua estrangeira é admirado como pessoa culta e distinta (RAJAGOPALAN, 2008, p. 65).

Todavia, esse aprender não fica apenas na esfera de dominar a LE, como vocabulário, gramática, escrita, entre outros. Ao contrário, vai além disso. Muitas vezes, os professores brasileiros de LI acreditam que, para se ter um domínio da língua inglesa, eles precisam soar como nativos da língua, para se sentirem tão semelhantes quanto ou, até mesmo, como o próprio nativo. Dessa maneira, para que essa imitação se torne perfeita, adquirem materiais produzidos pelos nativos, pois, assim, não haverá interferência da sua língua materna, no país em que o aprendiz se encontra. De acordo com Rajagopalan:

[...] havia também um corolário da premissa inicial – não explicitado como tal, mas sempre tomado como um pressuposto no campo de ensino de língua: nenhum falante não-nativo jamais pode sonhar em adquirir um domínio perfeito do idioma. Isso naturalmente levou à consequência de que o ensino de língua estrangeira fosse, durante muito tempo, considerado um empreendimento com um objetivo inatingível – não só na prática, como também em princípio. Daí as constantes propostas de melhorar a autenticidade do material didático, na esperança de que a distância entre o objetivo almejado e o resultado efetivamente alcançado fosse cada vez mais diminuído. (RAJAGOPALAN, 2008, p. 67)

Observando-se o mercado de ensino de inglês, nos cursos livres na Região Metropolitana de Recife, pode-se dizer que o mercado ainda prefere livros produzidos por nativos para que não haja uma intervenção da língua materna e, também, porque o público, os alunos, também preferem ouvir um material produzido por um nativo a um não-nativo da língua. Sobre a figura do nativo, Rajagopalan acrescenta que:

Contrariamente à figura do nativo que, na época áurea da linguística estrutural era encarada como uma espécie de “bom selvagem”, o nativo que emergiu do modelo chomskiano foi um ser cartesianamente onipotente. Em matéria de ensino de língua estrangeira, tal concepção do nativo, marcada por um grau de veneração desmedida, só deu ampla vazão à ideologia neocolonialista que sempre pautou o empreendimento. O que se viu foi uma verdadeira “apoteose do nativo”. (RAJAGOPALAN, 2008, p. 68)

Portanto, a busca pela perfeita imitação do nativo não diz respeito apenas ao professor, mas também aos alunos, que são cobrados pelos professores de LI para desenvolver uma pronúncia perfeita e, muitas vezes, são ensinados a eliminar ou a diminuir o sotaque da língua materna, para que não haja rastro nenhum de sua origem. Quando o aluno não consegue desenvolver esse inglês perfeito, pode sentir-se frustrado e até mesmo colocar em risco sua autoestima com relação a sua cultura e à língua materna. Assim:

Não é de estranhar que o ensino de língua estrangeira ainda leve muitos alunos a se sentirem envergonhados da sua própria condição linguística. Pois o lado mais nocivo e macabro da ideologia que norteou, durante muito tempo, os programas de ensino de língua estrangeira é que, como resultado direto de determinadas práticas e posturas adotadas em sala de aula, os alunos menos precavidos se sentiam diminuídos em sua auto-estima, passando a experimentar um complexo de inferioridade. A língua estrangeira e a cultura que a sustenta sempre foram apresentadas como superiores às dos discentes (RAJAGOPALAN, 2008, p. 68).

Ao que tudo indica, em alguns casos, estão sendo formados alunos alienados de sua cultura. Acreditam que a cultura e a língua do outro são melhores que a sua e, quando estudam o idioma, querem falar como os falantes nativos. Segundo Coracini:

A língua do outro tanto pode provocar temores, e, portanto, bloqueio psicológico que se manifesta em situação de aprendizagem de uma ou de várias línguas, como provocar prazer, e, portanto, um desejo muito grande de aprender qualquer língua ou uma certa língua com a qual nos identificamos. (CORACINI, 2003, p. 200)

Há dois termos utilizados para referir-se ao encontro de línguas ou culturas através de fronteiras políticas de Estados-Nação que se denominam *cross-cultural* ou intercultural. Com o ensino da língua estrangeira, esses termos são designados a compreender a língua e a cultura do outro.

[...] A palavra intercultural ainda pode significar o processo de comunicação entre pessoas que falam a mesma língua e compartilham um mesmo território, mas que participam de diferentes grupos culturais, como étnicos, sociais, de gênero, sexuais etc. (MENDES, 2007, p. 120)

O contato entre duas línguas-culturais distintas pode causar um conflito quando não há uma análise sobre o ambiente e o contexto em que o processo de interação se dá. Para Mendes (2007, p. 121), não há encontro de diferentes sem conflito. Entretanto, como a autora ainda ressalta, o contexto influencia muito nesse processo:

Se as culturas gozam do mesmo prestígio social e político, se não estão em situação de dominador e dominado, se o encontro é movido pelo desejo de obter conhecimento e aprendizado mútuos, entre tantas outras possibilidades, além dos conflitos, choques e negociações naturais, ou melhor, acima de, podem estar presentes a cooperação mútua, a partilha de conhecimentos, os desejos de comunhão e integração e, sobretudo, o respeito pelo outro, pela diferença. (MENDES, 2007, p. 121)

Para que haja essa integração cultural, faz-se necessária uma aprendizagem intercultural que implica o respeito pela diversidade cultural e a superação de preconceitos e do etnocentrismo. O ensino de idiomas deve ser feito seguindo alguns princípios para o desenvolvimento de uma perspectiva cultural. O primeiro princípio é o relativismo cultural que, segundo Mendes (2007, p. 122), baseia-se na concepção de incluir um processo de abertura para aceitar as diferenças de pensamento e de comportamento dos indivíduos pertencentes a outras culturas. Sendo assim, não se deve ensinar uma língua estrangeira com preconceitos em relação ao Brasil, como Moita Lopes exemplifica que “não se pode esquecer de que as formas do verbo *to be*, por exemplo, na maioria dos casos serão esquecidas, mas as ideias etnocêntricas serão de mais difícil esquecimento” (MOITA LOPES, 2003, p. 41).

O segundo princípio é a reciprocidade na qual a troca de conhecimento e o respeito cultural são mútuos. Os professores de línguas deveriam ter mais contato com outras disciplinas acadêmicas, tais como: a antropologia, a sociologia, a pedagogia crítica, a análise crítica do

discurso, entre outros. Os professores iriam ampliar sua concepção sobre cultura e conhecer a história da expansão da língua inglesa e tudo que a envolve. Isso evitaria o único ponto de vista, ou seja, o seu próprio ponto de vista.

Antes de analisarmos os dados coletados da entrevista dos professores participantes neste trabalho, faz-se necessário um estudo da teoria que norteará as análises, uma vez que seus elementos são fundamentais para compreensão de como funcionam os estudos sociocognitivos nos modelos mentais do discurso de uma pessoa.

5 ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

Neste capítulo, buscaremos debruçar-nos sobre a teoria e estudos epistemológicos do pesquisador Van Dijk (2000) acerca dos Estudos Críticos do Discurso que nortearão este trabalho de pesquisa. Segundo este autor, o termo Análise Crítica do Discurso não seria um termo apropriado para nomear ou definir a prática de analisar o discurso, porque todo o discurso é um estudo que avalia os aspectos políticos, sociais, midiáticos e cognitivos (VAN DIJK, 2017a).

A análise crítica do discurso (ACD) surgiu nos anos 90 quando pesquisadores como Norman Fairclough, Teun Van Dijk, Gunther Kress, Theo Van Leeuwen e Ruth Wodak estavam presentes em um simpósio em Amsterdã. Esses estudiosos já trabalhavam na análise do discurso, porém, não existia uma área específica para estudos críticos. Foi então, que, a partir desse encontro, a ACD começou a ter espaço como prática acadêmica (VAN DIJK, 2017b).

Com a ACD bem definida, Van Dijk sentiu a necessidade de outro movimento científico interessado na formação da teoria e na análise crítica no discurso de abuso de poder, visto que esse tipo de discurso forma a dominação de certo grupo de classes em detrimento de outro grupo, o que causa a desigualdade e injustiça social (VAN DIJK, 2017b). Desse modo, o autor propõe uma mudança de expressão de ACD para ECD (Estudos Críticos do Discurso), alegando que “a principal razão é que os ECD não são, como frequentemente se presume – especialmente nas ciências sociais –, um método de análise do discurso. Não existe esse tipo de método” (VAN DIJK, 2017b, p. 10), pois os ECD podem usar qualquer tipo de método para a análise do discurso em geral, a fim de obter e definir os objetivos do projeto de pesquisa. Em outras palavras, trata-se de um pluralismo metodológico.

5.1 O TRIÂNGULO: DISCURSO – COGNIÇÃO – SOCIEDADE

Para que possamos desenvolver/pesquisar utilizando a vertente dos ECD, faz-se necessária uma abordagem multidisciplinar, pois para que a análise desse estudo aconteça, as outras áreas de atuação podem e devem ser visitadas, tais como: sociologia, antropologia, política, psicologia cognitiva, entre outros.

Nessa pesquisa, vamos nos apoiar nos ECD, a partir da abordagem sociocognitiva proposta por Van Dijk. Ela é composta pela tríade discurso – cognição – sociedade, como Van Dijk pontua (2015b, p. 64) “as estruturas do discurso e as estruturas sociais são de uma natureza diferente, e só podem estar relacionadas através das representações mentais dos usuários da

língua, como indivíduos e membros sociais”²⁰. Os textos e as conversas que as pessoas interpretam são influenciadas pelas interações sociais, nas situações sociais e nas estruturas sociais. De modo que as interações e estruturas sociais são influenciadas pela mesma interface cognitiva dos modelos mentais, conhecimento, atitudes e ideologias (VAN DIJK, 2015b).

Diante disso, analisaremos as três dimensões da análise do discurso sociocognitivo, a fim de compreender como ela funciona e, por se tratar do ponto vital da nossa pesquisa, uma vez que as representações mentais compõem nosso sistema cognitivo.

a. O componente cognitivo

Este componente é crucial para a compreensão dos ECD, porque ele “lida com a mente, a memória e especialmente com o processo cognitivo e as representações envolvidas na produção e nas interpretações dos discursos”²¹ (Van Dijk, 2015b, p. 66). Então, a estrutura cognitiva divide-se em memória, modelos mentais e cognição social.

- A memória: como implemento do cérebro, está dividida em memória de curto prazo e memória a longo prazo. A memória de longo prazo retém as lembranças autobiográficas vividas, assim como o conhecimento que está alojado na memória episódica. Já a memória semântica é mais geral, ou seja, nela encontramos o conhecimento compartilhado socialmente, as atitudes e as ideologias.
- Os modelos mentais: nossas experiências pessoais são representadas como únicas, subjetivas e com modelos mentais individuais, que estão armazenados na memória episódica. Esses modelos mentais têm um padrão de estrutura que é composto pelo panorama espaço-temporal, os participantes, as ações ou eventos e os objetivos. Van Dijk (2015b, p. 66) define que “os modelos mentais são multimodais e incorporados. Eles podem caracterizar-se por informações de experiências visuais, auditivas, senso-motoras, avaliativas e emocionais”²², diferentemente de outras partes do cérebro.

²⁰ Tradução livre: Discourse structures and social structures are of a different nature, and can only be related through the mental representations of language users, as individuals and as social members.

²¹ Tradução livre: [...] a component deals with the mind, memory, and especially with the cognitive processes and representations involved in the production and comprehension of discourse.

²² Tradução livre: Mental models are multimodal and embodied. They may feature visual, auditory, sensorimotor, evaluative, and emotional information of experiences, [...].

- A cognição social: é o nosso conhecimento de mundo, baseado nas cognições compartilhadas socialmente, ou seja, ao fazer parte de uma comunidade, o ser humano tende a compartilhar seus conhecimentos, atitudes e ideologias. Isso permite que nosso modelo mental seja único e pessoal, o que consente aos seres humanos se comunicar, interagir, cooperar, e, conseqüentemente, discutir sobre assuntos diversos.

Explorando um pouco mais a interface cognitiva, percebemos que precisaríamos entender como os componentes das noções básicas da psicologia social e cognitiva funcionam. Van Dijk (2016) pontua que não é necessário descrever todo o processo da noção psicológica, especificamente, porque não teria como abarcar todo o funcionamento cognitivo em uma obra e, por isso, destacou concepções relevantes para a compreensão das representações mentais e dos modelos mentais.

Para Van Dijk (2016, p. 5), o processo cognitivo “[...] acontece na mente ou memória dos atores sociais individuais como membros de grupos e comunidades sociais”²³. Esses “processos cognitivos na memória operam numa estrutura cognitiva específica, normalmente, chamada de representações (mentais)”²⁴ (VAN DIJK, 2016, p. 5), e podem ser armazenados, alterados, ativados ou desativados.

Desse modo, temos diferentes tipos de representações mentais, tais como: o conhecimento, a crença, as atitudes, os planos, as ideologias, os pensamentos etc. Tanto o processo cognitivo, quanto as representações mentais “controlam todas as ações e interações humanas”²⁵ (VAN DIJK, 2016, p. 5). Mas, então, como a memória processa todo o uso da linguagem e o discurso? O armazenamento da memória funciona através da memória de curto prazo (MCP) e a memória de longo prazo (MLP), e é crucial que possamos distinguir as diferenças entre eles. Van Dijk faz uma síntese didática sobre a funcionalidade dos dois quando define que:

Por causa das suas funções específicas, a MCP é também chamada de memória funcional (MF), onde os processos online de atenção, compreensão ou de produção de ação acontece, frequentemente, em frações de segundos e com as informações armazenadas limitadas no buffer da MF. MLP armazena os resultados desses processos, por exemplo, na forma de conhecimentos ou crenças, que podem ser ativados e usados outra vez pela MF para futuras operações, por exemplo, quando lembramos de algo ou quando precisamos

²³ Tradução livre: [...] take place in the mind or memory of individual social actors as members of social groups and communities.

²⁴ Tradução livre: cognitive processes in memory operate on specific cognitive structures usually called (mental) representations.

²⁵ Tradução livre: [...] control all human action and interaction.

daquela ‘informação’ para a percepção, a ação ou o discurso²⁶ (VAN DIJK, 2016, p. 5).

Iremos nos ater à memória de longo prazo, pois é nela que encontramos os mecanismos da formação do processo de conhecimento, ideologia, atitudes etc. Já os modelos mentais fazem parte da nossa cognição pessoal porque eles são subjetivos e pessoais. “Em outras palavras, a maneira como percebemos, entendemos ou interpretamos nossa realidade cotidiana acontece por meio da construção ou reconstrução (atualização ou modificação) de tais modelos²⁷” (VAN DIJK, 2000, p. 21), e estes modelos guiam a maneira pela qual interpretamos os eventos do dia a dia.

Por exemplo, quando pensamos ou ouvimos a palavra terrorismo, construímos na nossa mente um modelo mental sobre este evento e fazemos associações com eventos que foram associados a esta palavra, como o ataque de 11 de setembro às Torres Gêmeas no estado de Nova Iorque, EUA. Para algumas pessoas, esta palavra pode carregar um significado negativo e, para outro grupo, talvez, um significado positivo.

Há, ainda, dois modelos mentais no processo do discurso que é importante ressaltar, pois o discurso é produzido e compreendido nas bases dessas estruturas cognitivas. São elas: os **modelos de situação**, que representam uma situação no discurso em que os interlocutores precisam saber do que se trata e a que se refere o discurso para, só então, inferir aspectos relevantes a um modelo de situação, aplicando seu conhecimento compartilhado. Os **modelos de contexto**, que se referem à forma como contamos uma história ou fato de uma mesma experiência a audiências diferentes, por exemplo, um relato de um assalto para um amigo e para um policial. A situação mostrará qual discurso apropriado usar. Segundo Van Dijk:

[...] a produção do discurso sobre uma experiência pessoal começa com um modelo de situação da qual, pragmaticamente, a informação relevante é selecionada para uma estrutura semântica de um discurso, sobre o controle do modelo de contexto – que também controla como tais significados são formulados apropriadamente e em qual gênero do discurso (uma conversa, um e-mail, uma palestra, um noticiário ou relatório policial)²⁸ (2015b, p. 68).

²⁶ Tradução livre: Because of its specific functions, STM (Short Term Memory) is also called Working Memory (WM), where ‘online’ processes of attention, understanding or the production of action take place, often in fractions of second and with the limited information stored in the memory buffer(s) of WM. LTM (Long Term Memory) stores the results of these processes, for instance in the form of knowledge or beliefs, which may be activated and used again by WM for future operations, for instance when we remember something or when we need that ‘information’ for perception, action or discourse.

²⁷ Tradução livre: In other words, the way we perceive, understand or interpret our daily reality takes place through the construction or reconstruction (updating or modification) of such models.

²⁸ Tradução livre: [...] the production of discourse about a personal experience starts with a situation model of which pragmatically relevant information is selected for the semantic structure of a discourse, under the control of the context model – which also controls how such meanings are appropriately formulated and in what discourse genre (a conversation, an e-mail, a lecture, news report or police report).

O Conhecimento

Um dos componentes da estrutura cognitiva é o conhecimento. É nele que o ser humano processa todos seus pensamentos, percepções, compreensões, ações, interação e discurso fazendo com que esse sistema de conhecimento seja cumulativo durante toda sua vida e, em consequência, este conhecimento é compartilhado com membros da sua comunidade (VAN DIJK, 2015b). Como o autor supracitado diz, “embora a precisão geral da organização do sistema do conhecimento é ainda desconhecida, é pressuposto estar organizado localmente por categorias hierárquicas de concepções e esquemas de tipos diferentes”²⁹ (VAN DIJK, 2015b, p. 68), assim, conseguimos armazenar nossa rotina no dia a dia, pessoas ou grupos, esquemas de objetos, entre outros. O conhecimento compartilhado socialmente é aplicado nos modelos mentais das pessoas, que representam suas próprias experiências de vida, concepções e interpretações de fatos. O conhecimento é processado pela exposição de noticiários, histórias, livros didáticos, discursos entre pais e filhos e outros. Para os ECD, é importante ressaltar que o conhecimento é relevante para os estudos, visto que o conhecimento é uma fonte de poder e que ele é usado por certos grupos ou organizações em sociedade que têm acesso privilegiado a informações para manipular ou controlar grupos menos favorecidos. O discurso pode ser usado como forma de controle de determinado grupo.

No cenário político atual no Brasil, as palavras meritocracia, socialismo, comunismo, entre outras foram e são utilizadas sem que boa parte da população (a massa) saiba do que se trata realmente. De igual modo, a eventual tentativa de retirada das disciplinas, como filosofia e sociologia, do currículo escolar do ensino médio brasileiro e a privatização das universidades federais, para uso exclusivo da elite brasileira, são exemplos de como o conhecimento pode ser usado como forma de poder e controle de um grupo dominador.

Atitudes e Ideologias

Enquanto o conhecimento é compartilhado socialmente por todos ou por uma grande parte de uma comunidade ou cultura, as atitudes e as ideologias são compartilhadas com um grupo específico com o qual uma pessoa ou pessoas se identificam. Geralmente, elas dividem as mesmas ideias e crenças, como por exemplo, questões como imigração, aborto, LGBTQIA+, racismo e outros. Tanto as atitudes quanto as ideologias podem variar entre o bom e o ruim, o

²⁹ Tradução livre: Although the precise overall organization of the knowledge system is still unknown, it is assumed to be locally organized by hierarchical categories of concepts and schemas of different types [...].

permitido e o proibido, pois tudo isso dependerá da crença dos membros dessa comunidade. De acordo com Van Dijk (2015b, p. 69), “embora a estrutura mental exata de tal atitude compartilhada socialmente seja ainda desconhecida, é possível que elas também estejam organizadas esquematicamente, como é o caso para a maioria das nossas crenças”³⁰, e o autor ainda ressalta que “as atitudes tendem a estar baseadas ou organizadas por mais fundamentações ideológicas que o controle das aquisições e a mudança das ideologias mais específicas”³¹. Assim, ideologias racistas podem ter efeitos negativos, tanto por intolerância a imigrantes, questões de cotas, questões culturais, religiosas (descendentes de africanos que são, em sua maioria, discriminados como algo ruim), como pela diversidade étnica, entre outros.

Há, ainda, uma organização mental ideológica, que se categoriza por um

[...] discurso ideológico baseado em: identidade, atividade, metas, relações com outros grupos e recursos ou interesses. Estes são cruciais para a definição de grupos sociais, e especialmente do NÓS vs. ELES, uma estrutura polarizada controlando o abuso do poder, a dominação, a competição e a cooperação entre grupos, como também o discurso ideológico³². (VAN DIJK, 2015b, p. 69)

Existe uma polarização entre os grupos que pode ser tanto positiva quanto negativa. Tudo irá depender das ideologias de determinado grupo e como ele enxerga o outro. Nos discursos ideológicos, podemos perceber que, geralmente, o grupo do NÓS mantém uma representação positiva em detrimento do outro.

Dessa forma, podemos perceber como os componentes cognitivos são importantes na teoria do discurso, principalmente nos estudos críticos do discurso. A mediação, tanto pessoal quanto social, das representações cognitivas serve para que haja diversidade nos discursos, por isso, dependerá dos modelos de contexto e dos modelos da situação nos quais os participantes estão inseridos.

b. Componente social

Os ECD estão, praticamente, focados nos discursos de grupo de abuso de poder, grupos de dominação e ainda grupos de resistência às dominações, além da macroestrutura social, que

³⁰ Tradução livre: Although the precise mental structure of such socially shared attitudes is still unknown, it is likely that they are also schematically organized, as is the case for most of our beliefs.

³¹ Tradução livre: Attitudes tend to be based on or organized by more fundamental ideologies that control the acquisition and change of more specific ideologies.

³² Tradução livre: “[...] ideological-based discourse: identity, activity, goals, relations to other groups and resources or interests. These are all crucial for the social definition of groups, and especially of Us vs Them, a polarized structure controlling power abuse, domination, competition and cooperation among groups, as well as all ideological discourse.

é composta pelas organizações, instituições, empresas entre outras. De acordo com Van Dijk (2015b, p. 70):

[...] nos ECD, estamos especialmente interessados nos grupos e organizações que controlam, diretamente ou indiretamente, o discurso público, assim como seus líderes, as Elites Simbólicas, por exemplo, na política, na mídia de massa, na educação, na cultura e nas corporações de negócios³³.

Como mencionado anteriormente, os ECD têm interesse nos discursos de abuso de poder ou dominação, pois eles têm um “relacionamento específico de *controle* entre grupos sociais ou organizações – e não com uma propriedade de relações interpessoais³⁴” (VAN DIJK, 2015b, p. 71). Esse controle tem uma dimensão social e cognitiva que envolve cognições sociais e pessoais compartilhadas (modelos mentais, conhecimento, atitudes e ideologias), que são exercitadas por meio do discurso, pois ele tem um papel fundamental na propagação do poder. Geralmente, o grupo dominante domina nos discursos públicos, porque é ele que estabelece as leis, os comandos, as proibições, entre outros, estando, por assim dizer, legitimado a determinar quem tem o direito de fala. Van Dijk pontua três principais componentes teóricos que são cruciais para o entendimento da noção de poder, são eles:

i) A sociedade define em termos de controle de grupos e organizações no macronível, e membros e controle de interações no micronível; ii) a cognição, em termos de modelos mentais pessoais dos membros, ou do conhecimento compartilhado e ideologias de grupos ou organizações; e iii) o discurso de membros de grupos ou organizações como forma de controle de interação e como expressão e condutora da cognição pessoal e social subjacente³⁵. (2015b, p. 71)

É importante ressaltar que os ECD também são relevantes para os cidadãos, de um modo geral, porque eles têm como aprender e ficar atentos às manipulações do discurso indevido de uma classe dominante. Desse modo, eles podem perceber o que acontece ao seu redor, em termos políticos, culturais e sociais, e podem ter um discurso mediador no qual os atores sociais passam a ter consciência das consequências do seu próprio discurso, com responsabilidade sobre o que é dito.

³³ Tradução livre: In CDS we are especially interested in the groups and organizations that directly or indirectly control public discourse, as well as their leader, the Symbolic Elites, for instance in politics, the mass media, education, culture and business corporations.

³⁴ Tradução livre: [...] as a specific relationship of *control* between social groups or organizations -and not as a property of interpersonal relations.

³⁵ Tradução livre: i) society defined in terms of controlling groups and organizations at the macro-level, and members and controlling interactions at the micro-level; ii) cognition in terms of the personal mental models of members, or the shared knowledge and ideologies of groups and organizations; and iii) discourse of members of groups or organizations as forms of controlling interaction and as expression and conducive of underlying personal and social cognition.

c. O componente do discurso

Apesar de entender como os componentes cognitivos e sociais são importantes para os ECD, não podemos negar que o discurso é o principal ponto dos analistas críticos do discurso. A análise do discurso não se atém apenas à análise das estruturas do discurso, mas ao que está para além disso, ou seja, aqui, os componentes cognitivos também têm uma função importante, pois, para que a análise do discurso ocorra, consideramos o papel que o conhecimento, as atitudes e as ideologias exercem numa dominação discursiva.

As estruturas do discurso

No começo dos estudos linguísticos, o que se levava em consideração era como os estudos sobre a língua e a fala funcionavam. Entretanto, com o tempo, foi notada a necessidade de uma extensão dos estudos linguísticos funcionais que fosse além das estruturas das sentenças de forma semântica, sintática, morfológica e fonológica. Uma entonação, por exemplo, poderia variar, dependendo da estrutura do discurso anterior, tanto na escrita quanto na fala, e isso passou a ser relevante para as análises dos discursos.

A princípio, os estudos do discurso se baseavam na semântica e na coerência global de um discurso. Mais tarde, foi observado que não se poderia analisar o discurso apenas pela coerência, porque ela não transmitia, por si só, o significado por meio da sua noção fundamental. Faltava uma representação mental, tal como acontece com os modelos mentais que conhecemos hoje.

Também temos o conhecimento dos gêneros do discurso, que organiza o esquema dos gêneros, por categorizações específicas, tais como histórias, noticiários, artigos, revistas, entre outros. Van Dijk acrescenta que houve uma expansão na análise da conversação e que ela:

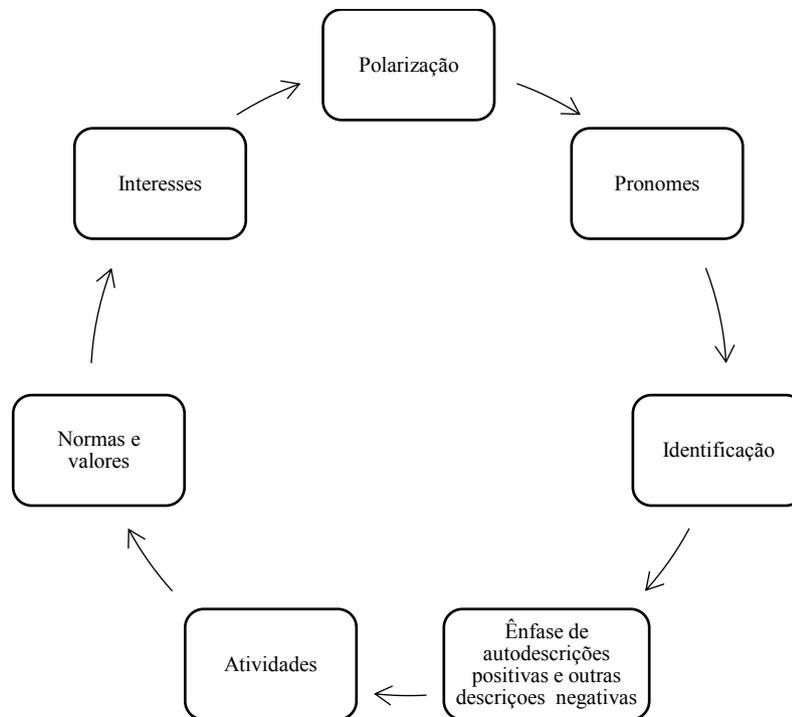
[...] introduz as unidades, estruturas e estratégias específicas na fala em interação, tal como os turnos, sequência lateral, tópicos, várias formas de organização [...] e como cada turno ou segmento da fala pode estar relacionado com a fala anterior e próxima, por exemplo, por discordar e/ ou concordar, alinhar ou preparar³⁶. (VAN DIJK, 2015b, p. 73)

³⁶ Tradução livre: Conversation Analysis introduced the specific units, structures and strategies of talk in interaction, such as turns, side sequences, topics, various forms of organization [...] and how each turn or segment of talk may be related to previous or next ones, for instance by (dis)agreeing, aligning, or preparation.

Podemos observar que, nas últimas décadas, as análises do discurso têm mudado e têm ido muito além das estruturas e sentenças gramaticais. A seguir, estudaremos como funciona a estrutura ideológica do discurso.

As estruturas ideológicas do discurso

Tendo em mente que a análise do discurso está, especificamente, envolvida na (re)produção do poder ou do abuso do poder e que este está em sincronia com as relações entre grupos sociais e organizações que mantêm suas ideologias para dominar determinado grupo, iremos estudar como a estrutura da ideologia está categorizada. Vejamos o esquema a seguir:



Fonte: A autora

- Polarização: afeta todo nível de discurso, uma vez que se trata de ideologias subjacentes, que estão polarizadas entre uma representação positiva de membros de um grupo (endogrupo) e uma representação negativa de membros de outro grupo (exogrupo).
- Pronomes: o uso dos pronomes “nós” e “eles”. Os pronomes “nós”, “nos”, “nossas” etc. simbolizam o endogrupo, no qual seus membros e companheiros compartilham a mesma ideologia. Na contramão, temos o exogrupo, que é representado pelos pronomes “eles”, “elas”, “deles”, “delas” etc, que representa o grupo dominado, concorrente ou

até mesmo o grupo de resistência ao endogrupo. O uso desses pronomes expressa a polarização que há entre esses grupos, o NÓS vs. o ELES.

- Identificação: como um membro de um grupo ideológico se identifica. Sendo comum encontrar no seu discurso: *como negra/o..., eu estou falando como uma feminista...* entre outros.
- Ênfase de autodescrições positivas e outras descrições negativas: Van Dijk (2015b, p. 73) pontua que “as ideologias são frequentemente organizadas por um autoesquema positivo³⁷”, ou seja, dependendo da influência da polarização do endogrupo ou do exogrupo, podemos observar que o endogrupo se autodescreve de um modo positivo (ex.: “nós, os cidadãos de bem”, como se intitulam os apoiadores do partido da Direita brasileira, desde 2018 aos dias atuais) e, por outro lado, a ênfase negativa no exogrupo (ex.: um discurso petista – em referência aos apoiadores do partido da Esquerda e do Partido dos Trabalhadores [PT] com um sentido de depreciação para esse grupo).
- Atividades: grupos ideológicos são identificados pelo que fazem ou pelas atividades típicas que exercem. Por exemplo, proteger ou defender o grupo, a sua nação ou como atacar, marginalizar e controlar o endogrupo (VAN DIJK, 2015b).
- Normas e valores: se referem às ideologias baseadas nas normas da (boa) conduta ou nos valores pelos quais lutamos, como, por exemplo, a igualdade, a justiça, a liberdade, entre outros.
- Interesses: refere-se ao interesse para questões de recursos básicos, como alimentação, abrigo e saúde, mas também pode ser pelo interesse de recursos simbólicos, tais como conhecimento, estrato social ou acesso ao discurso público. Tudo dependerá da ideologia de poder e interesse do grupo.

Como podemos perceber, os ECD estão integrados à tríade discurso – cognição – sociedade. Os componentes não podem ser analisados isoladamente, porque estão conectados um ao outro. Como atores de uma sociedade, é inegável que o meio social em que vivemos não influencie no modo de pensar e agir; as representações subjetivas da representação mental pelos modelos mentais, conhecimento ou ideologias, a estrutura e sua base cognitiva, no que diz respeito a sua função sociopolítica e cultural na comunicação dos contextos sociais são essenciais para a análise do discurso. Por tratar-se de um pluralismo metodológico, os ECD abarcam um estudo multidisciplinar, que, admitindo um estudo sociológico, antropológico,

³⁷ Tradução livre: Ideologies are often organized by a positive self-schema.

linguístico, entre outros, permite uma análise de interface cognitiva entre o discurso e a sociedade, de modo a explicar a reprodução da dominação e a resistência na sociedade.

6 METODOLOGIA

Por tratar-se de uma metodologia multidisciplinar, este trabalho foi analisado, seguindo a análise sociocognitiva, que é composta pela tríade discurso – cognição – sociedade proposta por Van Dijk (2000). Para tal, analisamos as respostas dos professores entrevistados, focando nos seguintes aspectos: 1) social – contextualizamos a história do Brasil, a fim de compreender como esse grupo compartilha o mesmo conhecimento, visto que a influência política, tanto americana quanto brasileira, contribuiu para a formação do pensamento de superioridade cultural e linguística dos norte-americanos sobre a cultura e a língua no Brasil; 2) cognitiva – para compreender como os modelos mentais, as cognições sociais são formadas, levando em consideração a ideologia, as atitudes, as normas e os valores e conhecimentos desse grupo de professores; e, por fim 3) o discurso – que contribuiu para análise da estrutura discursiva, no que diz respeito à lexicalização, à polarização desse grupo social que compartilha a mesma ideologia e, por isso, tem os mesmos interesses, exercem as mesmas atividades e se autodescrevem como parte de um grupo que tem uma posição social e econômica estabilizada.

Diante disso, esta pesquisa apresenta sua estrutura nas seguintes formas:

6.1 TIPO DE PESQUISA

É uma pesquisa qualitativa, transversal e analítica, com utilização de dados primários. Em se tratando do estudo qualitativo, configura-se um enfoque que aborda “relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (BORTOLOZZI; BERTONCELLO, 2012, p. 55). Por ser transversal, aborda um curto período histórico e, por fim, analítico, segundo Rodrigues (2007, p. 28), porque implica “um estudo minucioso, voltado para detalhes, para busca de inter-relações do objeto de estudo com outros objetos a ele relacionados; ou das partes ou fatores internos do dito objeto”.

6.2 CAMPO

A pesquisa tem como cenário três instituições de ensino da língua inglesa na Região Metropolitana do Recife: para se manter o anonimato, serão chamadas de Instituição 1 (I1); Instituição 2 (I2); Instituição 3 (I3). O anonimato é mantido, também, em relação à identidade

dos entrevistados, por isso, são usados nomes fictícios, assim como no caso das instituições, uma vez que os entrevistados citam tais informações durante as entrevistas.

6.3 SUJEITOS:

Há três informantes para cada instituição, totalizando nove participantes para a elaboração da análise discursiva.

6.3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

- 1º Ser professor de língua inglesa por um tempo mínimo de cinco anos.
- 2º Não é relevante ser graduado em Letras.
- 3º Não é necessário ter viajado, estudado, trabalhado ou morado nos Estados Unidos.

6.3.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

- 1º Não concordar em participar voluntariamente da pesquisa.
- 2º Apresentar relações de proximidade com o pesquisador.

6.4 INSTRUMENTO

O instrumento desta pesquisa foi baseado em um roteiro de entrevista semidireta, para “estabelecer uma relação íntima com o entrevistado, assim como um contato direto e a comunicação oral” (DENCKER, 2001, p. 155), juntamente com a base teórica que norteia esta investigação – vide Roteiro de Entrevistas no apêndice. Esse contato pessoal entre entrevistador e entrevistado “permite maior flexibilidade para a obtenção de informações. O entrevistador tem a oportunidade de observar não apenas a pessoa, mas a situação como um todo” (DENCKER, 2001, p.158).

Para a coleta de dados, foi utilizado um gravador de voz com dois entrevistados; com os demais, foi feita a gravação da entrevista por vídeo, pela plataforma *Google Meet*, em função da pandemia do COVID-19, lançando mão do roteiro da entrevista. Segundo Goldenberg (2002, p. 55) a “pesquisa qualitativa depende da biografia do pesquisador, das opções teóricas, do contexto mais amplo e das imprevisíveis situações que ocorrem no dia a dia da pesquisa”.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e recebeu aprovação em 04/03/2020, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE nº 29242620.8.0000.5206, parecer do CEP nº 3.896.794. Após sua aprovação, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e colocamos em prática a entrevista semidireta.

6.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

A análise se debruçou sobre os discursos dos docentes, à luz dos Estudos Críticos do Discurso, nos quais Van Dijk (2000) contribuiu com a teoria sociocognitiva, mencionada anteriormente, para que seja compreendido como é gerada a ideologia, a hegemonia e o discurso no meio em que se vive – e trabalha – e como isso reflete na sala de aula.

7 DADOS E ANÁLISES DO DISCURSO DE PROFESSORES DE LI

Tendo como objetivo analisar o discurso do professor brasileiro de LI e o funcionamento das suas representações mentais, optamos por coletar os dados através de uma entrevista semiaberta, a fim de deixar os entrevistados mais à vontade, para que pudéssemos extrair o máximo de informações possíveis para compreender o porquê do fascínio pela cultura norte-americana e a LI e como funcionam os modelos mentais aos quais os professores brasileiros estavam e estão expostos ao longo desses anos. Então, houve mais perguntas intercaladas para focar em pontos interessantes enunciados pelos professores.

A princípio, a entrevista foi feita utilizando-se um gravador de voz com dois participantes. Porém, devido à pandemia do COVID-19 e ao confinamento social que começou a partir da segunda quinzena do mês de março, no estado de Pernambuco, as entrevistas tiveram de prosseguir via *Google Meet*, uma plataforma de vídeo-chamada, na qual as entrevistas foram gravadas e os entrevistados puderam desligar suas câmeras, para não se sentirem intimidados ou constrangidos. As entrevistas coletadas foram, posteriormente, transcritas manualmente e anexadas a este trabalho (ver anexo). Seus nomes foram substituídos por nomes fictícios, assim como o nome da instituição quando se fez menção a esses pontos.

Faz-se necessária a exploração das perguntas que nortearam a entrevista, a fim de compreender o que se pretendia investigar por meio delas. Por isso, segue abaixo uma análise das intenções de investigação com as interpelações feitas.

Perguntas	Análise sociocognitiva do discurso
1. Qual é sua percepção sobre a cultura norte-americana e a sua língua?	Estabelecer o contexto para entender as crenças, as atitudes, o conhecimento e as percepções do entrevistado sobre a cultura do outro.
2. Quais são os produtos americanos que você consome mais?	A exposição que fomenta os modelos mentais da pessoa.
3. Você acredita ter hábitos americanos por consumir produtos originados neste país?	Formação de crenças e atitudes.
4. Você acha que os EUA são um modelo de país a ser seguido por outros países?	Como a ideologia e a hegemonia dos Estados Unidos influenciam na visão de mundo dessas pessoas através da semântica ideológica discursiva.
5. Você teve experiência de morar nos EUA? Qual é sua opinião sobre o lugar e o sistema de vida de um cidadão americano?	Compartilhamento de experiências, práticas sociais e os modelos mentais aos quais eles estavam expostos.
6. Qual foi a sua sensação ao perceber que você estava retornando ao Brasil?	Polarização; modelos mentais por meio do sentimento; semântica ideológica.
7. Quais são os momentos do seu cotidiano nos EUA de que você sente mais falta?	Modelos mentais; polarização de grupos; semântica ideológica.

8. Qual é a sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?	Analisar as crenças, atitudes, percepções e conhecimento da sua própria cultura.
9. Você consome produtos brasileiros? Quais são os produtos brasileiros que você consome mais?	Análise de polarização de grupos.
10. Por que você decidiu ser professor de inglês? Você pretende continuar nessa área a longo prazo?	Constatar se o poder da ideologia e da hegemonia dos norte-americanos influenciaram na escolha por ser professor de inglês;
11. Como você lida com as questões culturais americanas e brasileiras durante suas aulas?	O discurso do professor em sala de aula quando as duas culturas são comparadas pelos alunos.

Fonte: A autora

Nem todos os professores participantes desta entrevista tiveram a experiência de morar ou visitar os Estados Unidos, por isso, as perguntas de números 5, 6 e 7 foram modificadas para as seguintes formas:

- 5 *Como você imagina que poderia ser a experiência de morar ou visitar os EUA?*
- 6 *Qual é o sentimento em saber que você ainda não morou ou visitou os EUA?*
- 7 *O que você acha que seria diferente no cotidiano nos EUA e no Brasil?*

Os motivos para essas perguntas permanecem os mesmos expostos na tabela acima para comparação com aqueles que moraram ou visitaram o país e os que não puderam por outra razão qualquer.

A pesquisa foi realizada em três instituições renomadas no ensino de língua inglesa, na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, situada na região nordeste do Brasil. Entrevistamos nove professores brasileiros que ensinam inglês como segunda língua, sendo três professores para cada instituição.

Por se tratar de curso livre, os professores têm formações universitárias distintas, pois não há uma exigência na formação desses professores na área de Letras como critério de contratação. Embora a formação profissional não seja um critério para nossa análise crítica do discurso, é interessante notar a experiência profissional dos entrevistados, para melhor situar o contexto dos participantes.

Havia um professor graduado em turismo, um em letras, três em administração, sendo que um deles está atualmente fazendo uma graduação em letras e outro fazendo uma pós-graduação em gestão educacional, uma em relações públicas, um em psicologia, um fazendo uma pós-graduação em tecnologia da educação e uma fazendo pós-graduação em tradução de língua inglesa. No grupo, havia seis homens e três mulheres e todos ensinam inglês há mais de 5 cinco anos.

A análise do *corpus* foi norteadada pela análise sociocognitiva, proposta por Van Dijk, pois como ressalta Rosa (2019, p. 232) “o autor relaciona estruturas do discurso com interação social por meio de uma interface sociocognitiva, sustentando-se no argumento de que estruturas discursivas e sociais diferem quanto à natureza e não podem ser diretamente relacionadas”. Acrescentamos que o modelo mental, construído a partir das experiências de uma pessoa, interfere na sua construção discursiva, como veremos a seguir, com as análises.

A Análise do *Corpus*

A análise do contexto foi o primeiro elemento a ser estabelecido no critério de elaboração das perguntas, para que possamos traçar um perfil desses docentes, assim como seus conhecimentos, crenças e percepção do assunto. Diante disso, temos algumas afirmações:

Minha percepção sobre a cultura norte-americana mudou muito, ahm... com o decorrer da minha vida, porque, antes, tudo que eu tinha da cultura era o que eu via pela TV. [...] antigamente, saber inglês era uma coisa assim ... que você tinha a mais e, hoje em dia, não. Você tem de saber e é daí pra frente. Inglês já virou obrigatório. (P1, E1)

Eu acho a cultura americana extremamente rica, por conta da multiculturalidade, por conta das influências de vários povos que chegaram lá pra tentar a vida e toda essa mistura deu num povo único. (P1, E2)

O inglês deixou de ser um... deixou de ser um diferencial *pra* ser um requisito. Você tem que saber inglês. (P1, E3)

Eu sou apaixonado pela cultura americana. [...] *pra* mim, a cultura americana é algo fascinante assim... eu sou uma pessoa assim... que é apaixonada pela cultura americana. (P1, E5)

[...] Não sei se é influência da ideia de país evoluído, de que o Brasil ainda não está nesse patamar, mas eu vejo que a cultura norte-americana ainda é predominante em todas as ações que os brasileiros fazem. (P1, E7)

[...] eu acho que a cultura americana está muito relacionada com essa questão da... música, dos videoclipes, de letras de música... então, eu acho que se eu fosse resumir a conexão entre língua inglesa e a cultura americana, seria mais nessa questão de música. Lógico que a gente também não pode deixar de... dispensar... essa questão de seriado e filme, principalmente filmes, eu diria, porque que os filmes têm a questão de Hollywood [...]. (P1, E9)

Podemos perceber que esses professores compartilham conhecimentos e crenças que são comuns entre eles, porque estão também expostos aos mesmos tipos de mídia, por exemplo, filmes, seriados, músicas entre outros, além da crença de que a língua inglesa é obrigatória, um

requisito. Os professores julgam que a língua inglesa é obrigatória ou um requisito, porque escutam esse discurso, regularmente, e ainda que o ensino da língua é natural. Segundo Pennycook (1994, p. 9):

Em geral, a expansão do inglês é considerada natural, neutra e beneficiável. É considerada natural porque, embora possam existir algumas críticas referenciais à imposição colonial do inglês, sua expansão subsequente é vista como um resultado de forças globais inevitáveis. É vista como neutra, porque é suposto que uma vez o inglês tenha, em algum sentido, tornado separado do seu contexto cultural de origem (particularmente a Inglaterra e os Estados Unidos), é agora um meio de comunicação neutro e transparente³⁸.

Além disso, o compartilhamento de conhecimentos e crenças implica nos seus interesses pessoais. De acordo com Van Dijk (2000, p. 13), “as pessoas não só têm crenças pessoais sobre experiências pessoais, mas também compartilham mais crenças gerais com as outras, bem como com outros membros do mesmo grupo ou até com a maioria dos outros em uma sociedade ou cultura inteira³⁹” e, por isso, notamos que essas crenças ainda perpassam os dias atuais, visto que pesquisas realizadas por outros autores, como Moita Lopes (2003), nos anos 90, e Cox e Assis-Peterson (2001), nos anos 2000, por exemplo, não mudaram muito.

Entretanto, houve, também, percepções opostas dos discursos dos entrevistados acima, pois três entrevistados ressaltaram outros aspectos sobre a cultura e a língua norte-americanas.

A minha percepção da cultura americana é que, embora a gente não pode dizer se uma cultura é certa ou errada, porque isso não existe, mas a forma como essa cultura é vendida para o mundo. [...] Na realidade, ela é imposta ao invés de ser discutida. (P1, E6)

Eu acho que isso volta de novo pra... pra economia, porque eu acho que a cultura americana funciona muito como um mercado, às vezes. Porque eles exportam pro mundo inteiro, né? Então *meio* que se tornam uma referência. (P1, E3)

A língua inglesa, né, é a língua mais falada, assim pelos que não são de língua inglesa, no caso, né? É claro que esse fato vem de uma questão econômica, uma questão de poder político e econômico. [...] E a gente tem uma ideia de cultura americana que é vendida e a gente consome sem nem perceber. (P1, E8)

³⁸ Tradução livre: By and large, the spread of English is considered to be natural, neutral and beneficial. It is considered natural because, although there may be some critical reference to the colonial imposition of English, its subsequent expansion is seen as a result of inevitable global forces. It is seen as neutral because it is assumed that once English has in some sense become detached from its original cultural contexts (particularly England and America), it is now a neutral and transparent medium of communication.

³⁹ Tradução livre: People not only have personal beliefs about personal experiences, but also share more general beliefs with others, such as other members of the same group, or even with most others in a whole society or culture.

Embora não expressem o fato histórico que faz com que haja a hegemonia norte-americana no Brasil, eles compartilham opiniões diferentes da maioria. Há um pensamento crítico. A consciência de que se trata, pelo menos, de um domínio econômico e de que a língua inglesa, em consequência, predomina em vários locais.

No entanto, constatamos que os modelos mentais dos nossos participantes foram construídos, praticamente, através dos meios de comunicação e entretenimento que hoje temos, como serviços de *streaming*, músicas, filmes, entre outros. Os participantes citam como eles se conectam com a língua e a cultura norte-americanas, como veremos a seguir.

Filmes com certeza, filmes, séries, a grande maioria do que eu vejo é de lá. Eu gosto. Foi o que eu cresci assistindo. (P2, E1)

Tecnologia como... é... como de telefonia celular como... a *Apple*, meu celular... meu computador é da Microsoft, é... acho que também um pouco de alimentício, né? Essas comidas pré-prontas, as comidas que já vêm mais processadas, então... também vêm de lá, eu acredito. (P2, E2)

Tipo, a minha assinatura de *streaming* de música é americana, a minha assinatura de *streaming* de vídeo é americana... é... querendo ou não, muitas das coisas que eu coloco na minha casa são de marcas americanas e até de comida que está se tornando mais populares no Brasil. (P2, E3)

Música, música. Eu acho que é música e alimentação, né? As chamadas *junk food*, né? As *fast food*. É, né? Faz parte (risos). Músicas, assim, não necessariamente americana, porque os artistas que eu escuto não são em grande parte, americanos, mas é claro que existe, né? Mas acho que a maioria são europeus, mas, assim, são de língua inglesa, né? Então... (P2, E4)

E6: O Netflix, né? Assim... filmes e músicas... é... eu consumo a música americana, assim, a banda que eu mais gosto não é americana, então...

P.: É brasileira?

E6: Não, é uma banda irlandesa. (Extensão da P2, E6)

O fato de consumir muita música americana, eu me vejo falando gírias americanas e, por exemplo, ao comprar roupas de marcas americanas, querendo ou não, você vai se imaginando vestindo o *look* mais americano, por exemplo. Acho que não chega uma autovisão que sou um americano agora, mas tenho comportamento e hábitos que vieram de lá. (P3, E7)

Vixe... tudo (risos). Muita música. Muito... é... a maioria, né? Que a maior parte é de fora, não é brasileira, é de lá. Então, música, filme, série, muita série. (P2, E8)

Então, eu *tô* o tempo todo inteiro ouvindo música e *reality shows* relacionados à música. Então de cultura... por exemplo, *American Idol*, que é um dos primeiros *reality shows* de música, é americano, mesmo tendo sido criado por um britânico, mas foi, primeiramente, fundado nessa cultura americana e, música é o *Spotify* o tempo inteiro e *Youtube* também que são, basicamente,

ouvindo músicas americanas. [...] Eu também posso citar *McDonald's* e *Burger King* que são paixões minhas. (P2, E9)

Eu escuto música todo dia, música americana, inglesa, muito mais do que música internacional, pra ser bem sincero. (P2, E5)

É unânime que os professores participantes consomem os produtos, não só de entretenimento, como também alimentícios, dos norte-americanos. Mesmo os participantes que disseram que não escutam muita música americana, confessam que escutam músicas de países europeus e pouco da música brasileira. Embora, quando questionados sobre o consumo de produtos brasileiros, tenham dito que consomem muito, no decorrer da entrevista, acabam afirmando que o consumo dos produtos norte-americanos se sobressai aos produtos brasileiros. E é um consumo tão natural, que um participante não considera música internacional, as músicas de origem norte-americana e inglesa.

Podemos perceber, também, que, durante essa pergunta, já observamos indícios de polarização de grupos, mais uma vez, chamando nossa atenção, por que essa polarização se faz de um modo inverso, às avessas, do que é proposto pela teoria de Van Dijk, pois o ELES, aqui, são melhores do que o NÓS, como podemos observar nesta fala:

[...] Todo meu dinheiro que eu consegui juntar pra fazer uma viagem, eu quero ir pros EUA porque é onde que eu vejo que as pessoas me entendem. Quando me entendem, quando eu falo e as pessoas elogiam: “poxa... teu inglês é muito bom”; “você nem parece que é brasileiro”, isso me dá mais uma vontade de continuar voltando. É algo que eu adoro. (P2, E5)

Além disso, eles se identificam como norte-americanos, não só pela imitação perfeita da língua inglesa, mas também por acreditarem ter hábitos americanos.

Com certeza. Sem dúvida nenhuma. Eu cresci jogando basquete, né? Bem, algo que é forte nos EUA, né? (P3, E5)

Sem dúvida, sem dúvida. Inclusive hábitos alimentares, inclusive. (P3, E6)

Se você imaginar uma pessoa que passou a vida dela inteira crescendo e assistindo seriados americanos e filmes americanos, querendo ou não, conscientemente ou não, ela acaba importando um pouco daquela cultura, daquele comportamento *pro* que ela faz. Então eu acho que isso sim. (P3, E1)

Talvez a mania de comprar exacerbadamente e de consumir *fast food*; e a música, talvez seja um pouco de estilo americano. (P3, E4)

Eu sempre fui, ou eu sempre me julguei, muito americanizado, porque como eu aprendi inglês sozinho, o meu... a minha fonte de língua foi a partir de séries, principalmente, de *Friends* e de música americana, então, o que eu chamava de música internacional e o que muita gente chama de música internacional. (P3, E9)

É interessante perceber que a anulação da identidade cultural também acontece, aparentemente, naturalmente, pois eles começam a acreditar que agir como o grupo do ELES seria a forma mais correta, como podemos constatar neste trecho:

Outra coisa que me deixou muito chateada assim que eu voltei foi... de certa maneira, o choque cultural. De como as pessoas se relacionam. Lá as pessoas são muito mais educadas e... é... as pessoas respeitam mais o espaço individual, fisicamente mesmo, ninguém se aproxima tanto do outro. Você não fala juntinho. Ninguém fica lhe tocando muito e, aqui no Brasil, a gente sabe que isso é muito diferente (risos). Aqui todo mundo se abraça, se beija, pra falar, toca no outro e eu costumava ser assim. Não tô dizendo que eu não era, mas depois que eu passei esse tempo nos Estados Unidos, simplesmente, eu *meio* que mudei de hábito e eu vi que algumas coisas fazem mais senti..., pessoalmente, eu achei que algumas coisas fazem mais sentido porque, aqui em Recife, por exemplo, você é apresentado a um desconhecido e você dá dois beijos na bochecha dessa pessoa... como uma forma normal de cumprimento e é muito estranho que você *tá* beijando uma pessoa estranha, que você nunca viu na vida (risos). Então, pra mim, hoje em dia, faz mais sentido um aperto de mão. Eu não sei quem é essa pessoa, entendeu? Então, assim, algumas coisas eu peguei de lá e segurei comigo. (P6, E1)

Não ser identificado como brasileiro é como uma conquista, uma vitória, um triunfo, uma forma de evoluir para o grupo do outro. É sentir-se integrado ao grupo almejado. No entanto, de acordo com Moita Lopes (2003, p. 43), “tal atitude de imitação perfeita é o primeiro sintoma de alienação a se detectar, já que se trata de uma identificação total com o “outro”, com o conseqüente abandono de sua própria identidade cultural”, e isso pode ter conseqüências no discurso desse educador para com seus alunos.

Acreditamos que nós, como educadores, deveríamos compreender o nosso papel político e social, para despertar no aluno uma consciência crítica do que o cerca, a fim de transformá-lo num cidadão reflexivo e, evitar fomentar uma alienação cultural que não atribuirá nenhuma reflexão. Pelo contrário, seria apenas a continuação das mesmas crenças que foram e/ou estão incutidas até hoje, como podemos perceber na fala deste professor:

Eu sempre digo aos meus alunos que quanto mais você sabe a língua, melhor você será tratado. É... as pessoas não têm muita paciência, hoje em dia, e quanto mais efetivo, quanto mais rápido você for na sua comunicação, acho que você vai ser muito mais recebido, você vai ter um pouco mais de atenção, e eu acho que, através da língua, eu consegui isso. (E5)

Aqui, o professor quer salientar, com “quanto mais você sabe a língua”, não apenas no sentido de se comunicar com precisão e fluência, mas falando como os nativos, pois, quando indagamos sobre o que seria “ser tratado melhor”, era porque, na sua concepção, ele não soava como brasileiro, e sim como um falante nativo da língua inglesa. Ver anexo, p. 118.

Vale ressaltar que os modelos mentais não são compostos apenas pela exposição de meios de comunicação, mas também por experiências. É a partir daí que também desenvolvemos nossas opiniões e interpretações sobre eventos. Nossos entrevistados tiveram experiências pessoais quando moraram nos EUA e suas opiniões e interpretações sobre o que é ser um cidadão americano está atrelado a mais aspectos positivos do que negativos. Pudemos comprovar isso por meio dos discursos adiante:

No subúrbio, é mais tranquilo. O trânsito é muito tranquilo. O que eu tive experiência é uma qualidade de vida muito boa e muito tranquila e muito mais segura do que aqui. (P5, E1)

Então, lá, por exemplo, não tem muito trabalho informal. Você não tem tantas pessoas que... é... não tem é... controle sobre o negócio que ela quer abrir aqui. É muito difícil prosperar aqui num negócio. Tem muita taxa, tem muita... tem muito imposto, lá é mais fácil. (P5, E2)

Putz... como eu te disse, eu sou muito suspeito, né? Austin, eu achei uma cidade fantástica. [...] Eu saí de um local como Austin, menor, para uma metrópole como Nova Iorque e, mesmo assim, eu vejo muito respeito dos americanos com os outros em geral. Eu acho isso muito forte. (P5, E5)

Então, a noção de civilidade é muito forte nisso. Outra coisa interessante no povo americano é a noção de cidadania. Que eles sabem... A grande maioria dos americanos podem não conhecer a lei, a letra da lei, mas eles têm muita noção do papel deles como cidadãos. Então, eles têm uma noção de comunidade muito forte, né? (P4, E6)

As comparações são feitas usando o seu próprio país de origem, o Brasil, como referência. Mais uma vez a comparação de uma civilização melhor, de povos educados e honestos é posta em questão e, claro, que o brasileiro é classificado como povo inferior, não tão civilizado quanto os norte-americanos e esse, também, é um dos fatores que faz com que esses professores sintam nostalgia do tempo que moraram ou visitaram os EUA. Vejamos alguns fragmentos do discurso:

No tempo que eu passei lá, o que eu achei muito legal, que eu não vejo aqui, no Brasil, em particular, o patriotismo. Eu acho que eles têm isso muito forte e eu acho bonito. (P6, E1)

A gente tem uma parte que não é tão legal que é o famoso “jeitinho brasileiro”, a questão que já tá dentro da nossa cultura, de que tudo a gente consegue dar um jeitinho, “ah... é uma lei?”, mas a gente dá uma “puladinha”, uma regra, mas a gente dá uma “dobradinha”, um *bend* naquela regra ali, e a gente consegue passar com isso. (P8, E1)

A educação das pessoas. Lá as pessoas são muito mais... é... cordiais. [...] é muito complicado viver nesse país com as pessoas que não conseguem perceber que elas são responsáveis pelo bem estar delas e das outras pessoas. Coisa que, nos EUA, você consegue. (P7, E2)

[Opinião referente ao serviço de *self-checkout* no Brasil] de honestidade. Acho que o povo vai querer tirar vantagem. Sei lá... passa a feira toda e deixa um quilo de açúcar sem passar. Eu acho que o povo é muito aproveitador. Sem educação, sem maturidade *pra* esse tipo de liberdade. (P8, E4)

A noção de civilidade é muito forte nisso. Outra coisa interessante, no povo americano, é a noção de cidadania. (P4, E6)

Como podemos ver, as palavras “honestos”, “cordiais” e “civilidade” foram escolhidas para classificar quem pertence ao grupo do positivo e as palavras “sem maturidade”, “sem educação” e a expressão “jeitinho brasileiro”, ao grupo do negativo. A seleção dessas palavras não foi feita em vão, pois, como pontua Volóchinov (2017, p. 181), “a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana” e, no Brasil, podemos notar como a dominação política dos EUA é forte. Tendo os EUA, mais uma vez como referencial, a polarização acontece às avessas, uma vez que o brasileiro se coloca no papel de vira-lata. No entanto, quando avaliamos o Brasil, em relação a países da América Latina, o brasileiro se considera “melhor” do que os países vizinhos, visto que a força política desses países não exerce um grande controle sobre o país, como os EUA o fazem.

Os professores hesitaram na escolha de algumas palavras, mas acabaram por optar por palavras que trazem significados negativos para classificar ou identificar o povo brasileiro. Na contramão, as palavras para referir-se ao povo norte-americano são totalmente opostas. Para Fairclough (2016, p. 239), “essas escolhas e decisões não são de natureza puramente individual: os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos” e Van Dijk (2000, p. 45) faz uma análise ainda mais ampla dos significados das palavras, no campo semântico ideológico discursivo, quando pontua que “[...] o ‘conteúdo’ ideológico é expresso mais diretamente no significado do discurso⁴⁰”, ou seja, o significado muda de acordo

⁴⁰ Tradução livre: [...] ideological ‘content’ is most directly expressed in discourse meaning.

com o contexto. Por isso, elabora os aspectos dos significados e, aqui, vamos ater-nos apenas a alguns deles.

Um dos aspectos do significado tem como característica o **contraste** e podemos observá-lo quando os professores entrevistados usam palavras, como “educados”, “civilizados”, “cordiais”, como forma de atribuir aos norte-americanos pontos positivos e, por outro lado, utilizam palavras de cunho negativo, tais como “mal educado”, “sem maturidade”, entre outras, como forma de polarizar esses dois grupos. Também foi interessante observar que, ao mesmo tempo em que eles, os professores, usaram essas palavras para classificar os brasileiros, quando tiveram de responder às perguntas 8 e 9, mudaram totalmente o discurso e começaram a utilizar palavras positivas para classificar os brasileiros, como uma aparente negação do que foi dito nas perguntas anteriores. É o que Van Dijk (2000) classifica como **desaprovadores**⁴¹, outro aspecto da proporção semântica ideológica. De acordo com o autor (2000, p. 50), “a negação, nesse caso, serve, principalmente, como uma forma de autoapresentação positiva, de manter o rosto⁴²”, pois não querem que os receptores pensem algo negativo deles, principalmente por se tratar do seu país de origem. Como podemos observar nos seguintes discursos:

Não vou poder falar mal do meu país. [...] O brasileiro é... é visto como uma pessoa muito calorosa, muito querida... uma pessoa é... receptiva, hospitaleira. A gente tem essa fama de “gente boa”. O brasileiro é visto como uma pessoa “gente boa”. (P8, E1)

Música, ouço música em português, música brasileira, música pernambucana, música recifense, meu bom brega (risos), meu brega, meu Recife. Gosto muito, ouço, sim. (P9, E2)

Eu sou incrivelmente apaixonado, principalmente... assim, pouquinho mais regional, falando da cultura pernambucana. (P8, E3)

Eu acho maravilhosa. Acho maravilhosa. Acho incrível a pluralidade de sotaques de uma mesma língua, num mesmo país, por ele ser tão grande, e eu acho a cultura brasileira incrível, maravilhosa, principalmente a pernambucana. (P8, E4)

Eita lá... (risos). Cultura brasileira, eu amo muito, assim, porque eu vejo como se fossem várias culturas dentro de uma só. Se você parar para pensar dentro do Brasil, então, cada recorte, até falando da cidade que você mora, tem várias

⁴¹ Tradução livre: disclaimers

⁴² Tradução livre: The negation in such a case primarily serves as a form of positive self-presentation, of face keeping.

mini culturas, sei lá, mini construções culturais que compõem, acho que, o grande espectro cultural que é o Brasil. (P8, E7)

Não queremos dizer, aqui, que eles não gostam da sua língua e da sua cultura, todavia, foi interessante ouvi-los, durante toda a entrevista, e perceber que as opiniões sobre o Brasil soaram mais como forma de apaziguar o que tinha sido dito antes. Assim, a exaltação do grupo do ELES não sobressai. Da mesma forma, aconteceu com a língua portuguesa. Ela estava sempre atrelada ao ensino tradicional e poucos professores ressaltaram a beleza dela, como podemos observar nos fragmentos a seguir:

[...] em relação a língua... tenho que confessar que eu nunca fui muito boa em português (risos). Não é uma língua fácil. Eu não acho que é uma língua fácil. Eu, hoje em dia, eu acho que falo português porque eu nasci aqui. Acredito que se eu não tivesse nascido aqui, eu não conseguiria aprender. Vou ser bem sincera. [...] Então, se for comparar uma língua com a outra, eu vejo o inglês muito, muito mais simples do que o português. (P8, E1)

[...] eu já fui professor de português... não é uma área que eu me identifico tanto, mas não por não gostar, mas por não ter o mesmo nível de estudo... o mesmo nível de... é... de profundidade de estudo na língua portuguesa que acabei, que pelas circunstâncias, pelas minhas experiências, pelas minhas escolhas, eu acabei tendo mais contato com a... língua americana, nesse aspecto, né? Não estudei em profundidade a língua portuguesa em termos de... é... regras... e eu sei o básico de uma pessoa culta, né? (P10, E2)

Acho que a língua portuguesa é uma língua bastante difícil de aprender porque tem infinitas conjugações. (P10, E4)

Então, eu sou formado em Letras, né? Eu posso ensinar português, inglês e literatura, mas eu nunca gostei muito. Eu acho a gramática brasileira muito... engessada em fórmulas, né? A gente tem que memorizar muitos nomes, memorizar variações que, na vida real, no dia a dia, a gente não usa. Então, eu nunca gostei desse processo de formalidade. (P10, E5)

Então, tem o aspecto chato dela, daquela coisa da gramática, decifrando mesmo pedacinho por pedacinho aquela frase [...] (P10, E7)

Ainda no campo semântico ideológico do discurso, temos as **implicações** e as **pressuposições** que, como vimos anteriormente (capítulo 3), estão inseridas no discurso cujo modelo mental já está estabelecido por diversas situações e por outras razões existentes. Assim, a informação, quando enunciada, pode ser de forma explícita ou implícita, visto que o interlocutor pressuporá que o receptor entenderá do que trata a mensagem, uma vez que compartilhem da mesma ideologia, crença, atitude e conhecimento, como podemos observar a seguir:

A própria escola americana, o modelo de escola americana, ele parte da comunidade. A grande maioria, não as escolas particulares, mas as escolas públicas, elas partem da comunidade. Então, elas nascem nas comunidades,

as famílias se mobilizam para consertar alguma coisa na escola, quando não vem dinheiro do governo. Os pais têm uma participação mais ativa... e a professora faz parte daquela comunidade, então, as pessoas conhecem todo mundo. Então, assim, isso é modelo que tentaram fazer aqui, quando Alúcio Teixeira [vide nota de rodapé na página 126] foi fazer doutorado lá, mas quando aqui, *pro* Brasil, queriam implantar isso. Não deu certo, né? (P4, E6)

[...] é muito complicado viver nesse país, com as pessoas que não conseguem perceber que elas são responsáveis pelo bem estar delas e das outras pessoas. Coisa que, nos EUA, você consegue. (P7, E2)

Nesses dois recortes, temos dois exemplos de discursos: um explícito e outro implícito. No primeiro fragmento, a pergunta “não deu certo, né?” implica dizer que nós, como interlocutores da conversa, sabemos que não deu certo o sistema educacional público no país, quando o entrevistado nos indaga; por isso, temos, aqui, o fator implícito e explícito, devido ao exemplo dado. Já, no segundo fragmento, está explícita a mensagem de que o povo brasileiro não é civilizado como o povo norte-americano. Mais uma vez, a sinalização da polarização entre esses dois grupos.

Finalmente, outro aspecto do campo semântico ideológico é o **exemplo** e a **ilustração**, pois, segundo Van Dijk (2000, p. 49), “as histórias podem servir como premissa em uma argumentação⁴³”, pois elas são utilizadas para ressaltar “Nossas boas ações e o mal comportamento Deles⁴⁴” (VAN DIJK, 2000, p. 49). Porém, neste caso, esse evento acontece às avessas. A maioria dos recortes expostos, ao longo deste capítulo, serve como exemplos desse aspecto e outros exemplos e ilustrações sobre como a forma de vida nos EUA é melhor.

[...] as crianças brincam do lado de fora; mesmo assim, durante o dia, as portas ficavam destrancadas. Ninguém tinha a preocupação de: entrou, trancou a porta. Não, a gente trancava quando ia dormir, mas, mesmo assim, se deixasse destrancado, nenhum problema tinha. O entregador chega, ele deixa o pacote na frente da sua porta e ele fica lá se você não tiver. Quando você chegar, você vai ver o pacote que chegou de entrega, que você leva pra dentro. Ninguém passa lá e leva seu pacote, entendeu? Então, assim, muito mais seguro e tranquilo. (P5, E1)

Os serviços de lá funcionam muito bem. A economia gira bem. Os serviços são bons. Os correios funcionam. O “Detran” funciona. Tudo funciona. E aí, eu cheguei no Brasil e o primeiro impacto negativo que eu tive foi assim que eu cheguei. Eu cheguei numa segunda e, na quarta-feira, eu tive que visitar meu lindo Detran, aqui na cidade, porque minha carteira de habilitação tinha vencido e o que eu me deparei foi exatamente no terceiro dia, foi logo um problema que eu não consegui resolver com facilidade. Um problema que *tô* com ele até hoje. Três anos depois e eu ainda não consegui resolver. (P6, E1)

⁴³ Tradução livre: Stories may serve as premises in an argument.

⁴⁴ Tradução livre: [...] Our good deeds and Their bad behavior.

O brasileiro, ele é mais amoroso, mas ele... pelo fato de não ter muito essa noção do... da pequena coisa do dia a dia, assim, do “bom dia”, do abrir a porta, respeitar a fila, de... não fazer barulho para não incomodar o vizinho... Essas coisinhas, aqui, diariamente, acabam se transformando em problemas enormes, você andar de transporte público, aqui, é um caos, porque quando o ônibus chega, todo mundo quer entrar ao mesmo tempo, e a porta é só uma. (P6, E2)

Isso exatamente. Isso, aqui, no Brasil, é inadmissível! Isso, aqui, não vai dar certo nunca, no Brasil, porque é um país... não acho que tem como oferecer esse serviço, porque o povo daqui ainda não tem educação *pra* isso. (E4 comentou sobre o serviço self-checkout, p. 112)

Lá, você é honesto até que você prove o contrário. Então, eu comprei uma blusa uma vez e, quando eu cheguei em casa, que fui provar a blusa, ela estava um pouquinho rasgada, mesmo no ombro. Não era descosturada, ela *tava* rasgada. E aí eu disse: “meu Deus, vou precisar procurar essa nota agora *pra* voltar na loja e tal”. Pronto. Procurei a nota, achei a nota e fui na loja e falei: “ó... *tá* rasgada e não sei o quê, não sei o quê” e aí o cara nem pediu *pra* ver a nota, ele disse: “*tá* bom”, pegou minha camisa rasgada, “*tá* bom, deixe aqui e pegue outra camisa”. Ele disse: “você vai pegar uma igual?”, aí eu disse que iria pegar uma igual e ele fez: “*tá* bom”. Eu passei lá no caixa, ele fez assim: “não, *tá* tudo bem. *Tá* tudo certo”. (P7, E4)

Se você está em Nova Iorque, às três da manhã, você pode andar tranquilíssimo. Obviamente, você não vai ficar dando vacilo feito um retardado, mostrando as coisas, mas você consegue andar, tranquilamente, sem *tá* com aquela obsessão de que você vai ser assaltado ou algo ruim vai acontecer. Isso é algo muito forte que eu senti por lá e isso é uma coisa que eu faço questão de curtir lá. Quando ir curtir mesmo de bater perna, de andar, porque essa sensação é uma coisa que a gente raramente consegue ter aqui. (P6, E5)

O sistema de saúde norte-americano foi mencionado como exemplo negativo do país, devido ao número crescente de mortos durante a atual pandemia de COVID-19. A imprensa tem noticiado que muitos norte-americanos estão morrendo, porque não têm dinheiro para pagar o atendimento médico. Alguns dos entrevistados mencionam esse fato, mas, aparentemente, esse seria o problema mais alarmante do que citam, mediante tantos outros fatos positivos que expõem. Vale salientar, também, que, no período em que concederam as entrevistas, o Brasil se encontrava no décimo lugar do *ranking* mundial de países com o número alto de índice de mortalidade pelo COVID-19. Atualmente, nós nos encontramos em segundo lugar, superando países como França, Espanha e Itália, ficando atrás apenas dos EUA.

Os aspectos sociocognitivos são muito importantes, nesta análise, para entender como o cérebro processa as informações que recebemos no cotidiano e, por isso, temos de destacar que os “processos cognitivos, tais como: pensar, perceber, saber, acreditar, compreender,

interpretar, planejar, esperar, sentir etc., acontecem na mente ou na memória dos atores sociais individuais, como membros de grupos e comunidades sociais⁴⁵” (VAN DIJK, 2016, p. 5), de forma a constituir a formação das representações mentais de cada pessoa e, para que isso ocorra, esse processo é captado por partes diferentes do cérebro. Assim, são os modelos mentais “individuais, pessoais, subjetivos e multimodais. Eles não só representam, subjetivamente, uma situação ou um evento, mas também opiniões e emoções, em parte, em termos da visão, som, gestos, movimentos motores etc.⁴⁶” (VAN DIJK, 2016, p. 7). É esse sentimento que iremos destacar, agora, nos discursos dos entrevistados. São emoções por terem tido a experiência de morar nos EUA ou por pensarem em um dia conhecer esse país.

Ahm... (suspira) vamos lá. [...] (P6, E1) {um suspiro profundo que manifesta o quanto ela sente falta}

E2: A princípio, eu senti saudade...

P.: Do Brasil?

E2: Do Brasil, mas era aquela saudade que eu poderia ainda ficar mais tempo lá (risos). (P6, E2)

Hum... eu acho que seria uma experiência muito rica, porque, como eu falei, eu sou uma pessoa muito visual. Isso eu vejo muito neles. Tudo deles acende, brilha e é grande, né? Chamam muito atenção. Então, eu acho que meus sentidos ficariam muito felizes (risos) com essa visita. (P6, E3)

Ah... o maior *banzo*, né? (risos). Voltar de uma viagem é sempre muuuuito difícil. (P6, E5)

Então, mas eu queria muito que os bairros brasileiros fossem naquele estilo bairro americano, sabe, assim, que tudo estivesse no seu lugarzinho. [...] Então, é uma forma de construir. É utópico. Nunca vai acontecer (risos). Eu sinto falta das organizações dos bairros. (P6, E6)

[...] embora a situação lá não esteja muito boa, mas acho que você consegue trabalhar. Trabalhar e viver de uma maneira digna. É o que me parece. (P6, E8)

Então, eu imagino que se eu fosse a Nova Iorque, por exemplo, eu imagino todo mundo comendo *celery* ou então com um copo de *starbucks* na mão, tomando café no meio da rua, uma coisa muito rápida, táxi passando. É... se eu fosse viajar lá *pra* Miami, eu imaginaria muita gente de sandália, andando muito mais tranquilo, mas, ao mesmo tempo, *busy*, muitos turistas, é... essa questão de Cuba, de México, essa questão mais do espanhol muito forte.

⁴⁵ Tradução livre: Cognitive process, such as thinking, perceiving, knowing, believing, understanding, interpreting, planning, hoping, feeling, etc., take place in the mind or memory of individual social actors as members of social groups and communities.

⁴⁶ Tradução livre: Mental models are individual, personal, subjective and multimodal. They not only subjectively represent a situation or an event, but also opinions and emotions, and partly in terms of vision, sounds, gestures, motor movements, etc.

Então, você, basicamente, não iria ser atendido por um americano, você, talvez, iria falar português ou espanhol. (P6, E9)

Podemos analisar, nesses discursos, a experiência de ter morado e a expectativa de um dia conhecer o país, numa perspectiva nostálgica, para quem morou lá, que, ao trazer as lembranças de volta, faz com que os modelos mentais registrados reforcem a experiência positiva na terra do outro. De igual modo, acontece para quem ainda não experimentou a visita ao país, dado que mantém viva, emocionalmente falando, a expectativa de viver o que é apresentado nas telas de TV, por meio de filmes, seriados etc.

A escolha pela carreira de professor foi, em sua maioria, influenciada pela ideologia do estilo de vida do norte-americano e pela hegemonia dos EUA sobre o Brasil. A indústria do entretenimento, mais uma vez, vem à tona quando esses professores justificam o porquê de terem escolhido essa profissão e o ensino dessa língua e não o da língua materna.

Eu escolhi, na época, porque eu gostava de inglês, gostava dos produtos americanos, eu tinha dezesseis anos, eu não tinha ninguém de ensino superior na minha família, era o curso que *tava* mais acessível, prestei (vestibular), passei e nunca trabalhei com nenhuma outra coisa a não ser isso. (P10, E2)

Eu decidi, justamente, pela quantidade de... de coisa que eu consumia quando era adolescente. Consumia muita música, filme, série... então, isso gerou essa necessidade de aprender e foi por isso que eu aprendi. (Extensão da P10, E3)

Acho que a música, série... exatamente esse consumismo da cultura americana. E aí... foi assim. O meu pai nunca pagou um curso de inglês *pra* mim. A gente ainda pensou em fazer intercâmbio. Eu sempre quis fazer intercâmbio, só que aí acabou não dando certo, e aí não fiz. (Extensão da P10, E4)

Eu sempre digo que eu sou apaixonado, assim, pela língua inglesa. Dar aula, pra mim, é algo que... é algo que... sou eu. As pessoas me conhecem como *teacher* Rodrigo⁴⁷. Chega no shopping, chega na rua, e as pessoas dizem: “ei, *teacher* Rodrigo!”. Eu venho fazendo isso há... vinte e três anos. É algo que eu amo [...]. (P10, E5)

Foi já na intenção de ensinar mesmo, aprimorar o pouco que eu tinha, por contato de filme, séries e músicas, não aí eu pensei: “não, eu tenho que aprimorar para entrar no mundo do ensino”. (P10, E7)

Eu decidi porque eu gostava de inglês mesmo (risos), porque eu comecei a estudar inglês, porque eu ouvia músicas em inglês. [...] Por causa de música,

⁴⁷ Nome fictício.

comecei a estudar inglês e descobri que eu tinha muita facilidade, muita facilidade mesmo. [...] Meu perfil era mais trabalhar com línguas e com gente, mas não de uma forma competitiva, sabe? (P10, E8)

Eu sempre gostei de falar em inglês porque eu gostava do som, gostava da língua, gostava de me sentir, culturalmente mundial ou culturalmente americano, a princípio. (P10, E9)

O ciclo hegemônico dos EUA continua passando, de geração a geração, pois, sem perceber, esses professores acabam recomendando, como forma de aprimoramento da língua, continuar assistindo aos serviços *streaming* norte-americanos, disponíveis no mercado (*Netflix* e *Amazon Prime Video*), músicas americanas, viagens para os EUA, entre outros. Entretanto, não há, ainda, nenhuma reflexão crítica sobre por que o inglês continua sendo fortemente estudado e o domínio cultural norte-americano tão presente no Brasil.

[...] a gente sabe o que é mais provável deles falar, porque nem sempre todo o nativo da língua fala aquilo que o livro de norma diz que é *pra* falar, né? Então, eu tento abordar aspectos culturais dessa forma e, também, nas questões... ahm... comemorativas, de celebração, de cunho histórico. História e cultura *tão* ligados, então... é... eventos que fizeram diferença nos EUA, que influenciaram atitudes, que influenciaram costumes, que influenciaram tendências, que influenciaram a língua e o povo. (P11, E2)

O consumo dos produtos culturais, filme, música... sabe? Então, para eles consumirem aquilo, eles vão sentir necessidade, primeiro, de aprender a língua. Pra facilitar. (Extensão da P11, E3)

Porque, assim, *hoje, atualmente*, eu só tenho dado aula *pra* criança e adolescente. Eu não tenho dado aula *pra* adulto. Então, assim, o que as crianças e os adolescentes têm consumido muito da língua inglesa é jogo, né? Jogo e música, basicamente. (P11, E4)

Um recorte da entrevista que nos chamou muito a atenção foi quando um dos entrevistados comenta o seguinte:

Eu *tô* aqui pra instigar, eu *tô* aqui *pra* dar o choque e através desse choque, vocês vão falar e eu gosto muito de trazer coisas que acontecem aqui, que acontece lá fora, *pra* basear a aula em realidade. Eu realmente não curto *tá* trabalhando com fantasia, “as pessoas são fantásticas” ... não é meu estilo de trabalho. Apesar de hoje em dia trabalhar numa escola que trabalha com o público A, A, A. Então, é algo que eu preciso me policiar, porque, hoje em dia, você quer chocar e aí *bate* numa pessoa bem mais velha que você, que já tem aquele conceito social formado e que não vai mudar. Então, eu também tenho muito cuidado em saber que público que eu trabalho, mas, no geral, eles sabem que eu vou sempre *tá* confrontando, eu vou *tá* sempre mostrando

alguma coisa feia, estranha, real, a realidade mesmo, *pra* que possa ver a aula. (P11, E5, p. 121)

E esse é o contexto da maioria desses professores. O público é, em sua grande maioria, de classe alta, pelo menos nessas instituições que aceitaram participar desta pesquisa. O público de classe média alta também divide o mesmo espaço com a classe mencionada. Então, nem todo assunto é adequado para discutir em sala, refletir e criticar. Tendo como base essa amostra, dos nove professores entrevistados, dois, apenas, que por coincidência trabalham na mesma instituição, disseram que trazem questões políticas, sociais e econômicas para sala de aula para serem debatidas, utilizando a língua inglesa, claro. Porém, essa professora menciona que quando ela planeja esse tipo de aulas, ela planeja com mais dois professores, que, segundo ela, estão mais abertos para discutir esses assuntos, e leva para sala. De acordo com a professora:

[...] Na verdade, o perfil dos alunos do curso onde eu trabalho, é... um perfil de classe média e classe média alta, classe média bem alta. [...] Eles estão assim, lá no topo da pirâmide, né? Embora eles convivam só com aquelas pessoas, no colégio, com a família, em casa, não sei o quê, é... embora não... como eles só convivem, a maior parte, com esse tipo de gente, eles acham que aquilo é a realidade brasileira, não é.[...] Como a gente trabalha muito com o pensamento crítico, mesmo nas aulas de inglês, que a gente trabalha muito lá com as habilidades do século 21, então, eu acho que a maneira de lidar é essa. É você... é a gente, assim... tentando fazer com que eles percebam, levando material, levantando discussões, levantando questões *pra* que eles usem o inglês, claro, mas que pensem também que existe uma vida muito diferente fora da realidade social dele, sabe? (P11, E8)

O outro professor disse que ensina e debate com os alunos sobre a questão do poder norte-americano sempre que pode. Ele liderou um grupo de alunos do programa do governo, Jovens Embaixadores, e, como os alunos ficaram fascinados pelos EUA, ele logo argumentou:

Vocês tiveram casa, comida, roupa lavada, porque eles ficam em casa de família, né? Então as famílias *levavam eles* para comer, eles não pagavam nada. Sendo que morar nos Estados Unidos é outra coisa. “Vocês, possivelmente, não vão morar numa casa como vocês ficaram”. Teve gente que ficou em mansões. Então, “você não vai ter emprego para morar numa casa dessa, geralmente será um *cubiculozinho* que você vai poder pagar”. Então, para eles terem a noção... que é assim... é legal? É. Não vou dizer que os EUA é ruim, eu gosto muito de ir pra lá, inclusive. (E6)

Vale ressaltar que os alunos que participam desse programa são da rede pública do ensino médio e, só conseguem a bolsa para visitar os EUA, alunos que se destacam no rendimento escolar, que participam ativamente na sua comunidade com atitudes positivas e que tenham um espírito de liderança. Não podemos deixar de mencionar que, neste discurso,

também encontramos elementos de discriminação social, pois, quando o professor diz: “você não vai ter emprego para morar numa casa dessa, geralmente será um *cubiculozinho* que você vai poder pagar”, ele presume que nenhum daqueles jovens terão condições financeiras para morar bem nos EUA. Todavia, como nosso foco de análise é outro, deixaremos essa questão para um trabalho oportuno.

Quando questionamos os nossos entrevistados sobre como eles lidam com os discursos de que os EUA são melhores do que o Brasil, na sala de aula, obtivemos respostas diversas, mas poucos professores propõem uma reflexão sobre a hegemonia dos EUA, no país e, quando há tentativas.

Meu inglês é totalmente americano e, por ter tido essa experiência nos Estados Unidos, eu consigo trazer muito mais da cultura norte-americana *pra* sala de aula, se a gente for comparar, por exemplo, com a cultura britânica, que é geralmente a gente faz o peso, né? (P11, E1)

[...] a gente sabe o que é mais provável deles *falar*, porque nem sempre todo o nativo da língua fala aquilo que o livro de norma diz que é *pra* falar, né? Então, eu tento abordar aspectos culturais dessa forma e também nas questões... ahm... comemorativas, de celebração, de cunho histórico. História e cultura *tão* ligados, então... é... eventos que fizeram diferença nos EUA, que influenciaram atitudes, que influenciaram costumes, que influenciaram tendências, que influenciaram a língua e o povo. (P11, E2)

Eu não... alimento esse tipo de discussão porque sempre falo *pros* meus alunos que cultura a gente não coloca uma acima da outra, a gente não pode determinar qual é a melhor, a gente não determina qual idioma é mais fácil. Eu sempre coloco *pra* eles que são duas culturas diferentes, são dois idiomas diferentes, mas não existe um melhor e um pior, porque eu também não acredito na, sabe... na... na diminuição de uma cultura *pra* o crescimento e interesse em outra. (P11, E3)

Até existe assim: “ah, porque quando eu fui *pra* Disney...”, porque eles sempre vão *pra* Disney, né? Eles só falam as diferenças gritantes que a gente vê aqui, por exemplo, não tem lixo na rua, ninguém joga lixo no chão, as pessoas respeitam a sinalização de trânsito, as pessoas respeitam, *tipo*, se tem a faixa de pedestre e a pessoa *pra* você atravessar, *pro* pedestre. E aí, eu fico impressionada porque as pessoas ficam assim: “Meu Deus, lá... eles param o carro *pra* você atravessar!”, mas, aqui, também. Aqui é porque não tem educação *pra* isso. Mas, aqui, você também tem que parar, aqui, você também não pode jogar lixo no chão, *pô*. (P11, E4)

Realmente eles mostram que... lá fora é bem diferente daqui. Mesmo eles sendo na sua grande maioria de classe social bem alta. Lá fora, eles conseguem aproveitar muito mais e isso foi uma coisa que eu aprendi com meus alunos, trabalhar mais, juntar mais dinheiro, quando possível, para ter a minha experiência de viagem *pra* poder também vivenciar isso. Fez a diferença na minha vida. (P11, E5)

[...] a gente não sabe quanto tempo isso permanece, né? A gente não sabe se, no final da aula, eles vão esquecer aquilo ali e continuar achando Miami massa

ou eles vão ter essa reflexão, né? Esse incômodo, né? “ó, *perai*. Não é bem assim não”. Mas, enfim, eu sempre tento mostrar que a cultura americana, ela vem mostrar uma coisa que é fabricada, né? A mesma coisa se você assistir uma novela brasileira, você vai achar que todo mundo tem casas daquele jeito. Você assiste uma *Malhação*, você vai achar que as escolas são daquele jeito, né? (P11, E6)

Eles sempre vão trazer, tanto pela faixa etária quanto pela vivência deles, um exemplo de viagem; é impossível eles não voltarem trazendo tudo de melhor e porque é melhor dessa viagem, porque é melhor do que aqui. E isso me replica em tanta coisa, em exercícios, quando você diz: “escolha um país ou escolha uma nacionalidade”, nunca o Brasil é escolhido nessas atividades. Raramente acontece. E sempre volta pro universo americano mesmo, no máximo, puxa assim pro Canadá, Londres, mesmo. Sempre é EUA, Nova Iorque, Los Angeles... eles sempre trazem isso. (P11, E7)

[...] Mas uma coisa que eu sempre tento fazer é levar... não sempre porque não tem muito a ver, mas da mesma forma que a gente fala da cultura, dos feriados, né, enfim, coisas mais marcantes, datas comemorativas, enfim... dos EUA, você tem que estar sempre: “ah... mas, no Brasil, o que é que a gente tem?”, sabe? (P11, E8)

Mas, às vezes... eu acabo defendendo muito o que a gente tem, se for questão de linguística mesmo... Eles dizem: “*teacher*, como falo isso aqui?” e acaba que a gente não tem uma tradução certa, mas eu gosto de *highlight* que a gente é massa. Que não tem uma tradução, uma palavra igual a *eita*, por exemplo. Não tem uma palavra igual a *oxe*, por exemplo. Eu gosto muito de *highlight* isso. E que, até o aluno, que *estiver* fora do país e quiser usar *eita* e *oxe*, ele pode explicar *pra* quem *tá* lá o que significa e continuar usando. Então, eu gosto de defender essa questão, mas, ao mesmo tempo, às vezes, eu gosto de dizer: “ah.. que lá é assim e que é perfeito e que eles são assim, falam assim, e a gente já sabe como é”. Tem esses dois momentos. Defendo muito a cultura brasileira, mas, às vezes, eu defendo muito a cultura americana/internacional/europeia, enfim. (P11, E9)

Por estes fragmentos dos discursos, podemos perceber que não há um conhecimento, por parte dos professores brasileiros de LI, sobre o acordo diplomático entre Brasil e os EUA e da existência de um Birô nos anos 40 de dominação em massa. Mesmo que haja uma tentativa de reflexão, não nos parece ser efetiva, uma vez que nem todos os professores de cursos livres têm a mesma postura diante do assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de analisar as nove entrevistas, podemos concluir como os efeitos dos modelos mentais foram e são bem estabelecidos pelo poder hegemônico dos Estados Unidos no Brasil. Essa presença norte-americana é tão forte e enraizada na cultura brasileira, que o consumo dos produtos norte-americanos é algo natural e a continuidade do consumo desses produtos mantém as crenças, as atitudes, os conhecimentos compartilhados desse grupo, que, sem perceber, passa para outro grupo, sem nem mesmo entender por quê. Não há reflexão crítica.

Não podemos negar, entretanto, que o ensino da língua inglesa está passando por uma mudança, na abordagem dos tópicos a serem ensinados aos alunos. Trata-se do *21st Century Skills*, ou as Habilidades do Século 21, que consiste em desenvolver um trabalho colaborativo, o pensamento crítico, a criatividade e a comunicação por parte dos professores e alunos. No entanto, na prática, poucos são os profissionais que se propõem a discutir tais assuntos visando a um planejamento de aula baseado nessa temática. Na maioria das vezes em que o assunto é abordado em sala, eles apenas apontam seus pontos de vista e prosseguem a aula sem pôr em questão por que os alunos brasileiros têm de estudar a língua inglesa e o consumo exacerbado do entretenimento norte-americano. Podemos perceber, nas práticas dos docentes e pelos discursos, que o foco está na abordagem comunicativa (sem reflexão crítica – grifo nosso), isto é, entreter os alunos, nos espaços e serviços da escola, como a área da cozinha e sala de multimídia, entre outros.

Nessas instituições de ensino de inglês, é muito difícil ter como objetivo das aulas uma discussão sobre assuntos, como a política, uma abordagem socioeconômica e até mesmo o sistema educacional. Cursos livres de grande porte têm como público alunos de classe média alta a classe alta que, aparentemente, não estão dispostos a discutir ou refletir sobre os problemas sociais, políticos e econômicos do país, ou talvez, é assim que os cursos livres acreditam que deve ser, uma vez que eles possam julgar que o ensino de inglês, como segunda língua, nada tem a ver com os problemas sociais do país, ou simplesmente pelo fato de que seus clientes estão interessados em entretenimento, como viagens internacionais, principalmente com visita aos EUA, e o assunto passa a ser irrelevante.

Acreditamos que, talvez, não haja uma ordem expressa da direção da escola de que os professores não possam debater sobre essa questão, mas também notamos, pelas entrevistas, que nem todos os professores se sentem à vontade para discutir sobre esse assunto. Então, como

resolver essa questão? Nossa proposta é trazer à tona a história brasileira do acordo diplomático e a estratégia estabelecida pelos os EUA, no país, que usou o entretenimento como dominação de poder e controle das mentes; ampliar essa discussão em cursos livres, devolvendo a essa comunidade este trabalho de pesquisa, para que estes professores possam compreender que muitas das construções do discurso estão atreladas aos modelos mentais construídos; quebrar o ciclo de crença de que o que vem de fora é sempre o melhor e começar a valorizar o que o Brasil pode oferecer.

Claro que vale ressaltar que nossa intenção não é desenvolver nos brasileiros um sentimento xenofóbico e nacionalista, pois há riqueza em todas as culturas e todas são bem vindas quando há respeito, uma interculturalidade entre nações e o compartilhamento de culturas diversas, pois essa partilha também nos traz um sentimento de tolerância à diversidade cultural e desenvolve conhecimento.

Por isso, acreditamos que este assunto deveria ganhar mais conferências e congressos, no ensino de língua no país, e não apenas ater-se a discussões no universo acadêmico, a fim de se conscientizar os profissionais dessa área. Sabemos que não resolveremos esta questão da noite para o dia, mas entendemos que essas reflexões críticas precisam estar mais ao alcance de todos, para que possamos avançar para uma mudança significativa e não nos tornarmos reféns da dominação cultural norte-americana.

REFERÊNCIAS

- ADAMSON, Walter L. **Hegemony and Revolution: A Study of Antonio Gramsci's Political and Cultural Theory**. California: University of California Press, 1980.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O Conceito de Hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. Lua Nova, São Paulo, n. 80, p. 71-96, 2010.
- ALVES, Júlia Falivene. **A Invasão Cultural Norte-Americana**. 2ª ed. Reform. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. BH: UFMG, 1998.
- BORTOLOZZI, Flávio; BERTONCELLO, Ludhiana. **Metodologia de Pesquisa**. Maringá: Centro Universitário de Maringá, 2012.
- BRITZMAN, Deborah P. **Practice Makes Practice: a critical study of learning to teach**. Albany: State University of New York Press, 2003.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Identidade & Discurso: (Des)construindo Subjetividades**. São Paulo: Unicamp: Argos, 2003.
- COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia. **O Professor de Inglês: Entre a Alienação e a Emancipação**. Linguagem & Ensino, v.4, n.1, p. 11-36, 2001.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa Empírica em Ciências Humanas (Com Ênfase em Comunicação)**. São Paulo: Editora Futura, 2001.
- DIÁRIO REGIONAL DIGITAL. **Líderes de Audiência, Programas Infantis Educativos Dominam Canais a Cabo**. Diário Regional Digital, 2018. Disponível em: <https://diarioregionaldigital.com.br/2018/06/09/lideres-de-audiencia-programas-infantis-educativos-dominam-canais-a-cabo/> . Acesso em 23.01.2020
- DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. Cambridge University Press, 1997
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. 2ª ed. Brasília: UnB, 2016.
- FERRARI, Márcio. **Anísio Teixeira, o Inventor da Escola Pública no Brasil**. Nova Escola, 01 de outubro de 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1375/anisio-teixeira-o-inventor-da-escola-publica-no-brasil> . Acesso em 05.06.2020
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

JESUS, Dánie Marcelo de. **Constituição de Práticas Identitárias de Professores de Inglês em Comunidades Digitais**. Revista Ecos. Ed. Nº 011, 2011.

KESSING, Roger. Theories of Culture. **Canberra Anthropology**, v.13, n.2, p. 46-60, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MENDES, Edleise. A Perspectiva Intercultural no Ensino de Línguas: Uma Relação “Entre-culturas”. In: **Linguística Aplicada: Múltiplos Olhares**. ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz Alvarez & SILVA, Kleber Aparecido da (orgs.) Brasília, DF: UnB – Universidade de Brasília/Finatec; Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. “Yes, Nós Temos Bananas” ou “Chicago Não é a Paraíba Não”. Um Estudo Sobre Alienação e o Ensino de Inglês como Língua Estrangeira no Brasil. In: **Oficina Linguística Aplicada A Natureza Social e Educacional dos Processos de Ensino/Aprendizagem de Línguas**. São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2003.

MOURA, Gerson. **Tio Sam Chega ao Brasil: A Penetração Cultural Americana**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PENNYCOOK, Alastair. **The Cultural Politics of English as an International Language**. 1ª ed. Londres: Longman Group Limited, 1994.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por Uma Linguística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética**. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

ROCHA, Everardo. **O Que é Etnocentrismo**. 1ªed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa Acadêmica: Como Facilitar o Processo de Preparação de suas Etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

ROSA, Isabela Santos Correia. **Diálogo Entre o Pluralismo Epistemológico e o Multiculturalismo Crítico na Formação Inicial de Professores/as de Biologia**. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia, e História das Ciências). Salvador: Universidade Estadual de Feira de Santana/Universidade Federal da Bahia, 2019.

SILVA, Luiz Inácio Lula. **Entrevista cedida ao Canal da Resistência ao jornalista Paulo Pimenta**, 06/06/2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MPmvqSROJtw_. Acesso em: 11 mar. 2020.

SIQUEIRA, Sávio. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. **Revista Inventário**, 4. ed., jul/2005. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04ssiqueira.htm>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SOUZA, Jessé. **A Classe Média no Espelho: Sua História, seu Sonhos e Ilusões, sua Realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

VAN DIJK, Teun A. **Ideology and Discourse: A Multidisciplinary Introduction**. Pompeu Fabra University, Barcelona, 2000.

_____. **Ideology**. The International Encyclopedia of Political Communication. 1 Ed. 2015a.

_____. **Sociocognitive Discourse Studies**. Handbook of Discourse Analysis. 2 ed. 2016.

_____. Critical Discourse Studies: A Sociocognitive Approach. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. (orgs.) **Methods of Critical Discourse Studies**. 3 ed. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2015b.

_____. **Discurso e Contexto: Uma abordagem sociocognitiva**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017a

_____. **Discurso e Poder**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2017b

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXOS

ENTREVISTA 1

P.: Qual é sua percepção sobre a cultura norte-americana e a sua língua?

E.: Então, ahm... minha percepção sobre a cultura norte-americana mudou muito, ahm... com o decorrer da minha vida, porque, antes, tudo que eu tinha da cultura era o que eu via pela TV. Então, tudo que a gente vê ... a gente, os brasileiros, consomem muito a cultura americana, a maioria das coisas que a gente assiste na Netflix ou da internet vem de lá, então, a gente tem essa ideia. Pelo menos, era a ideia que eu tinha, era só o que eu consumia pela TV, que é um país que só entendem deles mesmos, ahm... que todo mundo só come porcária, que eles não entendem mais ninguém ao redor do mundo... é essa... pelo menos, era essa a visão que eu tinha. Apesar de gostar muito... é... só via filme americano, se fosse de outro país, eu já... era um pouco até preconceituosa de ver, porque eu gostava “do que” que eles produzem. É... eu tive a oportunidade de morar lá, e aí, quando eu fui pra lá, aí eu vi que muitas coisas eram meio que... é... um prejulgamento da gente, uma imagem que a gente constrói, na verdade, não é tão desse jeito.

P.: De qual jeito?

E.: Por exemplo, eu tinha a ideia que americano só comia (risos) hambúrguer (risos) o tempo todo e que não era um país muito saudável em si. Eu tinha essa concepção. Eu acredito que muita gente tem... que era só fast... Era o medo maior da minha mãe quando eu fui morar lá, foi: “pelo amor de Deus, não coma só porcária”, mas a gente vê que é um país, apesar de... é... apesar do Brasil ser um país grande, a gente entende a diferença dentro do nosso país. A gente não percebe que... o Estados Unidos é um país tão grande quanto o Brasil e que ele possui várias diferenças também. É... eu morava perto de Chicago, então, assim, perto dos grandes centros... ahm... a tendência é o pessoal ser realmente mais saudável. Na família que eu morei, por exemplo, não tinha nada que não era saudável. Minha mãe... minha *host mommy* era vegana, então, assim, tinha muito mais do lado *green* do que do outro lado. Se você for pra... é... o interior do país, realmente, eles têm costume de comidas mais fortes, como a gente tem aqui também. O pessoal do interior come o quê? Come buchada. Lá também. Eles têm o pessoal do interior que come mais forte, mais *sustância*... é... e o pessoal que, na realidade, tem mais um pouco... é... baixa renda é que só come *fast food*. Mas o que a gente vê, nos filmes, é que todo mundo só come porcária, mas não é. Não é dessa maneira. E em relação a... como eles veem os

outros países, eu ainda achei que realmente o americano, em si, ele não conhece muito sobre outros países. Eles não estudam... eu tive contato com um pouco do que eles estudam, porque eu tinha quatro crianças dentro de casa, e eles não estudam muito, muito a fundo sobre os outros países, mas, sim, bastante sobre a cultura americana, sobre a história americana. Eles sabem de tudo da história... deles. Sobre os outros, nem tanto. E a gente, aqui, a gente sabe muito mais sobre os outros e a história da gente, a gente não sabe... muita coisa. Não é muito aprofundado. Eu vi essa diferença, assim, muito clara.

P.: E a percepção da língua?

E.: Da língua... Assim, a gente sempre viu o inglês como a língua mais forte. Sempre que a gente ouvia falar, quando crescia, que era a língua do mundo, você tem que saber inglês, porque inglês é a primeira língua, e como você vai saber se comunicar... e, assim, eu acho que isso tem mudado bastante no cenário. Outras línguas têm se tornado muito fortes, principalmente em negócios, mas o inglês ainda em si é... uma língua muito forte. Ahm... eu acho que...antigamente, saber inglês era uma coisa, assim ... que você tinha a mais e, hoje em dia, não. Você tem de saber e é daí pra frente. Inglês já virou obrigatório. É uma coisa que a gente tem que saber pra depois partir para uma terceira língua e, aí, galgar mais... é... outros *steps*... no continuar.

P.: E quais são produtos americanos ...

E.: (risos)... ok... então, voltando... já falando de... é... eu acho que filmes é a indústria “filmatografia” conta como produtos, né? Então... filmes, com certeza, filmes, séries, a grande maioria do que eu vejo é de lá. Eu gosto. Foi o que eu cresci assistindo. Eu tô tentando abrir minha mente para outras produções de outros países e tenho até me surpreendido positivamente, mas isso é uma coisa minha. É um pouco de preconceito com outras coisas, mas estou me abrindo a isso. E é... tecnologia muito... eu uso muita coisa da *Apple*, telefone, computador... é... que mais... americano...comida. Tudo que tem aqui, assim que... é comida. Bastante comida. É grandes marcas que são famosas, aqui, são de lá, né? Tanto de *fast food* quanto de chocolate... como muita coisa de lá. Que mais?... tecnologia, comida, filmes... é, eu acredito que sim... (murmurou algo)... mais ou menos isso.

P.: Você acredita ter hábitos norte-americanos por ...?

E.: Eu acho que a questão de hábito... pensando produto que gera hábito...eu ainda voltaria para a questão de filmes. Se você imaginar uma pessoa que passou a vida dela inteira crescendo e

assistindo seriados americanos e filmes americanos, querendo ou não, conscientemente ou não, ela acaba importando um pouco daquela cultura, daquele comportamento pro que ela faz. Então, eu acho que isso, sim, e em relação à comida e a eletrônico, eu não diria tanto, mas eu acho que o que a gente vê, o que a gente assiste influencia bastante no que a gente faz. Então, acredito que sim... existe essa... a gente pegar o que tá ali, do jeito que a gente vê, por mais que não seja a realidade que a gente vive e usar. E aí o que faz lembrar de redes sociais também. Que também seria uma coisa que a gente consome bastante e, querendo ou não... *Instagram* é de lá, *Facebook*... eu não sei o *Tik Tok*, que agora tá *bombando*, mas deve ser de lá também. Com certeza. E, assim, principalmente a geração mais jovem, vive aquilo ali, o hábito é aquilo ali. Por mais que você, se você fosse falar com alguém que é ... que nunca teve nenhum contato com lá, não sabe nem o que é, mas o... o nosso adolescente que tá, tá vivendo aquilo ali, por conta do que ele traz da cultura americana, que nem é a cultura dele. Muitas vezes, ele nem foi no país, mas ele sabe tanto, ele vive tanto os costumes de lá, só porque é influenciado por essa rede social, por esse filme que ele vê.

P.: Você acha que os Estados Unidos são um modelo de país...?

E.: *Tough question...* (risos). Ahm... eu acho... depende muito, assim... eu acho que tem pontos positivos e pontos negativos. No tempo que eu passei lá, o que eu achei muito legal, que eu não vejo aqui, no Brasil, particular, o patriotismo. Eu acho que eles têm isso muito forte e eu acho bonito. Eu sou filha de militar, minha mãe é da aeronáutica, foi, porque ela é aposentada agora, mas mesmo tendo contato com pessoa que é das Forças Armadas, a gente não tem, aqui, esse amor pelo país do jeito que eles têm lá. Lá é assim... é tudo... é o país, eu sou daqui... eles têm um senso de pertencimento muito grande, que a gente só vê, no Brasil, quando tem Copa do Mundo. Aí todo mundo é brasileiro, eu amo o Brasil, mas chegou à eleição *tá* todo mundo *botando pra lascar*, entendeu? Assim, esse lado... eu acho que seria uma coisa a ser seguida. O lado econômico, eles têm... eles são uma potência mundial, a gente não pode negar. Então, assim, alguma coisa certa eles fizeram (risos) na construção, para se tornar uma potência... é... dessa magnitude. Então, assim, na questão econômica, eu acho que tem muita coisa que dá pra seguir, o modelo deles de capitalismo. Eu acho que, assim ... uma coisa que eles aproveitam muito do que eles têm lá, eles usam a tecnologia a favor deles pra aproveitar... a gente é um país riquíssimo de... é... recursos naturais, que a gente podia ser uma potência muito maior, mas a gente não faz o uso disso. Então, eu acho que isso, também, a gente podia seguir. Porém... em contrapartida... (risos) a gente tem o lado de que... apesar deles amarem o país, eles pensam que eles são melhores do que todos, então, de certa forma, eles esnobam, sim, ahm... outras pessoas

de outros países, outros costumes, porque eles acham que o deles é melhor. Então, assim, esse lado... eu já não vejo com tão ... bons olhos, porque, assim, a gente tem que... né? É diferente, mas não quer dizer que sou melhor, só porque você é diferente. Então, algumas coisas *pra* pegar, algumas coisas, não.

P.: Você mencionou que teve experiência nos Estados Unidos? Então, qual sua opinião sobre o lugar e o sistema de vida de um cidadão americano?

E.: Eu vou falar da onde *eu tive*. Eu morei num subúrbio. Num subúrbio, numa cidade chamada Aurora, ela fica no Noroeste...não... no Sudoeste de Chicago, mais ou menos a uma hora de trem de Chicago. Então, assim, o estilo de vida lá, dentro do subúrbio, que é onde eu convivi, é bem tranquilo. É geralmente... pessoas que moram no centro, quando elas têm família, acabam construindo famílias, tendo filhos, elas tendem a mudar pros subúrbios, porque tem espaço para umas casas maiores para criar os filhos. Geralmente, as pessoas não criam os filhos no centro da cidade. Exemplo, no coração de Nova Iorque! Eu vou criar meu filho lá, não tem espaço. É tudo prédio. É uma correria, o pessoal é mal educado, não fala um com o outro, então, o pessoal tende a ir *pros* subúrbios. Então, no subúrbio, a vida é muito mais tranquila. É... geralmente, você conhece seus vizinhos, é... as coisas são um pouquinho mais longe, então, assim, ninguém anda muito a pé, todo mundo faz tudo de carro nos subúrbios, porque é... a distância física é grande de um lugar pro outro, então, você tem que ir tudo de carro. Mas tem tudo ao seu alcance, as pessoas, geralmente, são mais educadas do que elas são dentro do centro da cidade. Geralmente, quem tá no centro é quem tá pra trabalhar, pra fazer alguma coisa, então, assim, dá impressão *meio* que *tá* todo mundo apressado e, no subúrbio, não. No subúrbio, é mais tranquilo. O trânsito é muito tranquilo. O que eu tive experiência é uma qualidade de vida muito boa e muito tranquila e muito mais segura do que aqui. A gente vivia numa *neighborhood*, numa... que ela não é cercada, era simplesmente um conjunto de casas e tem o nome daquela *neighborhood*, mas ela é aberta. Qualquer pessoa que chegasse de carro, de qualquer lugar, ela podia entrar ali. Não é fechada. E, mesmo assim, as crianças brincam do lado de fora, mesmo assim, durante o dia, as portas ficavam destrancadas. Ninguém tinha a preocupação de: entrou, trancou a porta. Não, a gente trancava quando ia dormir, mas, mesmo assim, se deixasse destrancado, nenhum problema tinha. O entregador chega, ele deixa o pacote na frente da sua porta e ele fica lá se você não *tiver*. Quando você chegar, você vai ver o pacote que chegou de entrega, que você leva pra dentro. Ninguém passa lá e leva seu pacote, entendeu? Então, assim, muito mais seguro e tranquilo. Que eu sei que não é a realidade de todos os lugares lá. No centro

ou nos guetos, tem uma realidade diferente em relação à violência, principalmente. Mas foi essa minha experiência.

P.: E qual foi a sensação ao perceber que você estava voltando para o Brasil?

E.: ahm... (suspira) vamos lá. Eu retornei tem agora três anos. Faz três anos que *tô* de volta. Logo quando eu cheguei, foi um choque muito grande, porque... é... você acaba se acostumando com a vida que você leva lá e era muito diferente do que eu vivia aqui. É... os serviços de lá funcionam muito bem. A economia gira bem. Os serviços são bons. Os correios funcionam. O “Detran” funciona. Tudo funciona. E aí, eu cheguei no Brasil e o primeiro impacto negativo que eu tive foi assim que eu cheguei. Eu cheguei numa segunda e, na quarta-feira, eu tive que visitar meu lindo Detran, aqui, na cidade, porque minha carteira de habilitação tinha vencido e o que eu me deparei foi exatamente no terceiro dia, foi logo um problema, que eu não consegui resolver com facilidade. Um problema que *tô* com ele até hoje. Três anos depois, e eu ainda não consegui resolver. *Tô* conseguindo resolver agora. E aí, eu fiquei muito chateada no dia, porque quando eu olhei pra trás e pensei que, lá, eu cheguei, eu era uma pessoa de fora, eu era uma estrangeira lá nos Estados Unidos e eu consegui num dia tirar minha carteira de habilitação. Então, eu, que era uma pessoa de fora, eu consegui chegar no DMV⁴⁸, que é o DETRAN deles, fazer todo o serviço, pagar, fazer todas as minhas provas, tudo, num só dia, e sair com minha carteira de habilitação, que eu tenho válida até hoje, enquanto, aqui, no meu país, que sou uma cidadã, eu chego e não consigo resolver. Então, assim, esse choque foi muito grande... pra mim. Outra coisa que me deixou muito chateada, assim que eu voltei, foi... de certa maneira, o choque cultural. De como as pessoas se relacionam. Lá, as pessoas são muito mais educadas e... é... as pessoas respeitam mais o espaço individual, fisicamente mesmo, ninguém se aproxima tanto do outro. Você não fala juntinho. Ninguém fica lhe tocando muito e, aqui, no Brasil, a gente sabe que isso é muito diferente (risos). Aqui, todo mundo se abraça, se beija, pra falar, toca no outro, e eu costumava ser assim. Não *tô* dizendo que eu não era, mas, depois que eu passei esse tempo nos Estados Unidos, simplesmente, eu *meio* que mudei de hábito e eu vi que algumas coisas fazem mais senti..., pessoalmente, eu achei que algumas coisas fazem mais sentido, porque, aqui, em Recife, por exemplo, você é apresentado a um desconhecido e você dá dois beijos na bochecha dessa pessoa... como uma forma normal de cumprimento e é muito estranho, que você *tá* beijando uma pessoa estranha, que você nunca viu na vida (risos). Então, pra mim, hoje em dia, faz mais sentido um aperto de mão. Eu não sei quem é essa pessoa, entendeu? Então, assim,

⁴⁸ Department of Motor Vehicles.

algumas coisas, eu peguei de lá e segurei comigo. Quando eu voltei, eu *tava* meio assim, não me toque, tudo era assim, a distância, hoje em dia, eu já *tô* melhor (risos), mas tem coisas que eu prefiro ficar com os costumes de lá.

P.: Mas, então, essa questão cultural do Brasil, pra você, hoje, depois dessa experiência, você enxerga como algo negativo, como algo que você não quer repetir, porque você achou melhor a experiência lá fora ou por outro motivo? Só pelo fato de achar estranho essa aproximação...

E.: Eu não diria negativo, mas, assim... eu acho que você consegue enxergar que há outras maneiras de se fazer as coisas e, assim, você pode escolher de que maneira você prefere fazer. Porque se você foi criado, seu pai te ensina que você vai falar com alguém, você vai dar dois beijos na bochecha, tem lugar que dá três, tem lugares que dá um... sei lá... e cumprimenta a pessoa. Você foi ensinado dessa maneira, é isso que você entende como certo, como verdade e, aí, você vê que há outra maneira. E eu, particularmente, prefiro essa outra, principalmente se eu estou conhecendo alguém pela primeira vez. Eu não conheço, principalmente se é uma pessoa do outro sexo, eu prefiro o quê? Apertar a mão. Ambiente de trabalho. Às vezes, você vai cumprimentar... você acabou de conhecer o pai de um aluno e você vai cumprimentar. Eu não me sinto confortável de dar dois beijos na bochecha. Eu não acho isso profissional, mas seria completamente é... certo e razoável para uma pessoa no Brasil. E não seria visto com maus olhos, seria uma coisa... normal. Eu não, eu prefiro estender minha mão, apertar a mão e, aí, tá tudo certo, principalmente se é a primeira vez que estou conhecendo, se *tô* no trabalho, continuo abraçando meus amigos, entendeu? (risos), mas, assim, esses dois beijinhos, eu meio que excluí um pouco, só por entender que existem outras maneiras, e eu prefiro essa outra maneira. Então, assim, tive, sim, uma mudança de comportamento após conhecer outros traços de outras culturas.

P.: De que momentos do seu cotidiano, nos Estados Unidos, você sente falta?

E.: Fazer compras... (risos). E eu não *tô* falando questão de consumismo. Eu não sou muito consumista. Não sou louca por comprar, mas a questão da facilidade de você, por exemplo, você vai lá no mercado, no mercado normal que tem... o Bompreço de lá, o Walmart, que tem em todo lugar e não é um mercado de gente rica. É um mercado da *galera* e todo mundo vai. Você encontra tudo... você vai num andar e você encontra de tudo. Você consegue resolver sua vida todinha lá dentro e volta pra casa tranquilo. Eu não sinto essa mesma coisa, aqui, no Brasil. É... às vezes, você tem que ir em vários lugares pra achar, você tem dificuldades de achar alguns produtos, e, aí, depois que você viaja e volta, aí que você vê quanto é... mais opção, você tem,

nos Estados Unidos, do que você tem aqui. Aqui, é muito restrito. Você não tem... é... nem tantas marcas, nem tantos tipos de produtos, tem coisa que você não acha, aqui, de jeito nenhum, você precisa comprar na internet.

P.: Marcas e produtos americanos ou ...?

E.: Marcas e produtos americanos e tipos de produtos também... que tem coisas que é difícil de achar aqui. Exemplo, uma coisa que professor de inglês usa muito... *blu tack*...e nem é americano, não. Não tenho certeza... mas é um produto que é difícil achar no Brasil. Você não acha. Os que a gente usa vêm de fora. Você acha um ou outro que é de marca brasileira, mas, mesmo o similar da marca brasileira, que é a 3M, tem, e a *scott*, que faz cola, tem, é difícil de achar. Você não acha em qualquer mercado, se você for procurar, você não encontra. E outra coisa é da facilidade de entrega. Exemplo, aqui, se você comprar uma coisa pela internet, pode esquecer que vai demorar, pelo menos, um mês, aí, se você não tiver a fim de pagar mais caro num produto do SEDEX, você vai demorar bastante para receber seu produto. Lá, não, a facilidade... ahm... de entrega, de compra *online* e entrega é absurdo. Eles têm uma potência lá, a *Amazon*, que é um local que você acha tudo...você encontra de tudo na *Amazon*. De comida a material de construção. Você encontra tudo. E você tem a facilidade da maioria dos produtos chegarem, no outro dia, na sua casa. Independente da onde você mora, um país daquele tamanho, eles têm uma infraestrutura tão grande de logística e que funciona tão bem, que você recebe no outro dia. E os produtos têm um preço muito mais barato do que tem aqui. Óbvio que se você tiver comparando real a dólar, é mais caro, por causa da força da moeda, mas, se você ganha em dólar e compra em dólar, os produtos são muito mais baratos. Enquanto, aqui, no Brasil, a inflação *pipocando*, as coisas tudo cara, você não tem o mesmo poder de compra que você tem lá, e isso foi uma experiência, assim... complicada. Assim, eu trabalhava lá, quando eu trabalhava, recebia em dólar, eu não ganhava *rios* de dinheiro, mas o meu poder de compra era muito maior do que meu poder de compra aqui. Aqui, eu ganho bem, pra minha faixa etária, eu ganho bem, mas o meu poder de compra é muito pequeno, porque as coisas são muito caras, e a gente gasta muito com outras coisas, como impostos, com moradia, a gente gasta muito com isso e o nosso poder de compra vai lá pra baixo. Então, essa diferença é bem grande.

P.: Qual é sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E.: (Risos) Não vou poder falar mal do meu país. Vamos lá! Cultura brasileira. Eu acho o brasileiro, ele é incrível. O brasileiro, como diz todo mundo, precisa ser estudado (risos) pela NASA. Assim, a cultura brasileira é uma cultura riquíssima. Eu acho, assim... se você for olhar

mesmo... é absurda a quantidade de coisa que a gente tem, a diferença cultural de uma região pra outra é muito grande. A gente tem, eu poderia dizer, que a gente tem pequenos países dentro de um país grande, que é o Brasil. A gente tem o Nordeste. O Nordeste poderia ser um país separadamente. Se você olhar o Nordeste e o Sul, completamente diferente. É impossível até de acreditar que isso tudo é um país só! Então, assim, nossa cultura é riquíssima. A gente tem muita coisa. O brasileiro é... é visto como uma pessoa muito calorosa, muito querida... uma pessoa é... receptiva, hospitaleira. A gente tem essa fama de “gente boa”. O brasileiro é visto como uma pessoa “gente boa”. Acho que isso, na nossa cultura, é muito forte, e eu acho isso muito legal, essa parte. A gente tem uma parte, que não é tão legal, que é o famoso “jeitinho brasileiro”, a questão, que já tá dentro da nossa cultura, de que tudo a gente consegue dar um jeitinho, “ah... é uma lei?”, mas a gente dá uma “puladinha”, uma regra, mas a gente dá uma “dobradinha”, um *bend* naquela regra ali, e a gente consegue passar com isso. Essa parte não é muito legal e faz parte da nossa cultura. A gente não pode negar que isso é uma coisa que vem *se discernindo* há séculos (risos). Desde que a gente tá aqui, o brasileiro encontra esse lado, mas também gera uma coisa que é muito boa, o brasileiro é um povo muito criativo. A gente *arruma* solução pra tudo. Tem um problema, a gente vai lá e dá uma solução. Tem muita gente inteligente, muita gente, assim... também querendo fazer o bem e, às vezes, eu acho que esse lado do jeitinho brasileiro, que o pessoal vê muito, meio que mascara o lado do pessoal criativo, do pessoal que trabalha muito duro, que a gente trabalha pra caramba! O povo brasileiro é um povo trabalhador! E, aí, eu acho que esse lado meio que encobre esse lado bom, às vezes. Mas... em relação a língua... tenho que confessar que eu nunca fui muito boa em português (risos). Não é uma língua fácil. Eu não acho que é uma língua fácil. Eu, hoje em dia, eu acho que falo português, porque eu nasci aqui. Acredito que se eu não tivesse nascido aqui, eu não conseguiria aprender. Vou ser bem sincera. Apesar de dar aula de inglês, eu não sou dessa área, não sou da área de língua, de linguística... não é a minha área. Eu não tenho facilidade. Eu aprendi a falar, inglês porque eu estudei por muitos anos, mas não é uma coisa que eu tenho facilidade. Então, se for comparar uma língua com a outra, eu vejo o inglês muito, muito mais simples do que o português. Português tem outras... se for falar só de verbo! De tempo verbal, você fica aí mesmo e nunca sai (risos). E tem muita gente nativo, que passou aqui a vida inteira e, mesmo assim, não domina o português, porque não é uma língua fácil. É uma língua muito bonita. É uma língua muito rica, mas, com certeza, não é uma língua fácil. E eu acho também que o brasileiro não dá, talvez, tanto valor pra língua dele, é... vem de novo naquela loucura, “todo mundo tem que saber inglês”, e a gente se depara na situação de que se um... se um *gringo* vem pra cá, se uma pessoa de fora vem pra cá e ela fala a língua dela, a gente faz de tudo pra entender e não

acha que essa pessoa tem... tem que aprender o nosso português. Ele pode se virar com aquilo ali que ele sabe, erra, e a gente acha bonitinho, mas, quando é com a gente, que a gente sai do país, é... principalmente, quando a gente vai para os Estados Unidos, eu sinto que tem aquela: “você tem que saber inglês” e, se a gente não souber, a gente que tá errado. Por que eu não posso ir com o meu português e me virar lá? Quando a gente vai pra fora, a gente tem que saber a língua daquele país. Vai pra Alemanha, tem que saber alemão. Vai não sei pra onde, tem que se virar... no francês, no espanhol, mas o pessoal vem pra cá, e a gente aceita, simplesmente, por que a gente tem que se virar pra dar conta da língua dos outros? Eu acho... essa situação é meio estranha. Você vê que todo mundo que vem, eu aceito que a pessoa não sabe falar a minha língua, mas quando eu vou pra lá, eu não levo minha língua comigo. Eu tenho que me virar com a língua dos outros. Eu acho... é meio complicado, mas enfim...

P.: E você consome produtos brasileiros?

E.: Sim.

P.: Quais?

E.: Comida (risos). Eu gosto muito da comida daqui. Quando eu viajei, apesar de gostar muito do *fast food*, do (murmurou), a comida que eles comem, de verdade, não me apeteceu. É muito ruim. Eu não gostei. Não se compara, não chega nem pertinho da culinária brasileira. A gente tem as melhores... a gente tem tapioca, a gente tem cuscuz, macaxeira, inhame, queijo coalho, feijoada, coxinha, brigadeiro, não! Assim... produtos brasileiros, tudo de comida...ahm... tecnologia, eu acho que eu consumo mais coisa de fora, que mais... vestuário, eu acredito que uso muita coisa daqui. Algumas coisas importadas, mas muita coisa daqui também. Ahm... calçados também. Voltando para filmes, americanos. Não vejo muito filme brasileiro. Apesar de que tem melhorado bastante a questão de cinema, né? Mas não assisto muito. Música, eu consumo muita música americana, muito de fora. Mas, assim, eu escuto música brasileira também. Muito forró. Forró não tem fora. Forró é da gente e é muito bom. A gente tem muita coisa boa.

P.: E por que você decidiu ser professora de inglês? Você se vê nessa área a longo prazo?

E.: Eu virei professora de inglês, meio que no susto, pra ser sincera. Eu sempre estudei outra área. Eu fazia engenharia. *Tava* em outra área. Já tinha concluído todo meu curso e tinha tirado certificação, mas não fazia nada na área. Recebi o convite pra vir fazer uma entrevista, acabei começando com uma turma e, daí, fui pegando o gosto pela coisa. Comecei a fazer cursos em

relação a dar aula de inglês, é... e estudar para tirar mais certificações, mas foi uma coisa que aconteceu, que aconteceu de repente, não foi nada que eu pensei e planejei em fazer. Aconteceu. Eu gosto de dar aula, eu gosto de *tá* em sala de aula, é... eu gosto do contato com meus alunos. Então, assim, acabei tendo que estudar pra fazer isso com maestria, mas não foi o que eu estudei, previamente, para fazer. Hoje em dia, eu não estudo na área, faço administração. Então, assim, a longo prazo, eu não me vejo, minha carreira inteira, eu dando aula... nem aula e nem aula de inglês. Nem uma coisa nem outra, assim... Eu me vejo muito mais na área administrativa, muito mais esse outro lado, porém, num futuro curto, a curto prazo de tempo, eu acho que vou ficar, pelo menos, uns dois anos dando aula, eu acredito. Mas, não a longo prazo, mas, mesmo assim, eu gosto bastante.

P.: Como você lida com as questões culturais tanto americanas e brasileiras na sua sala de aula?

E.: Meu inglês é totalmente americano e, por ter tido essa experiência nos Estados Unidos, eu consigo trazer muito mais da cultura norte-americana pra sala de aula, se a gente for comparar, por exemplo, com a cultura britânica, que é, geralmente, a gente faz... um peso, né? A cultura americana ou britânica. Então, eu consigo trazer muito mais dos Estados Unidos pra sala do que a Inglaterra, porque foi o que eu vivi. E os alunos, por si, eles trazem a cultura brasileira. Eles são daqui. A maioria deles, apesar de terem viajado, nunca moraram fora. Então, assim, eles trazem a cultura brasileira, e a gente traz a cultura, eu, por exemplo, trago a cultura americana e eu tento juntar o máximo possível, porque, se a gente pensar questão de língua, de tradução e tudo mais... o aluno, quando ele *tá* aprendendo, se a gente tiver falando, por exemplo, de adultos, ele parte desse princípio. Ele sabe português, ele vai partir da língua dele, ele vai fazer a tradução, ele vai tentar relacionar com a cultura dele, se o professor vem completamente do oposto e ele só vai usar esse lado da tradução e a cultura como o último recurso, não vai casar. Não vai dar certo. Então, assim, eu tento, ao máximo, incorporar o que eu consigo da cultura brasileira, para eles fazerem uma correlação ou mostrar quais são as diferenças pra que eles entendam que a gente faz de um jeito e que eles fazem de outros. Existem coisas diferentes, porque nem todo aluno tem a oportunidade de sair do país e de ver. Eu acho que a sala de aula é um ambiente que a gente consegue trazer um pouquinho do lado de fora pra cá e mostrar essa realidade pro nosso aluno. E, em questão de língua, também. Se o aluno sabe o português, então, por que não usar o português para me ajudar? Por que não fazer a correlação? Por que não fazer a ajuda em significado quanto na pronúncia? Por que não usar as palavras e pronúncias que eles já têm, pra ajudar no que tem de novo para aprender? Então, eu acho assim, quanto mais a gente fizer a conexão das duas culturas e das duas línguas, mais fácil fica *pro* aluno aprender.

ENTREVISTA 2

P.: Qual é a sua percepção sobre a cultura norte-americana e a sua língua?

E2: Eu acho a cultura americana extremamente rica, por conta da multiculturalidade, por conta das influências de vários povos que chegaram lá pra tentar a vida, e toda essa mistura deu num povo único, né? Então, o povo americano é uma mistura de todos aqueles que queriam ganhar uma vida melhor, numa terra nova e... qual é a segunda parte da pergunta?

P.: A percepção com a língua?

E2: Bem, a gente sabe que... os Estados Unidos é um país que não tem uma língua oficial. O inglês é a língua mais utilizada por convenção, mas não tem nenhum documento que se diga que a língua oficial dos EUA é o inglês, e existem muitas outras línguas que lá sobrevivem, como o espanhol, como os dialetos italianos, nas comunidades italianas, as línguas asiáticas, nas comunidades asiáticas, porque é um país que, apesar de ser estados unidos, culturas unidas, existem muitos guetos com um... com uma expressão cultural centralizada, de acordo com... de onde aquelas pessoas vieram. Então, a minha percepção é que inglês foi a língua usada como convenção *pra* comunicação dentro do país; é assim que o mundo reconhece os EUA pela língua inglesa, mas que existe uma... uma... um leque maior de línguas que é utilizado dentro do próprio país. Inclusive, como experiência própria, quando eu *tive* no Texas, os ônibus, o transporte público tinha... tinham sinais, tinham avisos sonoros em inglês e espanhol, que já diz muita coisa sobre a... o governo... as autoridades sabem que existe uma comunidade que não foi totalmente integrada e que fala espanhol, massivamente, dentro do território deles. Então, é... é assim que eu vejo. Eu vejo que inglês é a língua formal, a língua... não-oficial, mas a língua mais utilizada. Convencionada. E as outras línguas existem lá dentro, até para manutenção da *heritage*, das pessoas, das culturas das pessoas que lá chegaram.

P.: E quais são os produtos americanos que você consome mais?

E2: Tecnologia... como... pode falar marcas?

P.: Pode.

E2: Tecnologia, como... é... como de telefonia celular, como... a *Apple*, meu celular... meu computador é da *Microsoft*, é... acho que também um pouco de alimentício, né? Essas comidas pré-prontas, as comidas que já vêm mais processadas, então... também vêm de lá, eu acredito.

P.: E sobre músicas, filmes...?

E2: O tempo todo. Todo o tempo, né? (risos). É... o nosso país, ele é extremamente influenciado pelo que acontece nos EUA. Inclusive nossas eleições têm um pouco disso também, né? Nosso resultado foi muito o que foi, por conta de quem foi eleito lá em cima, né? E música, cinema, é... teatro, nem tanto, né? Não sei, na verdade. Mas música o que se escuta lá e chega aqui e bomba e... as pessoas consomem.

P.: Você acredita ter hábitos americanos por consumir produtos originados neste país?

E2: Começa por expressões que a gente usa no nosso dia a dia, né? Por exemplo, a cozinha da minha casa é uma cozinha estilo americana (risos). Que é aquela cozinha com a mesa (gesticulando), o balcão, que divide a área de sala com a área de cozinha. Então, eu acho que já começa por aí. E, em termos de alimentação... não diariamente, porque eu não consumo a comida, eu acredito que eu não consumo as comidas que são mais típicas de lá, que são os *hamburgers*, as frituras, as coisas mais processadas... não faz parte do meu feitio esse tipo de alimentação.

P.: Você acha que os EUA são um modelo de país a ser seguido por outros países?

E2: Em alguns aspectos, sim, e outros aspectos, não.

P.: Quais seriam?

E2: Os aspectos não, eu digo pela questão social no país. Eu acho que o país sofre muito com a desigualdade, em termos de... quem é rico é bem rico e quem é pobre é muito pobre, mas, às vezes, chega a ser mais pobre, mais miserável do que as pessoas que são pobres aqui, por falta de assistência... é como se diz... de saúde, como... saúde de qualidade, gratuita, como programas de assistências sociais que incentivam a cultura, que incentivam a pessoa a sair da pobreza. Lá... de acordo com a minha visão, parece que as pessoas são muito mais autônomas, *pra* serem o que elas quiserem ser, mas elas têm que *ralar* bem muito para atingir o objetivo delas. Eu acho que os EUA... esse é um ponto positivo sobre a cultura deles. Lá o que você quiser ser, você consegue. Basta você ter o esforço e a saúde *pra* fazer, porque as pessoas lá precisam realmente ... *pra* poder conseguir o sonho americano, precisa se esforçar muito.

P.: Você teve experiência de morar nos EUA, né? Qual é sua opinião sobre o lugar e o sistema de vida de um cidadão americano?

E2: Hum... é... eu acho que eles têm... uma liberdade controlada (ruído).

P.: Incontrolada?

E2: Não. Liberdade controlada. Eles falam muito de ser um país livre, mas eles têm uma liberdade que é uma liberdade diferente da que é aqui no Brasil. A liberdade deles vai até a página dois. É aquela liberdade que não pode incomodar o outro, que não pode desvirtuar da regra. Por exemplo, é... nesse país que a gente mora, no Brasil, eu posso sair com uma garrafa de cerveja e beber cerveja na rua. É um país livre. Eu tenho essa liberdade. Nos EUA, por ser um país livre, também, mas eu não posso consumir bebida alcoólica na rua. Então, eles têm liberdade? Têm. *Pra* muitas coisas, mas... por exemplo, fogos de artifícios. Nós podemos soltar fogos de artifícios a qualquer momento, na nossa casa, numa festa, no ano novo. Lá, não. Eles precisam pedir autorização dum órgão *pra* poder soltar o fogo de artifício dele. Fazer obras na própria casa, porque se eles alterarem muito o cenário da... da vizinhança, pode diminuir o valor do bairro, da... o valor da terra. Então, eles não podem fazer mudanças muito drásticas na propriedade deles, por conta do coletivo. Acho que eles têm muito essa preocupação do coletivo. Da atitude de um que vai... é... que pode afetar quem *tá* ao redor e, aqui, no Brasil, eu acho que não se tem muito essa noção. Nós temos uma liberdade muita frouxa, que as pessoas fazem muito o que querem, sem se preocupar com o que vai acontecer com o outro. Então, tem aspectos positivos e tem aspectos negativos. Mas acho que isso ... É o que eu diria que me chamou mais atenção quando eu morei lá, porque eu imaginava que haviam menos diferenças... por nós estarmos no mesmo lado do continente. Mas eu notei que os traços culturais tinham... faziam os pequenos detalhes, faziam que os países fossem países totalmente diferentes.

P.: Então, seria uma liberdade controlada pelo governo...?

E2: E por convicções sociais. Pelo menos, foi a percepção que eu tive.

P.: Que funcionaria melhor...

E2: Pode ser que, também, as pessoas não podem fazer tudo que querem o tempo todo, que é o que acontece aqui. Muitas vezes, a gente vê que muitos problemas sociais, que muitos problemas de infraestrutura acontecem, porque as pessoas... o governo não tem um controle é... firme em relação a tudo que está acontecendo. Apesar de arrecadar verbas para tal, né? Porque ele arrecada *pra* ser o fornecedor, *pra* prover tudo, mas não provêm e as pessoas dão o jeitinho delas e acabam nascendo as comunidades, acabam nascendo as informalidades. Então, lá, por exemplo, não tem muito trabalho informal. Você não tem tantas pessoas que... é... não tem é... controle sobre o negócio que ela quer abrir aqui. É muito difícil prosperar, aqui, num negócio. Tem muita taxa, tem muita... tem muito imposto, lá é mais fácil. Mas também eles têm os preços a pagar, né? A falta de férias remuneradas, o... não tem leis que protegem o trabalhador,

como nós tínhamos aqui... temos assim, ainda, né? Então, ainda tem esses pequenos detalhes que fazem diferença no dia a dia. Por exemplo, lá, bancos funcionam dia de sábado e bancos, aqui, funcionam até sexta-feira, até quatro horas da tarde. Então, são questões... são pequenas coisinhas no dia a dia que fazem a diferença quando você vai juntando um pouquinho de tudo.

P.: Uma relação positiva ou negativa com relação a nossa?

E2: *Pra* algumas coisas, positivas e, *pra* algumas, negativas. Essa questão da... dos... da facilidade de conquistar as coisas, porque é... lá, o que fala maior é o dinheiro e seu capital. Então, você tem, você faz e acontece. Aqui... é mais difícil prosperar, e eu sinto que, aqui, nesse país, é mais... é... o governo gosta que as pessoas fiquem onde elas estão. Não ascendam de classe social. De certa forma, porque incomoda quem tem dinheiro.

P.: E qual foi a sua sensação ao perceber que você estava retornando ao Brasil?

E2: A princípio, eu senti saudade...

P.: Do Brasil?

E2: Do Brasil, mas era aquela saudade que eu poderia ainda ficar mais tempo lá (risos). Primeiro, porque... ahm... a facilidade de ter acesso a bens de serviços, lá, é muito mais fácil, né? Porque tudo acontece. Tudo vem de lá. Exceto o que é originário daqui. Então, muita coisa que a gente quer consumir da cultura deles é muito mais fácil consumir lá, porque é mais barato e está perto, né? Quando vem pra cá, vem com o preço bem mais alterado. Então, eu senti saudade do Brasil, queria voltar, não sei se eu moraria nos EUA *pra* sempre. Tenho pretensões de voltar, de passar mais tempo lá, mas não sei se lá é o lugar que eu gostaria de ficar, *pra* envelhecer e viver minha velhice. Não sei.

P.: E de que momentos do seu cotidiano nos EUA você sente mais falta?

E2: Hum... (refletindo) A educação das pessoas. Lá, as pessoas são muito mais... é... cordiais. Assim, no sentido de... o brasileiro, ele é mais amoroso, mas ele... pelo fato de não ter muito essa noção do... da pequena coisa do dia a dia, assim, do “bom dia”, do abrir a porta, respeitar a fila, de... não fazer barulho para não incomodar o vizinho... Essas coisinhas, aqui, diariamente, acabam se transformando em problemas enormes, você andar de transporte público, aqui, é um caos, porque, quando o ônibus chega, todo mundo quer entrar ao mesmo tempo, e a porta é só uma. Então, assim, é muito complicado viver nesse país com as pessoas que não conseguem perceber que elas são responsáveis pelo bem estar delas e das outras pessoas. Coisa que, nos EUA, você consegue. Pelo menos, onde eu morei, as pessoas abriam a porta *pra* você passar,

segurava a porta *pra* você passar, se vinham caminhando em sua direção, trocava de lugar *pra* não bater, ou se batiam em você, pediam desculpa, com licença, seguram o elevador. Então, essas pequenas coisas no dia a dia fazem falta.

P.: Então, eles seriam mais educados do que os brasileiros?

E2: Educados.

P.: E qual é a sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E2: A língua portuguesa é uma língua linda e ela expressa muito a região onde ela é falada. A gente vê que... eu sinto que a língua portuguesa, ela consegue ser mais particular *pra* suas regiões que a língua inglesa, em determinadas coisas, sabe? Então, você consegue, nesse país enorme que a gente tem, ter em comunidades de falas, em áreas que, muitas vezes, uma comunidade de um ponto... não tem um pouco de dificuldade, mas que desconheçam expressões, desconheçam formas de falar e, assim, por ser língua materna acaba se resolvendo muito rapidamente, mas causa estranhamento, a princípio. Então, assim, eu acho que a língua portuguesa é uma língua que, nesse país, se tornou a língua de representação de região, de sexualidade, de religião, de cultura... Então, assim, a língua portuguesa... e, pelo fato de eu ser brasileiro, consigo ter essa sensibilidade *pra* perceber o quanto ela é singular para as pessoas que falam. Então, eu nunca vou falar da mesma forma que uma pessoa de São Paulo, ou do Rio fala sobre as coisas do Rio de Janeiro, das coisas de São Paulo, porque eu sou daqui, sou de Recife, sou de Pernambuco, e eu tenho meu jeito de falar baseado na minha educação daqui, da minha convivência com esse ambiente.

P.: E a questão sobre a cultura brasileira? A percepção sobre a cultura?

E2: Língua e cultura estão juntas, né? Uma expressa a outra. Então, eu vejo que a língua portuguesa, na música, no teatro, nos filmes... ela serve de veículo para expressar aquilo que a cultura, o que que aquele povo quer expressar, de forma cultural. Então, eu vejo que... não sei, se nós falássemos espanhol, seria da mesma forma, como é quando a gente fala português. Eu acho que é muito único. O português do Brasil, apesar de ter as suas variantes de outros países, o nosso é muito nosso. Expressa muito nosso maracatu, o nosso frevo, o nosso samba, a bossa-nova, momento do país, momento dos intelectuais do país, do povo do país, da massa. Então, tem muita coisa que só em português a gente consegue fazer.

P.: Você consome produtos brasileiros?

E2: Que tipos de produtos?

P.: Como músicas, filmes, produtos alimentícios...

E2: Consumo. Minha dieta é toda baseada em refeições brasileiras nordestinas: muitas raízes, muito cuscuz, milho, tapioca. Então, minha alimentação é brasileira. Dificilmente, eu consumo coisas... só, esporadicamente que em algum restaurante étnico, porque provo de comidas diferenciadas, mas que eu gosto muito da comida regional... do bode, da buchada, da... de tudo que é brasileiro, eu gosto muito, muito, muito. Música, ouço música em português, música brasileira, música pernambucana, música recifense, meu bom brega (risos), meu brega, meu Recife. Gosto muito, ouço, sim. Filme, também. Filme, não tanto pernambucano, porque não tem muita visibilidade, mas filme brasileiro, que já é enfraquecido, mas vejo também.

P.: Você diria que consome todos esses produtos tanto quanto os produtos americanos ou um dos dois se sobressai?

E2: Os brasileiros se sobressaem... e, principalmente, pela questão alimentícia. Eu acho que eu vejo muita TV, com programações americanas, né? Animações, filmes, mas eu acho que, no final das contas, ainda tem mais produto brasileiro do que produto americano.

P.: E por que você decidiu ser professor de inglês? Você pretende continuar nessa área a longo prazo?

E2: Pretendo, mas eu quero fazer o caminho inverso. Eu quero dar aula de português como língua estrangeira. Então, eu quero fazer isso, mais na frente. Eu escolhi, na época, porque eu gostava de inglês, gostava dos produtos americanos, eu tinha dezesseis anos, eu não tinha ninguém de ensino superior na minha família, era o curso que *tava* mais acessível, prestei (vestibular), passei e nunca trabalhei com nenhuma outra coisa a não ser isso.

P.: Então, houve uma influência da língua na decisão...

E2: Houve, sim, uma influência dos produtos americanos é... na decisão... até porque meu pai gostava muito de inglês, na época, também; sempre gostou muito de histórias, palavras, quando conversava com a gente e era interessante, né? Na escola, gostava também... Mas se eu tivesse, na época, mais condições, mais conhecimentos de outras coisas, eu poderia não ter escolhido essa profissão. Que, na verdade, apesar de ser professor de inglês, eu já fui professor de português... não é uma área que eu me identifico tanto, mas, não por não gostar, mas por não ter o mesmo nível de estudo... o mesmo nível de... é... de profundidade de estudo na língua portuguesa, que, acabei que, pelas circunstâncias, pelas minhas experiências, pelas minhas escolhas, eu acabei tendo mais contato com a... língua americana, nesse aspecto, né? Não

estudei em profundidade a língua portuguesa, em termos de... é... regras... e eu sei o básico de uma pessoa culta, né? Porque não sou uma pessoa ignorante.

P.: E como você lida com as questões culturais americanas e brasileiras durante suas aulas?

E2: Como eu sou daquele tipo de profissionais que acredita que língua e cultura estão juntos e... sempre que necessário... eu faço menção... de aspectos culturais, linguísticos, especialmente, na questão da forma de falar. Na questão do... o que é dito... o que seria dito, o que seria mais provável de ser dito por um nativo, porque ter a convivência com eles. Então, a gente imagina... a gente imagina, não, a gente sabe o que é mais provável deles *falar*, porque nem sempre todo o nativo da língua fala aquilo que o livro de norma diz que é *pra* falar, né? Então, eu tento abordar aspectos culturais dessa forma e, também, nas questões... ahm... comemorativas, de celebração, de cunho histórico. História e cultura *tão* ligados, então... é... eventos que fizeram diferença, nos EUA, que influenciaram atitudes, que influenciaram costumes, que influenciaram tendências, que influenciaram a língua e o povo.

ENTREVISTA 3

P.: Qual é sua percepção sobre a cultura norte-americana e a sua língua?

E3: Eu acho que a cultura norte-americana, de certa forma, foge um pouco da raiz americana e indígena do país e é muito baseada no que aconteceu nos anos 70. Começou aquele pensamento do *American way of life*, é... as grandes empresas... então, se construiu uma cultura, tudo em cima disso. Eu acho que não é uma coisa muito é... de raiz e, sim, uma coisa construída junto com a economia americana, talvez.

P.: Mas, no sentido econômico do país... você quer dizer ou...?

E3: Sim. Eu vejo mais como uma cultura mais construída pegando coisas de outros lugares... é... muito mais do que uma cultura de raiz, sabe, que veio da raiz do país. Não sei se eu tô me fazendo entender bem.

P.: Sim. E sobre a língua?

E3: A relação da língua com a cultura?

P.: Sim. A língua inglesa.

E3: Com a cultura americana, né?

P.: Isso.

E3: Eu acho que... ahm... deixa eu pensar um pouquinho. Eu acho que quando você vê a diferença do inglês americano *pro* inglês britânico, dá pra perceber como a cultura modificou a forma de uso da língua e... até... acho que as gírias, as regionalidades da língua... elas... é... reflete um pouco da influência da cultura de... deixa eu ver... deixa eu construir melhor esse pensamento. (Alguns segundos depois) Eu acho que, talvez... é porque eu sempre paro para pensar isso pra sotaque.

P.: Em que sentido? Sotaques regionais ou...?

E3: Isso. Que você percebe mais as diferenciações pelos sotaques do interior sulista, esses sotaques mais cosmopolitas, os sotaques de guetos que, aí, pra mim... não só sendo sotaques, né? Mas, também, formas diferentes da língua... outras palavras...

P.: E sobre a percepção da cultura norte-americana e da língua numa influência mundial?

E3: Eu acho que isso volta de novo pra... pra economia porque eu acho que a cultura americana funciona muito como um mercado, às vezes. Porque eles exportam pro mundo inteiro, né? Então meio que se tornam uma referência, é... cultural, por exemplo, os filmes que são premiados no Oscar que, inicialmente, era um... era um prêmio praticamente americano. Acho que esse ano foi a primeira vez que um filme estrangeiro ganhou o melhor filme. Eu não tenho certeza, mas, pelo que me lembro das outras premiações que assisti, essa foi a primeira que um filme estrangeiro venceu. Então, é um prêmio que tem referência pro cinema mundial, e a academia é praticamente toda formada por americanos, e os filmes premiados são praticamente todos americanos. Da mesma forma, com a música... o *Grammy*... então... é... a indústria... é... fonográfica e produção é... audiovisual americana... exportam muito a cultura deles, então, se torna, querendo ou não, é... como é que eu posso dizer... uma cultura que acaba se tornando modelo.

P.: Quais os produtos americanos você consome mais? Se você consome... No sentido de músicas, filmes, produtos alimentícios, eletrônicos...

E3: Eu acho que se eu for parar *pra* pensar... eletrônico, eu consumo... é... celular, computador... é... o que eu consumo de mídia também. Tipo, a minha assinatura de *streaming* de música é americana, a minha assinatura de *streaming* de vídeo é americana... é... querendo ou não, muitas das coisas que eu coloco na minha casa são de marcas americanas e até de comida, que está se tornando mais populares no Brasil.

P.: É mesmo? Quais?

E3: É... *snickers*, *M&Ms*... você termina se atraindo a elas justamente por essa... por essa é... dominância cultural. Às vezes, o... eu sou uma pessoa muito visual, então, às vezes... a forma do produto, o logo é uma coisa que me atrai muito. Então...

P.: Você acredita ter hábitos americanos por consumir produtos originados nesse país?

E3: humm... nunca parei para reparar se eu tenho algum hábito considerado americano. Talvez, o *super size me*, isso me pega muito. Se eu posso por R\$1 aumentar o tamanho da batata e do refrigerante, eu aumento. Eu sou bem sincero (risos). Talvez isso seja um hábito.

P.: Você acha que os Estados Unidos são um modelo de país a ser seguido por outros países?

E3: Não.

P.: Por que não?

E3: Justamente pelo que eu estava colocando antes. Nessa questão de incentivo ao consumo...

P.: Que você acha negativo...?

E3: Sim. Muito. E, de certa forma, a gente se torna muito vulnerável a esse tipo de influência... então, não acho isso muito legal. Por mais que eu esteja inserido nesse contexto, mas...

P.: Você já teve a experiência de morar nos Estados Unidos?

E3: Não. Nunca morei e nem visitei.

P.: Mas se você tivesse a chance de ir ao país, como você imaginaria que poderia ser?

E3: Hum... eu acho que seria uma experiência muito rica, porque, como eu falei, eu sou uma pessoa muito visual. Isso eu vejo muito neles. Tudo deles acende, brilha e é grande, né? Chamam muito atenção. Então, eu acho que meus sentidos ficariam muito felizes (risos), com essa visita.

P.: Qual é a sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E3: Eu sou incrivelmente apaixonado, principalmente... assim, pouquinho mais regional, falando da cultura pernambucana. Eu amo os ritmos, eu amo o sotaque, eu amo os livros... então, eu acho que um pouquinho diferente... o que eu falei, no início, da cultura americana, é diferente da cultura pernambucana e brasileira como um todo. A gente tem uma raiz muito mais forte e o que a gente produz vem muito do nosso passado, das influências que a gente teve. Quando a gente vê... o coco, por exemplo, hoje em dia, ainda se vê muito o maracatu nas ruas. Tudo tem um significado por trás. Não é só uma produção comercial.

P.: E da nossa língua? Da língua portuguesa?

E3: Eu acho maravilhosa... os regionalismos e, como você sabe, é... como é que eu posso dizer... você escuta uma expressãozinha e sabe exatamente de onde a pessoa é, é... principalmente o Nordeste, que tem muitas particularidades de cada região. E o que eu acho maravilhoso da língua, também, é a musicalidade dela, porque eu acho impressionante como uma língua tão musical, casa tão bem com poema, com música...

P.: Você consome produtos brasileiros?

E3: Muito mais comida e... assim, produtos de... eu não consumo nenhum produto de marcas brasileiras, tipo eletrônicos ou ... sabe?

P.: Mas tem algum motivo específico?

E3: Eu gosto muito de comprar em feiras de artesanatos, tipo a ferinha que tem na rua do Bom Jesus, a FENNEARTE⁴⁹. Esses são os tipos de produtos que eu consumo mais, daqui, no país.

P.: E porque você não consumiria os produtos, como eletrônicos, filmes...?

E3: Ai, meu Deus... eu não falei dos filmes brasileiros. Eu amo o cinema pernambucano. Isso aí... mas é porque, assim... é muito difícil você encontrar filmes pernambucanos pra... mídia física, praticamente, ninguém mais usa, e os filmes pernambucanos, ou você encontra na cinemateca pernambucana, que eles têm disponíveis, ou nos cinemas de Recife, como o Fundação, o São Luís... e de certa forma, eu não sei se eu posso classificar isso com relação a consumo, porque, querendo ou não, quando eu vou no... no cinema da Fundação, por ser professor, nas quartas-feiras, que é quando eu vou, não precisa pagar pra entrar e, nessa semana pernambucana, os filmes estão lá, gratuitamente. Então, na minha cabeça, não se tornou uma relação de consumo, porque eu não tô pagando por isso, sabe? Mas eu estou consumindo, de certa forma, aquela mídia, então...

P.: Por que você decidiu ser professor de inglês? Você pretende trabalhar nessa área a longo prazo?

E3: Pretendo. Eu sempre gostei do hábito de ensinar, eu sempre quis ser professor. Eu pensei, antes, em fazer uma graduação de licenciatura em história, mas acabei não fazendo e fiz administração. Mas, de qualquer forma, durante a graduação, eu comecei a dar aula de inglês, porque eu tinha é... o domínio do idioma, e eu gostava de ensinar, então, foi uma coisa muito natural, pra mim, fazer isso e eu, quando eu terminei minha graduação, eu percebi que era isso que eu queria continuar fazendo e, por isso, estou fazendo uma segunda graduação.

P.: Mas houve algum motivo específico? Por que o ensino da língua inglesa?

E3: O ensino específico da língua inglesa?

P.: Sim.

E3: Foi mais porque eu sabia falar mesmo. Tipo, eu tinha o domínio do idioma e eu queria ensinar e, aí, já que era a ... a matéria que eu tinha essa segurança para ensinar, então, foi, basicamente, por isso.

P.: E por que você decidiu estudar esse idioma?

⁴⁹ Feira Internacional de Artesanato de Pernambuco

E3: Eu decidi justamente pela quantidade de... de coisa que eu consumia quando era adolescente. Consumia muita música, filme, série... então, isso gerou essa necessidade de aprender e foi, por isso, que eu aprendi.

P.: Como você lida tanto com as questões brasileiras quanto com as norte-americanas durante suas aulas?

E3: Eu procuro sempre explorá-las, principalmente, é... as de países de língua inglesa, americana, britânica... é... eu tento envolver os alunos nela, porque isso pode criar neles a necessidade e os que não têm, porque tem alunos que chegam na escola com essa vontade de aprender, porque já têm o interesse e os que não têm, eu enxergo, na cultura, uma forma de criar essa necessidade neles, eles gostarem daquele conteúdo ou de qualquer aspecto cultural que seja e sentirem a necessidade da língua para consumir aquilo.

P.: E o consumo que você fala é o consumo da língua inglesa?

E3: O consumo dos produtos culturais, filme, música... sabe? Então, para eles consumirem aquilo, eles vão sentir necessidade, primeiro, de aprender a língua. Pra facilitar.

P.: Porque você acredita que eles, expostos a estas mídias, eles estarão desenvolvendo e aprendendo o idioma?

E3: Sim, sim.

P.: E quanto ao questionamento em sala de que a cultura norte-americana é melhor do que a brasileira, que a língua inglesa é mais fácil que a língua portuguesa. Como você lida com essas questões?

E3: Eu não... alimento esse tipo de discussão, porque sempre falo *pros* meus alunos que cultura a gente não coloca uma acima da outra, a gente não pode determinar qual é a melhor, a gente não determina qual idioma é mais fácil. Eu sempre coloco *pra* eles que são duas culturas diferentes, são dois idiomas diferentes, mas não existe um melhor e um pior, porque eu também não acredito na, sabe... na... na diminuição de uma cultura pra o crescimento e interesse em outra. Acho que existe a possibilidade de o aluno continuar... é... achando interessante, consumindo a própria cultura dele, que ele está inserido e, também, achar interesse, achar tempo pra consumir o que vem de fora.

ENTREVISTA 4

P.: Qual é a sua percepção da cultura norte-americana e da língua inglesa?

E4: Bastante, né? Ahm... muito grande, e a cultura americana se expande numa facilidade cada vez... mais rápida, maior, porque, assim, as músicas que a gente escuta, o que é exigido no emprego *pra* gente, por exemplo. O inglês deixou de ser um... deixou de ser um diferencial *pra* ser um requisito. Você tem que saber inglês. Então, as músicas que a gente escuta, os aplicativos que a gente usa; *Whatsapp*, *Facebook*, *Instagram*, enfim, e até palavras que a gente encontra no meio do caminho, assim, durante o dia. É... sei lá... por exemplo... não consigo pensar em um agora (risos). Mas sei lá, TV, a gente fala muito TV, enfim. Acho que cada vez mais a gente... ela está inserida na gente e cada vez menos a gente percebe isso. Através de seriado, através filmes, através de roupas que a gente usa, de camisa, de *jeans*, de marcas, de produtos que a gente usa. Enfim.

P.: Por falar em produtos, quais são os produtos americanos que você consome mais? Pode ser músicas, filmes, produtos alimentícios, eletrônicos...

E4: Música, música. Eu acho que é música e alimentação, né? As chamadas *junk food*, né? As *fast food*. É, né? Faz parte (risos). Músicas, assim, não necessariamente americana, porque os artistas que eu escuto, não são, em grande parte, americanos, mas, é claro que existe, né? Mas acho que a maioria são europeus, mas, assim, são de língua inglesa, né? Então...

P.: Qual seria o país, Inglaterra...?

E4: Tem Irlanda, tem Inglaterra, tem... é.... Acho que, basicamente, esses dois.

P.: E os filmes?

E4: Ahm... os filmes americanos são os filmes... talvez, eu seja um pouco preconceituosa, agora, mas são os filmes, são os filmes de Oscar, né? São os *aclamadações* pela crítica, pela academia e os filmes... através disso, mais ainda, a cultura americana é expandida, né? Que... a gente não pode ver um filme com Robert De Niro, que corre *pro* cinema *pra* ver e vários outros atores, né? Renomados.

P.: E você acredita ter hábitos americanos por consumir produtos originados desse país?

E4: Hum... hábitos americanos... eu sou uma pessoa bastante consumista e isso aí, não sei se é um hábito americano, mas é um hábito capitalista que tem a base... que lá é altamente focado,

né? Ele é altamente preso lá, nos EUA, então, talvez, sim. Talvez a mania de comprar, exacerbadamente e de consumir *fast food*, e a música, talvez, seja um pouco de estilo americano.

P.: Você acha que os EUA são um modelo de país a ser seguido por outros países?

E4: Não. De jeito nenhum.

P.: Por que não?

E4: Porque os EUA é um país... os EUA, lógico, né? Ele é um país... ele é o grande hegemônico do planeta, por ser... por isso mesmo, pela expansão da cultura, pela participação em guerras, pela economia. Pela tão falada economia no momento, né? E aí... não acho que ele é um modelo a ser seguido, principalmente, no âmbito social, porque eu acho que lá, ainda, é um país muito preconceituoso, muito racista, e... isso, aqui... eu acho que a gente também... puxa bastante a eles, se assemelha bastante a eles, em relação ao racismo e acho que eles querem se meter demais... é... eles querem ser o dono dos outros países e, aí, a questão do imperialismo, as questões da exploração, e eu não sou de acordo com isso, de querer impor a cultura deles a outros países, de outras religiões, de outras culturas, e eles têm muito disso... marcado, né? Eles querem muito isso, eles querem se meter onde tem petróleo, eles querem... condenar as culturas alheias... enfim. Então, por vários motivos, os EUA não é um exemplo, assim... claro, a gente tem que se inspirar nas coisas, por exemplo.

P.: Quais seriam as coisas boas?

E4: As coisas boas, eu acho que... eu acho que o capitalismo, ele tem... ele é um mal necessário. Eu acho que a gente tem duzentos anos de capitalismo, mais ou menos, mas a gente teve mil de feudalismo. No feudalismo, você já nascia condenado. Ou você era senhor ou você era escravo *pra sempre*, camponês *pra sempre*. E, aí, eu acho que, no capitalismo, a gente teve mais opção... de... ascender. As pessoas têm mais opção de ascender, e eu acho que o capitalismo, ele é muito plural. Então ele permite às pessoas a... claro, eu sei que isso muda, também, de acordo com (má conexão – ruído), então, hoje as pessoas, também, têm mais vozes, as mulheres, os negros têm mais vozes, LGBTQs têm mais vozes. Então, eu acho que assim, é... o que a gente pode pegar de bom do capitalismo, dos EUA, desculpa, é a questão... que também é do capitalismo, né? É essa questão de... ter voz, eu acho que... eu não consigo imaginar como deve ter sido horrível o período do feudalismo, por exemplo. E, hoje, eu acho que a gente tem muito mais capacidade de ascender, porque, hoje, querendo ou não, a gente tem conquistado vozes, é... mulheres, negros, enfim. E acho que a questão que a gente deve se espelhar no... nos EUA, *pra*

seguir, é a questão, por exemplo, da... lá é um país muito racista, mas eu acho que, hoje... os negros lá têm muito mais vozes... muito mais voz.

P.: Os negros americanos têm mais voz do que os negros brasileiros, é isso?

E4: Não sei se mais vozes do que os negros brasileiros, mas, assim, eu estou falando, bem especificamente, dos EUA. É... do que a gente pode se espelhar neles, né? A gente pode imitar eles em coisas boas. É questão *tipo*... de... de dar mais vozes, né? Do capitalismo, dar mais voz... *tipo*, eu costumo falar que o capitalismo é um mal necessário, porque, ao mesmo tempo que ele proporciona altas coisas, globalização faz parte do capitalismo e vice e versa também. Ele proporciona Internet, proporciona várias coisas, proporciona o contato de eu aqui falar com quem está na Austrália, praticamente, simultaneamente, com o som chegando, a imagem chegando e... mas, assim, ele também tem o contra, por causa da... da... desigualdade social, né? Isso, aí, não tem como negar. É inevitável isso. Então, a gente precisa pegar as coisas boas que vêm dos EUA, como modelo capitalista, e poder aplicar, não só *pra* gente, né? Poder aplicar, no Brasil, e tal, mas a nível mundial. De certa forma, também, contrabalanceando o que é preciso, pra diminuir a desigualdade social.

P.: Você já morou nos EUA?

E4: Não. Nunca morei. Só passei.

P.: Então, como turista, qual é a sua visão sobre o país e quais foram as cidades que você visitou? O que você achou nesse período que você ficou como turista e por quanto tempo?

E4: Eu fui três vezes *pra* Flórida. Só *pra* Flórida e, cada vez, eu passei dez dias. Viagem em família e tal. E, assim, numa das viagens... foi a segunda, a gente parou no aeroporto *pra*... *pra* alugar o carro e aí... o senhor que atendeu a gente, do lugar lá de alugar, ele era cubano e ele *tava* super defendendo a eleição de Trump, na época, e eu fiquei: “meu Deus, o que é que está acontecendo?” (risos). “Não, porque a economia e não sei o quê... e trabalho *pra* todo mundo” e eu, assim, só escutando, não *tô* conseguindo acreditar que *tô* ouvindo isso. É... então, assim, como eu fui só *pra* Flórida, eu acho que eu, praticamente, não tive contato com americano. É... o contato com americano que eu tive foi assim, quando coisas aconteciam nas casas que a gente *tava*, e a gente precisava ligar *pra* pessoa e falar, mas, basicamente, não conta, porque era *pra* resolver um problema bem específico. Então, ela é formada por muito latino, muito latino. Você fala português lá e o povo entende. Eu cheguei numa loja e falei inglês na loja, *tava* eu e uma minha amiga, que não falava inglês, aí, eu falei, e o cara respondeu “não sei o quê” e, o depois,

o cara falou: “Vocês são do Brasil, né?”, aí eu fiz: “hãhã...” e ele falou: “Não, porque brasileiro é diferente” (risos). Então, *tipo*, tem muito brasileiro, tem muito venezuelano, tem... só, praticamente, não tem americano. Eu conheci... tem uma vendedora, lá, na loja, que ela era grega, era da Grécia, e, aí, ela *tava* morando lá, já tinha um tempo e parece que a mãe dela, também, já *tava* morando com ela, acho que era assim... e aí... pronto... meu contato com americano, foi reduzidíssimo. Talvez eu tenha encontrado com algum americano em algum restaurante, assim, só que, aí, eu falei inglês, ele falou inglês... e eu realmente não sei dizer.

P.: Você se vê morando nos EUA?

E4: Não.

P.: Por quê?

E4: Não... porque essa, inclusive, é a vontade do meu pai. Todo dia ele fala isso, mas, porque... eu acho que estrangeiro lá, principalmente no governo Trump, né? Não tem possibilidade de ascensão. Então, eu vou estar sempre em um subemprego. Que não tem problema. Eu acho que quando você muda *pra* um país, quando você muda de país, você tem que se submeter a algumas coisas, sabendo que você tem que começar de baixo, óbvio. Mas, por exemplo, eu não vou conseguir... eu não acredito que eu vá ascender em alguma carreira... sei lá, mesmo que não seja no meu diploma, usando o meu diploma, nos EUA, por eles serem muito xenofóbicos, né? Xenófobos... É, então... eu até procuro outras opções... tenho olhado com bastante carinho *pro* Canadá, mas EUA não tem condição.

P.: Então, você pretende morar em outro país?

E4: Sim. Poderia ser o Canadá, poderia ser tantos outros, mas os EUA, eu não me vejo morando, não.

P.: No período que você ficou nos EUA, você encontrou algo que você pudesse dizer: “poxa... aqui é melhor...”

E4: Eu acho que lá a gente tem muita... a gente, assim, as pessoas, elas têm muita autonomia, porque elas... aqui, o brasileiro, você julga que o outro é desonesto, até que ele prove ao contrário, ele vai dar um jeito, achar um jeitinho brasileiro de lhe ludibriar e, lá, não. Lá, você é honesto, até que você prove ao contrário. Então, eu comprei uma blusa, uma vez, e, quando eu cheguei em casa, que fui provar a blusa, ela estava um pouquinho rasgada, mesmo no ombro. Não era descosturada, ela *tava* rasgada. E, aí, eu disse: “meu Deus, vou precisar procurar essa nota agora *pra* voltar na loja e tal”. Pronto. Procurei a nota, achei a nota e fui na loja e falei:

“ó... tá rasgada e não sei o quê, não sei o quê” e, aí, o cara nem pediu pra ver a nota, ele disse: “tá bom”, pegou minha camisa rasgada, “tá bom, deixe aqui e pegue outra camisa”. Ele disse: “você vai pegar uma igual?”, aí, eu disse que iria pegar uma igual e ele fez: “tá bom”. Eu passei lá no caixa, ele fez assim “não, tá tudo bem. Tá tudo certo”. E, assim, por exemplo, o Walmart, lá, tem uns caixas, lógico, tem as pessoas te atendendo e tem também um caixa automático, que você mesmo passa suas compras e você mesmo paga.

P.: Ah... os *self-checkout*, né?

E4: Isso, exatamente! Isso, aqui, no Brasil, é inadmissível! Isso, aqui, não vai dar certo nunca, no Brasil, porque é um país... não acho que tem como oferecer esse serviço, porque o povo daqui ainda não tem educação pra isso.

P.: Mas educação no sentido de manusear o aparelho...?

E4: De honestidade. Acho que o povo vai querer tirar vantagem. Sei lá... passa a feira toda e deixa um quilo de açúcar sem passar. Eu acho que o povo é muito aproveitador. Sem educação, sem maturidade pra esse tipo de liberdade. E, outra vez, foi... meu tio. Ele comprou uma bolsa, foi até no Walmart mesmo e, aí, depois ele achou uma outra bolsa de uma outra marca melhor, mais barata, em outro lugar, e aí ele voltou no Walmart pra devolver a bolsa. Pra ver se iria conseguir devolver a bolsa, né? E aí não teve o menor problema. Também não precisou de nota. Eles só pegaram a bolsa de volta, devolveram o dinheiro e só. Então, assim... esse tipo de... burocracia. Eles têm a pessoa como honesta, até que a pessoa prove ao contrário. Então, isso ainda não tem na cultura da gente.

P.: Qual é a sua percepção da língua portuguesa e da cultura brasileira?

E4: Eu acho maravilhosa. Acho maravilhosa. Acho incrível a pluralidade de sotaques de uma mesma língua, num mesmo país, por ele ser tão grande e eu acho a cultura brasileira incrível, maravilhosa, principalmente a pernambucana, e eu sou bastante bairrista. É... então, eu acho incrível, o bumba-meu-boi do Norte, o frevo daqui... é... acho maravilhoso o sotaque mineiro, as comidas regionais. Acho que a língua portuguesa é uma língua bastante difícil de aprender, porque tem infinitas conjugações, enfim... é uma gramática rica ao contrário da americana. O inglês é bem *pobrinho*, gramaticalmente, mas é... isso... Acho a gente incrível, e eu penso muito em sair daqui, porque eu gosto muito do Brasil. Gosto muito de Recife, inclusive.

P.: Desculpa, não entendi. Você pensa em sair daqui porque você gosta do Brasil?

E4: Não. Eu fico pensando, eu fico relutando em fazer mudança... porque, além do apego à família, né? Tem o..., eu gosto de Recife, especificamente.

P.: E, na cultura brasileira, o que seria negativo é esse *jeitinho brasileiro*?

E4: Exatamente.

P.: Mas eu acho que tudo é ajustável, entendeu? Só que não é ajustável a curto prazo, por exemplo. Tem que investir bastante em... o governo, né? Tem que investir bastante em educação, de forma que a gente consiga... ter essa maturidade, de olhar o outro como pessoa, *independente* da cor, do gênero, de como ele se vê. É... eu acho que o Brasil tem muito o que crescer... socialmente. Nesse sentido.

P.: E o que você consome de produtos brasileiros?

E4: Comida, principalmente. De produtos? Como assim?...

P.: Pode ser no quesito música, filmes...

E4: Sim, música, filmes... é... comida. Produtos eletrônicos, eu não sei, porque eu não sei o que é fabricado no Brasil (risos). Mas... é... eletrônico, eu não sei muito.

P.: Se você colocar na balança os produtos norte-americanos e os produtos brasileiros, quem você acha que sobressai?

E4: Que eu consumo mais?

P.: Sim.

E4: Eu acho que os americanos. De filme, música e até de comida também. *Fast food*. Não que eu não coma comida brasileira, eu gosto de muita coisa brasileira, óbvio. Mas eu não costumo ouvir, por exemplo, tanta música brasileira quanto a americana. Eu não vejo tanto filme brasileiro quanto filmes americanos. Eu vejo mais filmes americanos, escuto mais músicas americanas e... acho que isso. Meu celular não é americano, porque eu não gosto da *Apple*. É coreano.

P.: E por que você decidiu ser professora de inglês?

E4: Por falta de opção. Oportunidade de emprego. Foi... porque, assim... eu comecei a dar aula. Eu *tava* na faculdade, ainda, e eu dava aula de reforço escolar, só. E aí... é... um tio meu fazia

aula de espanhol na *Learn English School*⁵⁰ e, aí, ele disse: “ah... me dá teu currículo e tal, porque tu não tá estagiando, não sei o quê”, e eu disse “tá”. Aí, pronto. Dei o currículo e fiquei. Estou no mesmo lugar desde 2015 e cada vez menos emprego vem sendo... vem ficando escasso, né? Pronto. Permaneço, né? Tem que segurar o que eu tenho, porque eu não posso trocar o certo pelo errado. Não é nem pelo duvidoso, porque não tem outra opção.

P.: E você se vê trabalhando nessa área a longo prazo?

E4: Não. Porque eu comecei gostando muito, porque... de qualquer forma, você tá sempre aprendendo, né? Aprendendo uma palavra nova, tá aprendendo com o aluno, e isso é muito legal, essa troca de conhecimento, mas... é uma coisa que... sabe aquela coisa de você meio que frustrada, porque eu não estudei *pra* fazer isso. Eu ainda entrei na faculdade de letras, mas eu sempre quis relações internacionais. E, aí, eu passei na particular de R.I. e passei na pública de letras e, aí, eu tive que fazer... *tipo*... as aulas da particular começaram no dia dois de fevereiro e a da pública, no dia vinte e oito de fevereiro. *Tipo*... nem fui *pra* aula da pública. Comecei a ir *pra* aula da pública quando meu pai descobriu que eu não estava indo e já era vinte e oito de março (risos). Já tinha um mês de aula perdida.

P.: Isso neste ano?

E4: Não. De 2011. Aí, desisti. Abandonei o curso mesmo.

P.: De letras?

E4: Isso. Nem fui lá, nem nada. E terminei relações internacionais.

P.: E quando você começou a estudar inglês?

E4: Inglês, eu sou autodidata, *visse*. Eu comecei a estudar inglês quando eu tinha... sei lá, oito anos.

P.: Nossa... e o que te despertou para a língua?

E4: Acho que a música, série... exatamente, esse consumismo da cultura americana. E, aí... foi assim. O meu pai nunca pagou um curso de inglês *pra* mim. A gente ainda pensou em fazer intercâmbio. Eu sempre quis fazer intercâmbio, só que, aí, acabou não dando certo e, aí, não fiz. O que eu sei, o que eu consigo falar, né?... Óbvio. O que eu consigo falar, o que eu consigo passar adiante é mérito... meu, mérito de esforço, de estudos, essas coisas.

⁵⁰ Nome fictício da instituição

P.: E como você lida com as questões brasileiras e norte-americanas nas suas aulas? Quando o aluno ressaltava o que é bom de lá e o que não é bom da gente, aqui, no Brasil.

E4: É... Eu tive poucas turmas de alunos adultos. Então, eles falavam muito em consumir a língua de forma... ahm... conseguir melhorar, *tipo*, no emprego, e de conseguir, por exemplo, só porque gosta...: “Não porque eu quero escutar umas músicas que eu gosto e quero entender, sem precisar ver a letra, sem precisar ver a letra e tal...” Então... assim... desculpa. Repete a pergunta de novo?

P.: A pergunta é: como você lida com as questões brasileiras e norte-americanas nas suas aulas?

E4: Sim e, aí... o desafio maior é você fazer os alunos se acostumarem com a língua, porque assim, eles sempre tendem a tirar uma dúvida, a perguntar alguma coisa em português. E, aí, quando é criança, eu deixo. Porque, assim, hoje, atualmente, eu só tenho dado aula *pra* criança e adolescente. Eu não tenho dado aula *pra* adulto. Então, assim, o que as crianças e os adolescentes têm consumido muito da língua inglesa é jogo, né? Jogo e música, basicamente. E, aí... é... eu não tenho encontrado tantos obstáculos, porque eles ainda não questionam certas coisas... como, por exemplo, a pessoa, o social, a política... eles não têm essa consciência ainda, entendeu? Mas eles consomem... “ah, *tô* fazendo inglês, porque meu pai e minha mãe *quer*”, “nem gosto de inglês”.

P.: Entendi. Então, não há essa comparação de um país para o outro?

E4: Isso. Até existe assim: “ah, porque quando eu fui *pra* Disney...”, porque eles sempre vão *pra* Disney, né? Eles só falam as diferenças gritantes que a gente vê aqui, por exemplo, não tem lixo na rua, ninguém joga lixo no chão, as pessoas respeitam a sinalização de trânsito, as pessoas respeitam, *tipo*, se tem a faixa de pedestre e a pessoa para *pra* você atravessar, *pro* pedestre. E, aí, eu fico impressionada, porque as pessoas ficam assim: “Meu Deus, lá... eles param o carro para você atravessar!”, mas, aqui, também. Aqui, é porque não têm educação *pra* isso. Mas, aqui, você também tem que parar; aqui, você também não pode jogar lixo no chão, *pô*... aqui, também... várias coisas. Mas aí... parece que a pessoa chega lá e desperta, assim... uma visão de... “Meu Deus, aqui tudo isso é errado”, que não pode fazer, mas é errado e faz. Não é. Também é errado e você não pode fazer em lugar algum.

ENTREVISTA 5

P.: Qual é sua percepção sobre a cultura norte-americana e a língua inglesa?

E5: Poxa... eu sou meio suspeito pra falar, porque eu ensino inglês desde os dezessete e tenho quarenta anos, hoje, e eu costumo dizer que tudo que eu tenho, hoje, em termos de... de coisas mesmo, materiais que eu consegui foram através das minhas aulas, dos pagamentos das minhas aulas com a língua inglesa. Então, eu sou apaixonado pela cultura americana, e... tive uma oportunidade maravilhosa de... trabalhar numa instituição vinculada com a cultura americana, então... eu consigo ter alguns benefícios com eles, já tive a oportunidade de estudar e fazer cursos lá fora, por conta disso. Eu fiz um curso em Austin, no Texas, e foi maravilhoso essa experiência de estudar fora e foi algo totalmente inesquecível. Trabalho com pessoas, diretamente, do Consulado Americano, dou aula de português para estrangeiro para eles. Então, pra mim, a cultura americana é algo fascinante, assim... eu sou uma pessoa assim... que é apaixonada pela cultura americana.

P.: E a língua por consequência?

E5: Sim, sim. Exatamente. Aprendi muito cedo, depois que comecei a ensinar foi que eu me aperfeiçoei, porque tinha coisas que eu precisava trabalhar. Eu, quando aluno, eu não era muito fã da gramática da língua inglesa, mas, com a necessidade, a partir do momento que eu comecei a dar aula e que precisava me aperfeiçoar, fui me tornando cada vez mais apaixonado.

P.: E quais são os produtos americanos que você consome mais?

E5: Nossa... eu acho que muita, muita coisa. Música, principalmente, sou fascinado pelo *heavy metal*, né? Então, eu gosto muito de música pesada, então, o *heavy metal*, *punk rock*, *classic rock*, *hard rock* e todas essas versões, dessas variações do *rock*, pra mim, são cruciais. Aprendi e comecei assim. Meu primeiro contato com a língua inglesa foi através do *rock 'n' roll*. Curtia uma música e... então, é... essencial. Eu escuto música todo dia, e música americana, inglesa, muito mais do que música internacional, pra ser bem sincero.

P.: No geral, né? Como brasileiras e outras nacionalidades?

E5: Isso, isso. Eu escuto 80% de música americana ou inglesa e o resto é música nacional. Produtos... assim, de uns tempos pra cá, eu procuro sempre viajar, que eu acho que é uma forma que eu cresço o inglês. Eu sempre procuro juntar dinheiro e, de alguma forma, viajar pros EUA. As pessoas até brincam comigo: “ah, mas você nunca quis ir pra Europa?”, e eu digo: “não”. Todo meu dinheiro, que eu consegui juntar pra fazer uma viagem, eu quero ir pros EUA, porque

é onde que eu vejo que as pessoas me entendem. Quando me entendem, quando eu falo e as pessoas elogiam: “poxa... teu inglês é muito bom”; “você nem parece que é brasileiro”, isso me dá mais uma vontade de continuar voltando. É algo que eu adoro.

P.: Então, de filmes, você provavelmente...

E5: Sim, sim. Eu não sou muito fã de filmes de arte europeu, vou ser bem sincero, assim. Raramente, eu assisto alguma coisa ou outra, mas os filmes americanos são a grande maioria.

P.: E você acredita ter hábitos norte-americanos por consumir produtos originados desse país?

E5: Com certeza. Sem dúvida nenhuma. Eu cresci jogando basquete, né? Bem, algo que é forte nos EUA, né? Através da *NBA*, então, eu era um adolescente de quinze, dezesseis anos, apaixonado por basquete, dormia com a bola de basquete e, esse tempo atrás, a gente não tinha a internet tão forte como a gente tem hoje, né? Isso, aqui, não seria possível (referindo-se a nossa entrevista via *Google Meet*). Seria possível, se fosse por telefonema, então, eu ficava até tarde, nas sextas-feiras, até duas da manhã, assistindo jogos da *NBA*. E, até hoje, eu consigo... assim... é, na época, minha família era muito humilde, e a gente tinha não condições de comprar aqueles pares de sapatos que eu adorava dos jogadores. E, hoje, que sou adulto, tenho os meus quarenta anos, eu posso comprar aqueles sapatos pra lembrar a minha... fase de adolescente. Eu comprei do Michael Jordan, que eu sou fã.

P.: Nesse período que você ficou no Texas, você chegou a morar no país ou você ficou um período curto?

E5: Não. Foi vinte dias, né? E, alguns, no intermediário durante o curso. Todo dia a gente tinha que ir *pras* aulas, manhã e tarde. Geralmente, as aulas eram mais de manhã e à tarde, a gente ia vivenciar a cultura americana mesmo. A gente era levado *pra* museu, a gente era levado *pra*... alguns centros americanos, né? Nos finais de semana, nós éramos meio que adotados por famílias americanas, e eles tinham que nos levar a alguns lugares. Eu tive sorte de conseguir ir *pro* Alamo, em San Antonio. Então, *pra* mim, foi uma experiência, assim... fantástica. Nenhum dos outros alunos conseguiu fazer isso. Então, *pra* mim, valeu essa sorte de não só ficar em Austin, mas também conhecer San Antonio.

P.: É uma cidade próxima?

E5: Isso, é, mais ou menos, de uma hora e meia a quase duas horas de carro.

P.: E qual sua opinião sobre o lugar e o sistema de vida de um cidadão americano?

E5: Putz... como eu te disse, eu sou muito suspeito, né? Austin, eu achei uma cidade fantástica. Eu tive muito receio, no início, porque a gente do Texas tem uma cultura muito forte e tem uma história muito forte de racismo, né? E, quando me disseram: “Você vai *pro* Texas”, eu disse: “*oops... me lasquei*”. Só que, assim, Austin é uma cidade universitária e, engraçado, que eles se vangloriam por serem pessoas abertas a culturas. Então, eles se consideram essa contracultura. Então, *pra* mim, foi maravilhoso estar num lugar que é extremamente *open-minded*, né? Tem a mente aberta, com ideias novas, pessoas bem jovens, todo mundo bem respeitoso... Foi uma experiência muito interessante. E eu também tive a experiência de conhecer Nova Iorque e, aí, a gente pode fazer uma comparação de... como os EUA é um país diferente, né? Eu saí de um local como Austin, menor, para uma metrópole como Nova Iorque e, mesmo assim, eu vejo muito respeito dos americanos com os outros em geral. Eu acho isso muito forte.

P.: É um respeito com o imigrante que você quer dizer? Uma pessoa que não é americana?

E5: Isso, com uma pessoa que não é americana exatamente. Eu sempre digo aos meus alunos que quanto mais você sabe a língua, melhor você será tratado. É... as pessoas não têm muita paciência, hoje em dia, e, quanto mais efetivo, quanto mais rápido você for na sua comunicação, acho que você vai ser muito mais recebido, você vai ter um pouco mais de atenção, e eu acho que, através da língua, eu consegui isso. Eu consegui contato com os americanos, com pessoas nativas e que tornou minha experiência cada vez melhor.

P.: Então, você acredita que como você soava como um nativo, você teve um tratamento melhor?

E5: Eu acredito que sim.

P.: Então, se você tivesse um sotaque de um brasileiro falando inglês seria diferente?

E5: Eu acho que não seria tão bem recebido, em algumas situações; em outras situações, a gente conseguiu resolver bem a situação, devido ao nível linguístico. Isso ajudou bastante. Até *pra* conhecer locais diferentes, ter acesso a algumas situações; aconteceram, porque eu conseguia falar o inglês.

P.: Depois desses vinte dias que você ficou, qual foi a sensação que você teve ao perceber que estava para retornar ao Brasil?

E5: Ah, o maior *banzo*, né? (risos). Voltar de uma viagem é sempre muuuuito difícil, é, assim, eu acho... assim, apesar de considerar Recife uma cidade de médio porte, eu não considero

Recife uma cidade grande, é... eu ainda acho que a gente ainda poderia evoluir muito em questões culturais, em questão de respeito, em questões de... de dar oportunidades às pessoas que não são... que não têm o poder financeiro alto, sabe? Então, eu acho que isso, nos EUA, é muito forte, principalmente na cultura negra, né? O negro americano, eu gosto de dizer isso, ele anda com o peito aberto. Ele tem orgulho das suas raízes, ele se veste daquela forma e ele não anda na rua de cabeça baixa, com medo de ser acusado de algo. Eu prestei muuuuito atenção nisso e, aqui, infelizmente, a gente tem essas situações de racismo, essas situações de ... talvez, não muito pela sua cor, mas a cor da gente, mas a cor da gente, no Brasil, está extremamente ligada à situação econômica. Então, mesmo você estando em locais mais... em locais melhores, locais mais... esses locais até mais confortáveis, as pessoas te olham com um olhar diferente, pela sua da cor da pele, e eu não senti isso nos EUA. De maneira nenhuma, em local nenhum. Isso é uma coisa que eu sempre falo muito.

P.: Interessante.

E5: Eu achei, eu achei. Eu tinha muito medo, como te falei quando eu fui pro Texas, mas as pessoas dizem assim: “Austin é a cidade estranha do Texas”; “Austin não é Texas”; eles dizem, eles mesmos falam: “Austin não é Texas”. Então, eu tive a sorte, né? E acho que o programa, também, foi muito bem pensado, em termos disso, de levarmos *pro* local extremamente aberto, extremamente, com as pessoas com a mente completamente diferente. E teve situações assim, da gente ir a um restaurante, e uma pessoa colocar a arma na mesa, que, parece que isso *pra* eles é permitido, eles podem carregar armas lá.

P.: Em Austin?

E5: Sim, é permitido portar arma quanto mostrar a arma. Então, eles sentam num restaurante e colocam a arma na mesa. *Pra* você, pode ser extremamente forte, mas, *pra* eles, é super natural.

P.: Quais são os momentos do cotidiano, dos EUA, que você sente mais falta, estando, aqui, em Recife?

E5: Hum... a liberdade de você andar pelas ruas sem hora, né? Se você está em Nova Iorque, às três da manhã, você pode andar tranquilíssimo. Obviamente, você não vai ficar dando vacilo, feito um retardado, mostrando as coisas, mas você consegue andar, tranquilamente sem tá com aquela obsessão de que você vai ser assaltado ou algo ruim acontecer. Isso é algo muito forte que eu senti por lá, e isso é uma coisa que eu faço questão de curtir lá. Quando ir, curtir mesmo, de bater perna, de andar, porque essa sensação é uma coisa que a gente, raramente, consegue

ter aqui. É outra coisa, aqui, assim... é que nós somos muito, a expressão é até meio feia, mas nós somos roubados, aqui, quando pagamos por produtos, né? Então, você paga, em Recife, uma calça por R\$200, e eu acho um absurdo uma camisa por R\$150, R\$200, enquanto você vai nos EUA, no *Outlet*, você consegue comprar a mesma camisa por U\$5. Então, nós pagamos, aqui, 50 vezes mais pelo mesmo produto. Isso é algo que... e eu falo também *pros* meus alunos, né? “ah, eu tenho sonho de ir...”; cara, deixa de comprar as coisas aqui, porque quanto menos você compra aqui, você junta e, mais lá na frente, você vai conseguir comprar, talvez, dois daquele produto que você imagina, mesmo com a viagem. É algo que as pessoas não levam muito em consideração. Hoje, *tá* mais complicado, com esse dólar aí estourado, mas acho que as coisas vão voltar ao normal, e eu sempre recomendo às pessoas, “junta, não compra coisa aqui”. Tem coisas que, obviamente, é supérfluo aqui.

P.: Os alunos também têm essa percepção de que é melhor economizar dinheiro, aqui, e comprar lá fora?

E5: Sim, com certeza. Mas nem todo mundo já teve uma oportunidade e sempre me perguntam: “mas, Rodrigo⁵¹, e aí?”, eu acho que você tem as condições de juntar um dinheiro e comprar esse produto, sei lá, daqui a um ano. Você pode aproveitar. Fazer uma viagem, que vai ser inesquecível pra você, e ainda comprar outras coisas, com bem menos dinheiro. Vale a pena fazer um esforço maior pra poder vivenciar essa experiência.

P.: E, agora, sobre o nosso país. Qual é a sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E5: Então, eu sou formado em Letras, né? Eu posso ensinar português, inglês e literatura, mas eu nunca gostei muito. Eu acho a gramática brasileira muito... engessada em fórmulas, né? A gente tem que memorizar muitos nomes, memorizar variações que, na vida real, no dia a dia, a gente não usa. Então, eu nunca gostei desse processo de formalidade. Então, foram umas das coisas que me fizeram não correr *pra* ensinar português. Faz isso cinco anos que apareceu essa oportunidade de dar aula de português *pros* oficiais do consulado, então, *meio* que me forçou a estudar mais o português e... dar aulas *pra* eles é algo que... eu procuro mostrar *pra* eles, não essas variações formais que tem muito, mas, sim, o português real, né? As expressões que a gente usa, o nosso regionalismo. Eu gosto muito de mostrar a diversidade da nossa língua.

P.: E sobre a cultura? Quando você vai dar aula sobre a cultura brasileira?

⁵¹ Nome fictício.

E5: Então, eu procuro mostrar muito o aspecto social, pra mostrar pra eles a riqueza do nosso país. Por eles serem oficiais, eles são tratados como super seres assim... vivem meio que em bolhas. Eu costumo mostrar pra eles que a vida do brasileiro não é aquela bolha dele, que sai daquele apartamento dele na Avenida Boa Viagem; existe uma diferença regional cultural muito grande, que também pode ser rica pra eles. Então, eu procuro explorar muito isso. Evito levar esse material... que eu associo a... classes sociais mais elevadas, então, se eu for levar uma música, eu não vou levar uma bossa-nova, porque eu sei que a minoria brasileira que escuta esse tipo de música. Eu levo algo mais regional, pra mostrar pra eles que existem diferenças. Que eles sabem, mas que não são expostos a eles, porque eles são da classe social alta quando vêm pra cá.

P.: Você consome produtos brasileiros, como música, filmes, produtos alimentícios, eletrônicos?

E5: Sim, eu gosto muito desse cinema nacional. Esse cinema nacional mais jovem, eu acho fantástico. Sempre tento assistir os filmes, no próprio cinema mesmo, eu gosto das produções. Eu curto. Música... eu escuto alguma coisa, mas, assim, bem mais voltada pro tipo de música que eu curto. Ah... se você perguntar: “O que você escuta de música nacional?”, eu nunca vou te dizer... ai meu Deus... esse negócio de pagode, forró... eu não curto, tá? Então, eu nunca vou te dizer... eu não escuto isso. Mas eu tento conhecer, porque, como a gente trabalha com alunos, eu tento conhecer, pra saber do que eles gostam, pra tentar abordar, de certa forma, e dizer: “cara, isso é horrível!” Mas... muita coisa nacional... eu acho que a gente tem talento, muita coisa boa. Mas eu vou ser bem sincero, eu não consumo essa música nacional e nem *streaming*. Essas músicas mais populares, eu não sou muito fã, não.

P.: Por que você decidiu ser professor de inglês? Você pretende trabalhar nessa área a longo prazo?

E5: Eu sempre digo que eu sou apaixonado, assim, pela língua inglesa. Dar aula, pra mim, é algo que... é algo que... sou eu. As pessoas me conhecem como teacher Rodrigo. Chega no shopping, chega na rua e as pessoas dizem: “ei, teacher Rodrigo!” Eu venho fazendo isso há... vinte e três anos. É algo que eu amo e é uma grande luta, assim, porque, depois de um tempo, quando você está numa escola por um tempo, aí, começam a te chamar pra coordenação, supervisão, e eu acho isso um saco, sabe? Eu gosto de dar aula. Eu gosto de tá dentro de sala de aula, de estar com meus alunos, de me divertir com eles, fazer algo ridículo que eles vão considerar ridículo, mas eu curto demais dar aula. Eu acho que é algo que eu aprendi a fazer,

apesar de eu ser uma pessoa muito tímida, mas dar aula já me ajudou a vencer vários problemas de timidez e, apesar de hoje também, ser professor e coordenador, o que, realmente, me diverte, o que eu, realmente, me dá prazer é estar com meus alunos em sala de aula.

P.: E como você lida com as questões das culturas norte-americana e brasileira durante as aulas?

E5: Assim, eles me conhecem. Meus alunos começam a me entender, no primeiro dia de aula, assim. Eu sempre dou o parecer a eles de que... eu sou uma pessoa que... eu gosto muito de discutir, porque a gente vai trabalhar com temas polêmicos o tempo todo e... nas minhas aulas, eu sempre falo *pra* eles, “vocês falam mais que eu”. Eu tô aqui pra instigar, eu tô aqui pra dar o choque e, através desse choque, vocês vão falar, e eu gosto muito de trazer coisas que acontecem aqui, que acontece lá fora, pra basear a aula em realidade. Eu realmente não curto tá trabalhando com fantasia, “as pessoas são fantásticas” ... não é meu estilo de trabalho. Apesar de, hoje em dia, trabalhar numa escola que trabalha com o público A, A, A. Então, é algo que eu preciso me policiar, porque, hoje em dia, você quer chocar e, aí, bate numa pessoa bem mais velha que você, que já tem aquele conceito social formado e que não vai mudar. Então, eu também tenho muito cuidado em saber com que público que eu trabalho, mas, no geral, eles sabem que eu vou sempre tá confrontando, eu vou tá sempre mostrando alguma coisa feia, estranha, real, a realidade mesmo, pra que possa ver a aula. Eles até dizem: “pô... gosta de um tema polêmico, né?” (risos). “Eu quero saber de vocês como vocês se comportam numa situação bem diferente”. É legal, é legal. Eu me divirto. Eu não vou *pra* sala de aula *pra* ensinar só gramática ou vocabulário, eu acho que tem que inserir uma realidade. Ah... então, vamos ensinar passado simples, então, beleza, vamos falar daquela experiência, daquela viagem que *tu fez* e porque aquela experiência foi mágica? Por que aquela experiência foi legal? O que te trouxe? E, aí, a gente, trabalhando naquela, em cima de coisas reais, de coisas que eles podem falar, que faz sentido pra aula.

P.: Então, eles devem viajar muito por ser de classe A. Eles comentam sobre as diferenças do país? O que tem de positivo aqui...?

E5: Não, não. Realmente eles mostram que... lá fora, é bem diferente *daqui*. Mesmo eles sendo, na sua grande maioria, de classe social bem alta. Lá fora, eles conseguem aproveitar muito mais, e isso foi uma coisa que eu aprendi com meus alunos, trabalhar mais, juntar mais dinheiro, quando possível, para ter a minha experiência de viagem, pra poder, também, vivenciar isso. Fez a diferença na minha vida.

ENTREVISTA 6

P.: Qual é a sua percepção sobre a cultura norte-americana e sobre a língua inglesa?

E6: É interessante essa pergunta, porque a cultura americana, ela é vista... é, enfim, é uma cultura que se impõe muito através da arte, através da música, através de filmes e séries. E... a partir do momento que essas séries e filmes mostram o dia a dia dos personagens... então, assim, a cultura vem junto, né? Vem a reboque. Mas é... de certa forma, é uma imposição, porque a gente vai comprando essa ideia como se fosse a cultura certa, né? Então, a minha percepção da cultura americana é que, embora a gente não pode dizer se uma cultura é certa ou errada porque isso não existe, mas a forma como essa cultura é vendida para o mundo. Não, necessariamente, *pro* Brasil; não, especificamente, *pro* Brasil; mas, *pro* mundo, é uma forma muito... invasiva, né? Na realidade, ela é imposta, ao invés de ser discutida. Bem, língua é cultura, então... a língua vem... inclusive, o motivo de se ensinar inglês, no mundo, vem muito através disso, também. Apesar do início de tudo, né, vamos dizer assim. Não início de tudo, vamos, sei lá, depois do pós-guerra, que o ensino da língua inglesa foi mais comercial, principalmente, pela aquela questão do Plano Marshall, mas também tem muita gente que aprende inglês, porque “quero entender o que o cantor *tá* falando, quero aprender *pra* entender inglês”. Então, a partir desse momento, você vê que a cultura vem junto com a língua. Então, o ensino da língua inglesa, hoje em dia, assim, basicamente... já houve tentativas, anteriormente, de se estabelecer uma língua franca no mundo, né? O esperanto foi uma dessas tentativas, né? Mas... na década de 90, embora seja mais velha, com a questão da ascensão da China, com a ascensão da China, na última década, se tentou colocar o mandarim como língua franca também. Todo mundo *tava* tentando aprender a falar mandarim, mas o inglês já *tá* estabelecido, né? Até porque eu acho que a cultura seguiu isso. A gente não tem uma cultura chinesa que faz com que as pessoas, “eu quero aprender mandarim *pra* entender aquela música”, não. Já, o inglês tem. Então, eu acho que a cultura acabou protegendo o inglês como língua franca.

P.: Quais são os produtos americanos que você consome mais, em termos de músicas, filmes, produtos alimentícios, eletrônicos?

E6: Caramba... é difícil. Vamos lá (risos). É porque é tão difícil dizer o que é americano mesmo, né? Mas vamos ver, assim... é... deixa eu ver... Eu tinha uma amiga americana minha que, quando eu *visito ela* e quando ela me visita, ela sempre se preocupa em trazer alguma coisa, genuinamente americana, *pra* mim. Então, quando eu vou na casa dela, ela diz: “isso é feito aqui, onde eu moro”, eu: “*tá* bom, *tá* certo” (risos). Então, alguma coisinha *pra* casa, enfim... e

eu sempre levo peso de porta *pra* ela, que ela adora, aquelas *galinhazinhas*, aquelas tartarugas... então, vê só, mas produto americano que a gente consome, *vamo lá*... eu acho que, principalmente, poxa... é uma pergunta muito ampla, *visse* Claudete, mas *vamo lá*. É... eu acho que, a princípio, a tecnologia, de uma forma geral. O próprio *Google*, de uma forma geral, que a gente está usando, é de uma empresa americana. Então, é um consumo através disso. É... é, porque a gente fala de produto americano... é, deixa eu ver... como a empresa é uma empresa americana, também, meu filho usa o *Xbox*, agora, nas férias, o dia todo, praticamente. Se deixar, é o dia todo, toda hora. Mais uma vez, a gente está dentro da tecnologia, né? Eu acho que é isso. Basicamente, isso. Produtos americanos realmente...

P.: E músicas, filmes, essas...?

E6: Ah tá... O *Netflix*, né? Assim... filmes e músicas... é... eu consumo a música americana, assim, a banda que eu mais gosto não é americana, então...

P.: É brasileira, não?

E6: Não, é uma banda irlandesa. Eu não entendo nada do que eles cantam, porque eles cantam em irlandês mesmo. Então, é só pela música mesmo. Eu já fui pra *show* e tal, eu e minha esposa. A gente chorou e tudo mais, mas a gente não entende nada dos que eles estão falando (risos), ou seja, é pela música mesmo (risos).

P.: Mas você tende a assistir mais filmes americanos, por causa da *Netflix* ou quando você vai ao cinema. Que tipo de filmes você assiste?

E6: *Vamo lá*, a questão oferta e procura, né? Eu, particularmente, eu não... eu tento não consumir muito filme americano, mas, assim, é o que tem disponível na realidade. Mas, se for por escolha, eu prefiro assistir filmes de outras nacionalidades.

P.: Você acredita ter hábitos americanos por consumir alguns produtos norte-americanos?

E6: Ah... sem dúvida, sem dúvida. Inclusive hábitos alimentares, inclusive. A questão da praticidade. É o *fast food*, aqueles velhos... aqueles *cup noodles* da vida... então, assim... essas coisas práticas são tristes, né? É um veneno, mas a gente acaba consumindo.

P.: E você acredita que os Estados Unidos são um modelo de país a ser seguido por outros países?

E6: Hum... não.

P.: Por que não?

E6: Ahm...Eu acho que, na realidade, nenhum país é modelo, porque é aquela questão, Claudete, é... tem um filósofo... toda vez eu esqueço o nome, sou péssimo *pra* nomes... é... que fala assim: “Que o homem é homem e suas circunstâncias”, então, expandindo esse conceito para o povo, eu acho que o povo é povo e suas circunstâncias, então, assim, o povo americano é aquele povo, porque eles tiveram as condições *pra* serem... a sociedade foi criada daquele jeito. Então, o povo brasileiro é do jeito que é, porque a gente foi levado a chegar a esse nível que a gente é hoje, então, assim, se tivesse sido dado outras circunstâncias *pra* gente, a gente seria diferente. Tivesse sido dado outras circunstâncias pro povo americano, seria diferente também. Então, não dá *pra* estabelecer, “ah... é um modelo”. Existe coisas, na sociedade americana, que eu acho super interessante. Poxa, a gente podia copiar alguns aspectos, mas, no país como um todo, ser um modelo, não. Porque tem muita coisa louca nos EUA. Tem muita loucura que acontece ali.

P.: Quais seriam os aspectos positivos e quais seriam os aspectos negativos que a gente não poderia copiar?

E6: *Vamo lá...* aspectos positivos. Eu acho muito interessante a forma como eles *usam* o solo. Tipo, a urbanização das cidades são, é muito interessante a forma como se dá o crescimento da cidade. A maioria das grandes cidades americanas, elas seguem um planejamento muito rígido, de modelo, né? Então, não existem *puxadinhos*, existem uns padrões. Então, a forma como eles *ocuparam* o solo, nos EUA, é bem interessante. Então, assim, isso facilita tudo. Facilita saneamento, facilita limpeza, facilita muita coisa. Então, muita coisa que a gente vê bonitinho, nos filmes, de fato, é bonitinho, porque as coisas são feitas para serem daquele jeito, eles obedecem. Então, a noção de civilidade é muito forte nisso. Outra coisa interessante, no povo americano, é a noção de cidadania. Que eles sabem... A grande maioria dos americanos podem não conhecer a lei, a letra da lei, mas eles têm muita noção do papel deles como cidadãos. Então, eles têm uma noção de comunidade muito forte, né? A própria escola americana, o modelo de escola americana, ele parte da comunidade. A grande maioria, não as escolas particulares, mas as escolas públicas, elas partem da comunidade. Então, elas nascem nas comunidades, as famílias se mobilizam para consertar alguma coisa, na escola, quando não vem dinheiro do governo, os pais têm uma participação mais ativa... e a professora faz parte daquela comunidade, então, as pessoas conhecem todo mundo. Então, assim, isso é modelo que tentaram

fazer aqui quando Aluísio Teixeira⁵² foi fazer doutorado lá, mas, quando, aqui, *pro* Brasil, que ia implantar isso... Não deu certo, né? Porque, justamente, o povo é o povo e suas circunstâncias. Então, assim, a gente tem um modelo diferente. Agora, o que não deve ser copiado, aí, assim, que é fácil até de dizer que é o capitalismo selvagem do americano. Então, tudo é dinheiro. Por exemplo, essa questão do coronavírus, ou seja, nossa... não existe SUS nos EUA. Então, o pobre tem que ir pra hospital, sabendo que vai demorar ser atendido, vai ser atendido, nunca vai pagar, terá alguém que pagar aquilo ali... tudo é muito caro, te cobram tudo, cobram até a gaze que foi usada e... eu passei sete horas lá, esperando uma pessoa ser atendida, e fiquei observando todo o movimento dentro da emergência e ...

P.: Você precisou do serviço?

E6: Eu fui levar um aluno que *tava* com um problema. Teve um problema de asma, e, aí, eu fui levá-lo, isso, em janeiro do ano passado. E, aí... eu fiquei sete horas. *Tava* eu e uma outra pessoa, uma pessoa entrou, e eu fiquei do lado de fora, esperando, e eu *tava* observando a movimentação. Então, assim, a quantidade de pessoas pobres que entravam lá, eles passaram as sete horas para serem atendidos. Quando eu *tava pra* sair, um deles ia ser atendido. Então, assim, a pessoa sabe que aquele cara não vai pagar, já que não vai pagar, vamos ver. Eles olham, vê se é grave, não é, então, deixa o negócio correr solto. Então, esse capitalismo, muitas pessoas pobres, não necessariamente de rua, mas pessoas pobres que não têm como pagar, se tiver um problema com o coronavírus, vai relutar a ir para o hospital, porque não tem condições de pagar. Então, as pessoas vão morrer. Por isso que os Estados Unidos estão pipocando com o número de mortos, né? Eles não têm essa proteção social que a gente tem. Então, eu acho que esse capitalismo selvagem deles é algo a não ser copiado. Embora as pessoas queiram copiar, né? Mas não é por aí.

P.: Você já teve experiência de morar nos EUA?

E6: Não. Eu já visitei várias vezes, mas morar, não. Acho que o máximo de tempo que eu fiquei foi... um mês e meio.

P.: Mas nesse período que você ficou. Qual foi a sua impressão do sistema... de ser um cidadão americano? À parte esse sistema capitalista, do sistema de saúde, bem interessante, comparado ao nosso, né? Quais foram outras questões que chamaram sua atenção?

⁵² O entrevistado estava referindo-se a Anísio Teixeira que foi o fundador da escola pública no Brasil, no século 20.

E6: Rapaz... deixa eu ver... outras coisas que me chamaram a atenção... Fora isso que eu mencionei, né? O sistema de saúde, o sistema de educação...

P.: Sim.

E6: Veja... vamos lá, de comportamento. Bem, deixa eu ver... bem, comportamento. Tem duas coisas que eu posso mencionar. Como eles seguem as regras, de uma forma geral. Existe uma noção bem assim: “ó, se a rega é essa, a gente não pode... Então, um exemplo, essa minha amiga que eu mencionei, ela mora num bairro beem residencial. Ou melhor, é só residencial. Não tem uma loja perto. Tem, assim, se você precisar ir para uma loja mais perto, você tem que... sei lá... ir a um quilômetro de distância. É como se fosse um grande condomínio, mas não é fechado, né? Só aquelas casinhas... coisas bem de filme.

P.: Qual o estado?

E6: Estado de Nova Iorque, Long Island. Fica a duas horas de trem de Manhattan, da cidade de Nova Iorque. Aí, a gente saiu uma vez de noite, eu, ela e o marido, e a gente foi jantar, não sei onde e quando a gente *tava* voltando... E, sim, antes de chegar na rua dela, tem uma rua que leva pra rua dela que tem o sinal de pare. Que você tem que parar na frente do cruzamento. Nem é um cruzamento, ali, mas é na frente de uma rua, mas tem um sinal de pare, tem a faixa do pedestre ali, você para, não vem ninguém, então, você continua. Então, eles sempre paravam durante o dia, né? Então, beleza, tranquilo. Mas, eles sempre diminuía, paravam o carro e andavam. Mas quando foi nesse dia, a gente *tava* voltando pra casa, era 11 horas da noite, mais ou menos. Ou até mais tarde. E, aí, eis que a rua *tava* bem deserta, parecia bem coisa de filme de terror mesmo... aí ele vem com carro, chega na faixa de pedestre, ele para o carro, dois segundos e continua de novo. Eu nem questionei nem isso, porque isso é uma questão de hábito, mas assim: “ó, não é o certo para fazer, então, nós vamos fazer o certo”, né? Então, ele parou o carro, era, sei lá, 11 horas da noite, ele para o carro e continua. Então, a questão do meu papel na sociedade é muito latente assim... E outra coisa que eu posso mencionar... deixa eu ver... e aí foi uma percepção com relação a... nós tivemos no... em janeiro do ano passado, justamente, eu fui com um grupo de alunos de escola do Brasil todo. Que é um programa da Embaixada, chamado Jovens Embaixadores...

P.: Ahm... sim?

E6: Pronto, eu fui um membro adulto da última viagem. Não a dessa, mas a do ano passado. Então, eu fui levando os cinquenta, né? Eu e uma menina de Manaus e, quando chega nos EUA,

tem uma equipe americana que se junta à gente e a gente trabalha junto. Enfim, a gente chega lá em Washington e, depois de Washington, o grupo é espalhado por cinco cidades e, aí, eu fui pra Kentucky, numa cidade chamada de Louisville. E, aí, uma das coisas que a gente vai fazer com os jovens lá, é visitar, na grande maioria, ONGs que tratam de justiça social, em vários aspectos. Então, a gente visitou ONGs que tratam dos LGBTs, ONGs que tratam do movimento negro, então, ONGs que tratam sobre pessoas de ruas, a gente visitou... E uma das coisas que a gente faz, obviamente, é visitar escolas. A gente visitou uma *high school*. E, aí, Claudete, eu acho que a melhor palavra para definir na cara dos alunos quando eles falam sobre ingressar na faculdade, eu acho assim, a percepção que eu tive foi... um certo desespero que eles têm, em saber que vão pra faculdade, em saber que vão pagar aquela faculdade...

P.: Os americanos, né?

E6: Os americanos. Então, um curso universitário é muito caro. Então, existe um... e quando os meninos daqui, né? os brasileiros que *tavam*... né... falaram que existe universidade pública, que existe a possibilidade de você fazer um curso superior sem precisar pagar, eles ficaram assim: “meu Deus, vocês têm isso?! Vocês têm universidades públicas?! Vocês não precisam pagar?!”, “Não, não, a gente paga com nossos impostos”. Então, é... é uma questão de percepção que eu tive... assim... então, eu acho que a palavra que define mais é desespero, porque você via mesmo aquela: “Puxa, eu vou pagar, mas não sei como eu vou pagar”. Então, eles têm uma preocupação muito grande com isso.

P.: É interessante a sua observação, porque seria algo positivo para nós? No sentido de... temos universidades públicas que podemos oferecer aos nossos alunos essa educação, sem esse desespero em pensar se...

E6: Sem dúvida. Sem dúvida nenhuma. É justamente isso... a gente tem uma tendência... assim, eu acho que já passei dessa fase, porque eu tomei consciência desse problema e, aí, eu *tô* tentando agir de uma forma diferente desde então. Mas, a gente cresceu com isso, né? *Pô*, falando mal do Brasil, né? “o Brasil é uma porcaria”, “sei o quê...”, “esse SUS...”. Gente, a gente tem o SUS, a gente tem uma universidade pública, por pior que ela seja, por mais defeitos que ela tenha, mas funciona, né? Por mais que o SUS tenha defeito com superlotação, que é uma questão de demanda, mas funciona. Por exemplo, um dos donos da Globo, Roberto Irineu Marinho, acabou de fazer um transplante de fígado. Foi feito pelo SUS, porque a rede particular não faz transplante. Não existe transplante em rede particular. Todos transplantes são feitos pelo SUS. Então, “ah, o SUS é ruim!”, é, mas, Deus nos livre de precisar de um transplante,

porque o SUS que vai fazer isso. Porque nenhum plano de saúde cobre isso. Então, é... por mais que a gente tenha esses... esses defeitos que não são poucos, mas a gente precisa. Na realidade, a gente precisa de mudar outras coisas, mas manter essas coisas que foram conquistas nossas, né? Por isso, explodiu uns dois meses atrás, aquelas manifestações no Chile. Porque, no Chile, deixou de ter saúde pública, deixou de ter universidade pública, com essa coisa não liberalista e, aí, deu no que deu. O Brasil jamais vai ter essa revolta como teve no Chile, porque a gente teve esse *colchão*. A gente tem famílias que recebem bolsa família, a gente tem um SUS da vida que eu sei que se eu ficar doente, eu posso ir numa UPA aqui, agora, e que vai demorar um pouquinho, mas eu vou ser atendido. Então, é assim... é a gente valorizar o que a gente tem, sabe, e não falar do que a gente tem. O Brasil sim, é modelo para outros países, de... como é que eu posso dizer mesmo... de proteção social mesmo. Aí, volta aquela tua primeira pergunta. A cultura americana vende que tudo é perfeito, tudo é lindo, todo mundo tem carro, todo mundo vai pro bar, todo mundo ri, todo mundo tem a *high school*, aquelas coisas lindas, vai pra festa, não sei o quê... sim, gente, mas da onde veio esse dinheiro para fazer isso? Tem que trabalhar pra isso. Como é o emprego? Nos EUA, basicamente, se trabalha muito pra poder... a grande maioria *são* horistas, né? Existe empregos protegidos, que são de empresas grandes, empregos que dão plano de saúde, essas coisas todas, mas não é regra. Então, a grande maioria é horista. Então, horista trabalha muito, se não trabalhou, tchau. Se trabalhar, recebe, se não trabalhar, não recebe, então... enfim. Não é um modelo a ser seguido, não. Existem coisas a serem seguidas, mas também existem coisas (risos) que não devem ser seguidas. Eu não quero que o Brasil seja um EUA, a questão é essa. A gente precisa que o Brasil seja Brasil, pegando o que tiver de melhor em todas as sociedades e implantar aqui e, se der acerto aqui, porque tem as circunstâncias também, né?

P.: Depois dessa sua experiência, qual a sensação que você teve quando retornou ao Brasil?

E6: Vê... acho que são momentos diferentes. Da primeira vez fui, quando eu voltei, aí deu uma certa... as comparações foram inevitáveis. Mas, aí, você vai construindo também, né, ahm... e, aí, é aquela comparação meio... é... como eu posso dizer... desonestas mesmo, assim. Bem... é, acho que desonesta mesmo. Assim, no sentido muito mal com o Brasil, né? “aquela porcaria, não sei, não sei o quê...”

P.: Ah, a gente como negativo, né?

E6: Isso. A gente como negativo. E... de outras vezes que eu comecei a ir depois, e, aí, ficando mais tempo, e, aí, você acaba percebendo que, assim... na última vez que eu fui, justamente no

ano passado, eu já voltei muito feliz com o Brasil. Com orgulho de ser brasileiro, sabe? Querendo que as coisas fossem diferentes, mas gente, a gente tem muita coisa, a gente tem de onde sair, a gente tem uma base muito boa. Então... basicamente é isso. As voltas... e, sim, uma das coisas que a gente faz com os meninos lá nesse programa, dois dias antes da volta, a gente chama de palestra de reentrada, que a gente vai reentrar na sociedade brasileira. A gente saiu e tem a palestra de reentrada e quem dá essa palestra são os membros brasileiros. No caso, eu e Margarida⁵³. E a primeira coisa que eu perguntei ao pessoal dos Estados Unidos foi: “Gente, nós podemos fazer a palestra de reentrada em português?”, e ela: “*Eita, Fábio*⁵⁴, a gente nunca pensou nisso”. (Professor Fábio): “É, porque, é assim, se é de reentrada, a gente precisa colocar o português, porque será a primeira coisa que eles terão que ter contato mais próximo, né?” e, vindo da liderança. E ela disse: “Fique à vontade!”, e a gente fez a palestra em português, né. E, aí, eu chamei a atenção. E, aí, justamente, eu falei desse aspecto, né? Eu disse: “Gente, vocês viram, nas escolas, que as pessoas ficaram muito surpresas com a questão dos SUS da gente, da escola pública, da faculdade pública. Então, nós temos um país maravilhoso, então, que vocês voltem para as casas de vocês, toquem os projetos de vocês... que são jovens diferenciados, né? Tem projetos sociais e aquelas coisas... Então, façam os projetos de vocês para que vocês tornem o país da gente melhor, mas muitos deles disseram: “Eu quero morar nos Estados Unidos, eu quero morar nos Estados Unidos...””, muitos deles voltam com essa mentalidade, sabe?

P.: Mas, também, seria a primeira vez que eles tiveram experiência nos Estados Unidos?

E6: Sim, sim. Claro. É interessante... nisso que a gente chama de *re-entry*, eles têm a noção que eles estavam ali, com a vida... é... tipo assim... ai meu Deus... como eu poderia dizer...

P.: Como bolsistas, como visitantes...?

E6: É, como visitante, Margarida falou uma coisa: “Como dondoca”. Vocês tiveram casa, comida, roupa lavada, porque eles ficam em casa de família, né? Então, as famílias *levavam eles para comer, eles não pagavam nada. Sendo que morar nos Estados Unidos é outra coisa. Vocês, possivelmente, não vão morar numa casa como vocês ficaram. Teve gente que ficou em mansões. Então, você não vai ter emprego para morar numa casa dessa, geralmente, será um *cubiculozinho* que você vai poder pagar. Então, para eles terem a noção... que é assim... é legal?* É. Não vou dizer que os EUA é ruim, eu gosto muito de ir pra lá, inclusive. Mas eu não vejo

⁵³ Nome fictício da professora que o acompanhou na viagem durante o programa Jovens Embaixadores.

⁵⁴ Nome fictício do professor.

como um país que seja um modelo. É um país interessante para você ir, eu até gostaria de morar lá um tempo, não a vida toda, porque eu acredito que chega um ponto que você não aguenta aquele tipo de vida. Pra gente que é estrangeiro, né?

P.: Por causa das questões culturais ou por causa do sistema de saúde, da educação...?

E6: Por causa da loucura, da correria. Você mata um leão por dia, né? Você não tem o suporte emocional que a gente tem no Brasil. A gente, latino, a gente tem um suporte emocional muito grande da família, dos amigos. Americano, ele sai pra comer. A saída deles é pra comer, alguns deles ficam bêbados e *voltam* pra casa e, pronto, acabou. A gente senta, conversa, pode até *tá* bebendo uma coisinha, mas a gente conversa, passa um tempinho, mas a gente *tá* falando da vida, mas americano come! Aí, você vê aquela galera obesa. Então, assim, a gente não vai generalizar, né? Essa minha amiga mesmo, né, ela é um ponto fora da curva. Quando a gente vai pra lá, a gente senta, conversa, passa horas conversando, tomando vinho. Então, assim, é um ponto fora da curva. Mas se você vir o pessoal mais jovem, é beber, beber, beber, beber e pronto. Isso, também, vai muito de nível cultural, né? Então, as pessoas mais humildes tendem a se exacerbar mais na questão da bebida e da comida.

P.: Tem alguma coisa do cotidiano americano que você sente falta por estar aqui?

E6: Do cotidiano, que eu sinto falta... Então, é aquilo que eu falei. O que eu sinto falta é do americano, e, aí, sim, que eu queria que aqui fosse muito, mas não vai, porque é uma questão cultural (risos), é a questão da forma de construir as coisas. Assim, a nossa forma de construção e de crescimento urbano é uma coisa que veio de Portugal, então, assim, não é a mesma coisa de um americano. Então, mas eu queria muito que os bairros brasileiros fossem naquele estilo bairro americano, sabe, assim, que tudo estivesse no seu lugarzinho. Por exemplo, eu moro numa casa, então, se eu quiser abrir um restaurante, aqui, na minha casa, eu fecho, aqui, a garagem e monto um restaurante *de boa*. Lá nos EUA, não pode, porque área residencial é residencial. Se eu quiser abrir um restaurante, eu tenho que ir para um centro comercial, mas próximo da minha casa, se eu quiser, e, ali, tem locais que eu posso montar um restaurante. Já alugo uma loja e boto o restaurante ali dentro. Eu não posso fazer um *puxadinho*. Inclusive tem as pessoas que burlam, como cabeleireiro que atendem as pessoas dentro de casa, mas, assim, são amigos. É do tipo assim, “ah, vou visitar minha amiga”, mas, na verdade, é uma cliente que vai. Então... sou cabeleireiro, eu atendo por telefone, a pessoa marca o horário, me visita, aí eu faço o cabelo, ali, escondidinho, num quarto. Eu não posso ser cabeleireiro aqui. Então, assim, existe todo um respeito aos centros comerciais e à área residencial. E, aqui, no Brasil, não. As

coisas não têm muito padrão, mas isso é muita coisa de português. Lisboa é toda assim. Então, é uma forma de construir. É utópico. Nunca vai acontecer (risos). Eu sinto falta das organizações dos bairros. Eu acho *massa*. Muito legal.

P.: E qual é sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E6: aaarr... (respiro profundo) ... calma, é difícil, porque a gente está dentro dela, né? Cultura brasileira e língua portuguesa. Vamos lá! Cultura brasileira, primeiro. É... isso aí é claro, né? A gente não tem a mesma força que os americanos têm. A força do cinema, a força da música. Então, a cultura brasileira é pouco difundida, assim... não é nem por não querer ser difundida, existe até a vontade de difundir, mas a gente não tem os elementos e nem a máquina para fazer isso de forma mais massiva. Aí, o que chega, é aquilo que vende mais, e isso tem o risco de ser uma coisa muito boa ou ser uma coisa muito ruim, né? Então, Michel Teló chegou lá fora, foi *bater* na Europa. Então, assim... é triste (risos). E o pior que isso é o que as pessoas vão pensar que é música brasileira, de fato, sendo que tem tanta coisa no Brasil, que não seja apenas isso. Então, mas fazer o quê? O que foi que deu? Foi o que vendeu mais, então, essa música chegou longe. Tá... e a língua portuguesa vai atrelada a isso. A mesma coisa que a língua inglesa, nos EUA, mas, aí, eu... não sei... acho a mesma coisa. A língua vai junto daquilo que é vendido, né? Se a música chega, a língua vai junto. Eu não vejo muito as pessoas interessadas em aprender português, embora... é... a gente foi *pruma* festa nos EUA, uma vez, e uma mulher chegou perto de mim, e ela... sentou do meu lado e começou a perguntar coisas sobre a língua portuguesa. Ela disse: “Fábio, eu amo a língua portuguesa!” e, aí, ela... ela fez intercâmbio no Brasil, quando ela era adolescente, mas não aprendeu muita coisa (risos). Ela passou muito pouco tempo. O intercâmbio dela foi só de três meses. Foi muito curto para ela aprender. Ela adora Marisa Monte e, aí, o marido dela teve a chance, a negócios, de visitar Santa Catarina, e ela foi junto e, aí... ela é louca pela língua portuguesa, ela é louca para aprender português. Então, assim, existe pessoas que têm interesses, mas, enfim... eu acho que a gente não tem uma projeção tão grande. E, aí é que *tá*, mais uma vez, quem leva e traz as coisas é a cultura. Se a cultura é bem vendida. Espero que filmes como um Bacurau, aí, da vida, essas coisas... que quebre mais um pouco disso, né?

P.: E os produtos brasileiros que você consome, também, como produtos alimentícios, como músicas, filmes, eletrônicos?

E6: *Tá*... eletrônico, é difícil ter produtos brasileiros mesmo, mas *tá*. Vamos lá. Alimentício é muita coisa. Alimentício tem, genuinamente, muita coisa brasileira, né? Música, eu gosto muito

de música brasileira, mas eu sou muito seletivo para algumas coisas, então... eu sou muito chato para música brasileira. Tem coisa que eu não consumo de jeito nenhum, e tem coisa que eu consumo. Eu consumo samba, mas não consumo pagode. Eu consumo música sertaneja raiz, mas não consumo sertanejo universitário, entendeu? Então, eu vou mais naquelas músicas mais velhinhas do que escutar... o que chamam de *agroboys*, né? E, aí, tem muitas coisas brasileiras que a gente consome, né? O alimentício nem se fala, né? Porque é macaxeira, batata doce...

P.: Se você tivesse que colocar numa balança esses produtos brasileiros e americanos. Qual se sobressai?

E6: Brasileira, sem dúvida.

P.: Por que você decidiu ser professor de inglês?

E6: Eita... a história longa, mas, vamos lá (risos). Veja só, foi uma questão de identificação mesmo. É... Claudete... eu tenho... primeiro que, assim, eu venho de uma família, basicamente de professores, né? Eu tenho duas tias professoras, minha irmã é professora, e eu, na verdade, era mecânico de aeronave. Eu fui... a empresa que eu trabalhava faliu. E, aí, eu: “gente, o que é que eu vou fazer agora?” Eu queria ganhar dinheiro. Eu não queria depender do meu pai e da minha mãe, aí eu comecei a dar aula de inglês. E, aí, foi automático, né? Foi assim... foi identificação na hora. Então, comecei a dar aula desde então. Isso começou em 98... é... desde 98 pra cá. Na verdade, eu comecei antes de 98, mas, assim, em escola, em 98.

P.: E você pretende trabalhar nessa área a longo prazo?

E6: Sim, sim. Pretendo.

P.: Como você lida com as questões culturais americanas e brasileiras durante suas aulas? Você teve uma experiência de levar um grupo de alunos para uma visita aos EUA, né? Então, como você lida com os discursos dos alunos que falam que os EUA são melhores...?

E6: Veja, são duas situações diferentes. Essa questão dos alunos que viajaram comigo, ano passado, eles não eram alunos meus. Foram cinquenta alunos no Brasil todo, então, eu realmente conheci *eles* no dia. A gente se encontrou em Brasília. De Brasília, a gente viajou. É... mas, sim, já falei, né, que a gente chamou a atenção deles pra isso, por ser a primeira experiência deles fora. A segunda questão é a seguinte, tanto na *Easy English School*⁵⁵, quanto numa escola bilingue que eu dou aula, lá em Piedade, a gente sempre preza por trazer esses

⁵⁵ Nome fictício da instituição

elementos culturais e não comparar, na realidade, mas mostrar que são realidades diferentes. Então, os alunos são meios que treinados assim... eles, quando viajam pra... assim, aqui no caso da *Easy English School*, que são um público diferente, eles falam: “ai que massa, né? Porque Miami... porque Miami...”, como se Miami fosse a coisa mais linda do mundo, mas, enfim (risos). Mas Miami é bem ruinzinha (risos). Não, porque tem uma das líderes da gente, dos EUA, que detesta Miami (risos). Uma americana lá. Então, quando os meninos chegam falando, eu sempre mostro *pros* meninos e eu acho que eles já sabem, quando eles são meus alunos por mais de um semestre, que eu sempre vou tentar mostrar pra eles que *os EUA é massa*, mas tem o outro lado. Não é tudo sempre assim. Existe um preço que se paga para ter uma vida assim. Então, assim, não é tão simples. Você tem que trabalhar bastante, como todo mundo, não tem coisas lá que a gente tem aqui. Então, vamos valorizar. Então, assim, a gente não sabe quanto tempo isso permanece, né? A gente não sabe se, no final da aula, eles vão esquecer aquilo ali e continuar achando Miami massa ou eles vão ter essa reflexão, né? Esse incômodo, né? “ó, *perai*. Não é bem assim, não”. Mas, enfim, eu sempre tento mostrar que a cultura americana, ela vem mostrar uma coisa que é fabricada, né? A mesma coisa se você assistir uma novela brasileira, you vai achar que todo mundo tem casas daquele jeito. Você assiste uma *Malhação*, você vai achar que as escolas são daquele jeito, né? E não é por aí.

ENTREVISTA 7

P.: Qual é sua percepção sobre a cultura norte-americana e a sua língua?

E7: Eu percebo que muito do que a gente consome e reproduz aqui dentro é oriundo, querendo ou não, do padrão norte-americano de vida. O modo de vestir, modo de falar, a forma de se portar, eu vejo que muitos brasileiros, de modo geral, se moldam a partir da perspectiva norte-americana, assim. Não sei se é influência da ideia de país evoluído, de que o Brasil ainda não está nesse patamar, mas eu vejo que a cultura norte-americana, ainda, é predominante em todas as ações que os brasileiros fazem. E, também, isso se perpetua *pra* língua. Se você pensar, o inglês está no top, das cinco línguas mais faladas, mas não é à toa. Eu acho que vem arraigado com a cultura também.

P.: Quais são os produtos americanos que você consome mais?

E7: Acho que músicas. A questão da mídia, no geral mesmo. Músicas, filmes e produtos eletrônicos, também, acredito que tem essa influência. Só que, hoje em dia, a gente percebe que marcas, no geral, com a explosão desses *influencers* têm influenciado muito na compra de coisas, como, por exemplo, tal digital influencer disse que você deveria comprar tal maquiagem porque ela é boa, que ela é americana e tal. Então, tipo... querendo ou não, muita gente se pega comprando para testar e se colocar nesse lugar de: “ai, é americana, então, é bom usar”. E começa a usar. Eu já comprei muitas coisas americanas, de produtos de beleza, de cuidados de pele, por exemplo.

P.: Mas você acabou consumindo, por causa desses *influencers* ou por causa da cultura americana?

E7: Assim, de pessoas utilizando a cultura americana e vendendo material. Óbvio, que eles ganham um patrocínio com essa divulgação, mas é, tipo, pessoas do Brasil, e, às vezes, também, *influencers* americanos, mas que... principalmente os brasileiros, utilizam desse discurso que a cultura americana que é melhor e que deixa bem a pele. Tipo, faz a gente comprar, querendo ou não.

P.: Você acredita ter hábitos americanos por consumir produtos originados neste país?

E7: Acho que não chegaria a tanto, mas acredito que a repetição de hábitos, por exemplo, pelo fato de consumir muita música americana, eu me vejo falando gírias americanas e, por exemplo, ao comprar roupas de marcas americanas, querendo ou não, você vai se imaginando vestindo o

look mais americano, por exemplo. Acho que não chega uma autovisão que sou um americano, agora, mas tenho comportamento e hábitos que vieram de lá.

P.: E você acha que os EUA são um modelo de país a ser seguido por outros países?

E7: Ai... é uma pergunta complicada, essa (risos). Mas eu acho que... eu nunca parei para pensar nisso, que os EUA devem ser modelos a ser seguido por outros países, porque eu acho que tem tanto aspecto envolvido. Minha resposta vai ser não, porque acho que tira os EUA desse lugar de hegemonia, de... o país ser seguido. O modelo unânime de que todos os países têm que ser assim, porque, querendo ou não, a gente descredita a cultura dos outros países. Os EUA podem ser melhor em aspecto, sei lá, de economia, ou em aspectos específicos, né? Mas acho que pegar ele, como um todo, e ter ele como modelo, acho muito radical.

P.: Teria algum aspecto negativo, no país, que você acha que não deve ser seguido?

E7: Exato. Para colocar um país como modelo *pros* outros, eu acho uma sentença muito forte. E que você deve seguir aquele país com erros e com acertos, mas tem que ser igual àquele. Usar como molde. Então, acho que não.

P.: Mas, então, quais seriam os aspectos negativos, já que eles têm uma grande expressão cultural, econômica...?

E7: Eu acredito que a forma que os EUA impõem essa ideia, sei lá, é meio totalitária. Acho que a política dos EUA tem suas falhas, tem suas brechinhas, assim como, no Brasil, também tem, mas já que é *pra* citar a de lá... Ao meu ver, a política precisa ser melhorada, a forma de lidar com as decisões que afetam como um todo, deve ser mais aprimorada. Outro aspecto, acho que é mais humanitário mesmo. E tem uma grande influência, tradicionalista, dos EUA, e que, pode ver, que socialmente falando, tem muita coisa arraigada, por exemplo, questões que diz respeito a racismo e preconceito mesmo e das raízes mesmo. Eu acho que isso é o que é perpetuado a cada ano, a cada ciclo cultural novo, é o que ainda permanece nos EUA. Eu vejo que é muito forte mesmo.

P.: Você já teve a experiência de morar nos EUA?

E7: Não, não. Nunca tive.

P.: Mas como você imagina que poderia ser, caso você tenha um plano ou um interesse de visitar o país?

E7: Eu acredito que seria bem clichê (risos), no sentido de... por exemplo, aqueles pacotes de viagem, onde o foco vai ser só naquelas coisas bonitas e pontos turísticos e, por exemplo, visitar os lugares mais atrativos da cidade. E, realmente, maquiari, eu acho até que partiria de mim também. Eu acho que eu não iria querer ver o pior dos EUA. Acredito que seria uma coisa mais voltada pra passeio, sei lá, conhecer Orlando, a Disney e os musicais da *Broadway*, então, que seria mesmo de turismo, assim.

P.: Mesmo você não tendo tido a experiência de ter morado no país, mas pelo o que você vê, o que é exposto aqui, no Brasil, da questão cultural, política, econômica dos EUA, quando você vê tudo isso e compara ao nosso país, o que é que sobressai de diferença entre esses dois países que te chama a atenção?

E7: Chama atenção em qual sentido, assim? Pro Brasil se sobressair ou os EUA se sobressair? Ou os dois (risos)?

P.: Pode ser os dois, sim. E quais seriam?

E7: *Okay*. Pelo fato da minha nacionalidade de ser brasileiro, então, já tem uma sardinha para puxar pro lado de cá, assim. Eu gosto muito da nossa cultura (risos). Eu gosto muito da forma de vida que é muito mais pé no chão e, apesar dos recortes atual do país, não está um dos melhores, nos termos sociais e políticos, mas acredito que o Brasil tem, assim, um calor que é o que todo mundo fala quando viaja e quando vem pra cá visitar, que é bem mais intimista, assim, de ter mais esse contato. E acho que isso se sobressai em relação aos EUA, na questão do Brasil. E os EUA vêm na contramão, porque ele não usa esse quê intimista, ele vai do oposto. Ele vai do macro, assim. Ofertar as grandezas. “Ah... mas a economia está boa”, “ah... mas a gente tem avanços nisso”, eu acho que o que sobressai de lá é questão de tudo que eles já conseguiram, estão fazendo, estão expandindo. E eu acho que o Brasil nunca é visto como... nas pesquisas, ele é bem mais notado, mas outros aspectos são mais essas questões do subjetivismo, do contato mesmo, do humano.

P.: Então, se eu entendi bem. É como se os EUA se saíssem bem na área tecnológica, e o Brasil nas questões de relações pessoais?

E7: Isso. Isso. Exato.

P.: Qual é a sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E7: *Eita* lá... (risos). Cultura brasileira, eu amo muito, assim, porque eu vejo como se fosse várias culturas dentro de uma só. Se você parar para pensar, dentro do Brasil, então, cada

recorte, até falando da cidade que você mora, tem várias mini culturas, sei lá, mini construções culturais que compõem, acho que o grande espectro cultural que é o Brasil. Então, é uma nação multicultural mesmo. Já começa, assim, nessa miscigenação de raças e, eu acho que é muito isso que eu falei na outra pergunta, tem essa coisa da inter-relação pessoal, que é muito de contato, de mano a mano. Eu vejo que isso se sobressai, na língua portuguesa, por exemplo, eu não sou nenhum amigo da língua portuguesa, inclusive, eu era muito ruim na época do colegial. Mas a língua em si é composta de várias variações aqui dentro, justamente por causa disso. A gíria, os maneirismos, a forma que ela é passada. Então, tem o aspecto chato dela, daquela coisa da gramática, decifrando mesmo pedacinho por pedacinho aquela frase, mas temos o aspecto comunicativo que eu acho massa, assim. De sotaque, de gírias, da forma que ela é passada aqui dentro.

P.: E você consome produtos brasileiros, como filmes, músicas, produtos eletrônicos, alimentícios?

E7: Acredito que nessa parte midiática, eu consumo mais vídeos. A música não muito. Não é muito da minha prática de ouvir música brasileira, mas acho que vídeos e marcas, no geral, de consumo, assim. Do dia a dia, comida, roupa, é a questão de sobrevivência mesmo do dia a dia, eu consumo mais produtos nacionais.

P.: E se você colocar numa balança os produtos brasileiros e os produtos americanos, quais se sobressaem?

E7: Os americanos. Acho que eu tenho muito mais. Minha adesão é maior.

P.: Por que você decidiu ser professor de inglês? Você pretende continuar trabalhando nessa área a longo prazo?

E7: Eu decidi por questão de sobrevivência mesmo, no início, antes, era uma forma de me sustentar e apenas isso. Mas, aí, inclusive, era até discurso meu de... quando eu conseguir uma grana, quando eu tiver uma outra visão, eu saio e vou fazer outra coisa que eu queira. Só que, aí, tipo, o discurso foi se quebrando e, agora, é algo que eu gosto, que eu faço porque gosto, mas não mais para sobreviver apenas. Então, é minha fonte de renda. E eu escolhi, porque eu me identifico muito com a prática do ensino de inglês e pretendo, sim, manter a longo prazo. Apesar da minha formação ser outra área, eu quero poder juntar as duas o máximo que der, e, tipo, o máximo que der e puder.

P.: E por que você decidiu estudar a língua inglesa?

E7: Acho que, *pra* ser professor, teria que ter essa parte do preciso me manter sempre estudando a língua, querendo ou não, para preparar uma aula, compreender o assunto e se aprofundar, tirar dúvidas etc. Construir esse conhecimento com o aluno, mas acho que é mais no sentido de... não... acho que nesse aspecto mesmo... calma, deixa eu organizar minhas ideias. Acho que, inicialmente, todo professor deve estudar a língua para poder passar da melhor forma esse conhecimento e, segundo, acho que é para me tirar desse lugar de leigo pra saber da melhor forma possível e não me sentir leigo nela.

P.: Entendo. Mas o que te chamou atenção, a princípio, dos estudos da língua? Quando você começou a ter aulas de inglês, foi pensando na carreira de ser professor de inglês ou por outra razão?

E7: Foi já na intenção de ensinar mesmo, aprimorar o pouco que eu tinha, por contato de filme, séries e músicas, não, aí, eu pensei: “não, eu tenho que aprimorar para entrar no mundo do ensino”.

P.: Como você lida com as questões culturais americanas e brasileiras durante suas aulas?

E7: Acaba sendo inevitável, né? Eles sempre vão trazer, tanto pela faixa etária quanto pela vivência deles, um exemplo de viagem, é impossível eles não voltarem trazendo tudo de melhor e por que é melhor dessa viagem, por que é melhor do que aqui. E isso me replica em tanta coisa, em exercícios, quando você diz: “escolha um país ou escolha uma nacionalidade”, nunca o Brasil é escolhido nessas atividades. Raramente acontece. E sempre volta pro universo americano mesmo, no máximo, puxa, assim, pro Canadá, Londres, mesmo. Sempre é EUA, Nova Iorque, Los Angeles... eles sempre trazem isso. Eu vejo como uma forma de influência mesmo, do dia a dia. Então, a Internet está repleta de influência de coisas americanas e, em casa, eles também têm esse discurso das famílias, direta ou indiretamente, seja por um produto, seja por um *iPhone*... “ah... é um produto *Apple*, porque é americano e foi Steve Jobs quem fez”. Então, isso chega na sala, de alguma forma, e acho que... que tem que ouvir, né?... esse discurso, porque não está errado, de certa forma, é a forma como ele está sendo influenciado e tá vendo... isso. Mas, ao mesmo tempo, tentar, sei lá, abrir a mais o leque de possibilidades, pra não passar essa ideia, sei lá, de reafirmar esse dia de que apenas a cultura americana é a digerível, a que deve ser digerível em sala.

ENTREVISTA 8

P.: Qual é sua percepção sobre a cultura norte-americana e a sua língua?

E8: Bom, o inglês... a língua inglesa, né, é a língua mais falada, assim, pelos os que não são de língua inglesa, no caso, né? É claro que esse fato, vem de uma questão econômica, uma questão de poder político e econômico. O que eu vejo, em questão da cultura americana em si, é que ela é presente demais, sabe? Você saber inglês, hoje em dia, é essencial se você quer expandir seus horizontes, seus conhecimentos, sua capacidade de... enfim, de adquirir conhecimento mesmo. Mas... e de viajar e de se comunicar com mais gente, né? Mas, em relação à cultura americana primeiro, porque eu acho que existe um estereótipo muito grande sobre o que é a cultura americana, porque, na verdade, os EUA são um país muito grande, né? E a gente tem uma ideia de cultura americana que é o que é vendida e a gente consome sem nem perceber. Eu acho, assim, o que eles têm é um poder muito grande, né? É muito presente, demais, assim. Eu não sei se entendi bem essa pergunta, se era isso mesmo.

P.: O estereótipo que você mencionou. Você poderia exemplificar que estereótipo seria esse?

E8: Eu acho que tem várias coisas, por exemplo, é... quando a gente pensa em esportes, quem pensa no Brasil, pensa em futebol; quem pensa nos EUA, pensa em beisebol, futebol americano, basquete e não está errado, né? Como, no Brasil, também, não está errado você pensar, também, que é... futebol é o esporte mais popular. É comida... é de você pensar, comida americana é... hamburger, batata frita, *junk food*, essas coisas, mas tem tantos estados com culinária tão própria, sabe? Eu gosto muito de assistir programa de culinária e, aí, eu vejo assim, estados do Sul, sei lá, lugares como New Orleans que tem... é uma cultura muito influenciada pela francesa, e a comida é diferente, a música é diferente. Então, até em questão de música, aí, você pensa, música pop, rock ou... é engraçado que a gente fala música internacional e pensa que tem que ser em inglês, né? Então, na verdade, eu nem sei, eu nunca estive nos EUA, na verdade. Então, eu acho que quando se pensa nos EUA, a gente pensa em Nova Iorque e Miami, mas tem tanta coisa ali no meio que a gente não... não sabe. Eu acho que é mais esse estereótipo, assim, e o estereótipo de que tudo lá é bom. Tudo lá é melhor, sabe? Melhor do que aqui, porque “eles têm mais, porque eles sabem mais, porque eles têm mais dinheiro, porque eles isso e aquilo”, então, eu acho que é o estereótipo que me incomoda, digamos assim, sabe? De que lá, tudo é melhor.

P.: Quais os produtos norte-americanos que você consome mais?

E8: Vixe... tudo (risos). Muita música. Muito... é... a maioria, né? Que a maior parte é de fora, não é brasileira, é de lá. Então, música, filme, série, muita série... é... comida, eu diria que o que a gente consome aqui é igual, o que a gente também come aqui e tal, que a gente associa com americano.

P.: Como *fast food*, essas coisas, né?

E8: É. Exato. Não por ser americano, né? Mas porque eu gosto mesmo, mas essa coisa assim... música, filme e série, eu acho que eu consumo mais, que é americano, assim. Porque mesmo essas coisas de marca, de eletrônico e roupa, não é uma coisa que me... que assim... que eu tenha uma preferência nem nada.

P.: E você acredita ter hábitos norte-americanos por consumir estes produtos?

E8: Rapaz... eu não sei. Eu nunca parei para pensar nisso. Eu acho, assim, a maior influência é de como eu falo inglês. Embora, eu não tenha morado lá, eu não tenha... enfim, na verdade, eu nunca morei fora, mas, como desde a adolescência o que eu consumo é quase tudo americano, a principal influência é de como eu falo, as gírias, essas coisas, é bem americano. Em relação a comportamento, eu acho que, quando eu era adolescente, era mais forte. Então, essa coisa da música, gostava muito de rock, as roupas, queria porque queria usar *All Star*, sabe? A minha mãe dizia que era tênis de menino, aí eu dizia: “não, mas todo mundo usa”, sabe, nos EUA, sei lá. Hoje em dia, eu acho que não. Até quando eu era adolescente, por exemplo, eu queria comer cereal de manhã (risos), e eu achava que eu tinha que comer cereal de manhã, ninguém comia cereal na minha casa, mas eu achava que eu queria comer cereal de manhã, sabe? Agora, hoje em dia, eu não tenho muita ilusão, não, em relação a isso. Então, eu não sei... até essa questão, por exemplo, de alimentação... Eu tenho alguns amigos americanos, né? Uma amiga minha, recentemente, casou lá nos EUA, e ela fala: “ah... o povo almoça um sanduichzinho”, sabe? Isso eu não consigo, então, hábitos alimentares e tal, eu acho que não me influenciam, não. Eu acho que a maior influência é na maneira como eu falo inglês e na maneira até como você pensa, às vezes, né? Em relação à língua, em estrutura de língua, a pronúncia, não sei o quê. É o padrão que eu sigo, né? Assim, de pronúncia, de expressões e tal, mas, fora isso, eu não consigo imaginar uma influência maior, não. Hoje em dia, né?

P.: Você acha que os EUA são um modelo de país a ser seguido por outros países?

E8: Não (risos). Não, porque... Assim, não em tudo, né? Talvez algumas coisas, sim, é... Não, porque eu acho que, por exemplo, saúde. Uma coisa que a gente está vivendo agora (pandemia),

saúde pública. Então, por mais que... eles defendam sua liberdade... Isso que eu acho muito legal, você ter liberdade de expressão. Enfim, tem que ter pontos negativos e pontos positivos. Eu acho que uma coisa a se seguir é a questão de liberdade de imprensa, sabe. Eu acho que lá, sabe... porque eu sei que não há imprensa, é... sem ser tendenciosa, como é que se fala?

P.: Neutra.

E8: Isso. Neutra. Mas eles têm uma liberdade muito clara de dizer assim: “eu sou a favor disso, sou a favor daquilo”, mesmo sendo um veículo de imprensa, e trabalhar daquela forma, sabe? Eles podem investigar coisas, divulgar coisas, é... sem sofrer uma repressão, digamos assim, por parte de... talvez não tão forte, né? Tô falando o que chega aqui, né? Vai saber? Talvez não tão forte, por empresas, por empresários, sabe? Que aqui os veículos de imprensa, a maioria são... assim, de empresários, né? São pessoas que são donas de outras coisas e elas têm interesses próprios. Então, não é um serviço a favor do povo, sabe? Então, isso é um modelo a ser seguido, assim, em relação aos EUA. Essa liberdade de expressão e de imprensa, sabe, mas outras questões, tipo, saúde pública, não é uma coisa que... lá tudo é pago. Então, eu já não acho que é um modelo certo. Um modelo viável. É... tem muita coisa que a gente... assim, tem muita coisa que a gente não sabe, na verdade, tem muita coisa que não chega aqui, né? Então, outro dia, eu *tava* dando uma aula que era sobre uma pessoa sem teto e até essa ideia de sem teto é um pouco diferente daqui. Lá, a pessoa pode morar no carro dela, né? Lá, ela é considerada sem teto, mesmo que ela tenha um carro e um lugar e tal, mas me aparece que essas pessoas têm um pouco mais de assistência, não necessariamente financeira, né? Mas abrigo ou lugar para tomar banho, lugar para comer, do que aqui. Também não sei se é um estereótipo ou uma generalização, mas eu não acho que é um modelo ideal de país, porque eles... não priorizam, assim, nem saúde pública, nem... sabe... nem... e se envolvem em conflitos demais. Conflitos demais (risos). Eles deviam ficar na deles. Querem mandar em todo mundo, né? Então, a todo custo, então, não acho que é um modelo a ser seguido, não.

P.: Você já mencionou que nunca morou fora do país, não é? Mas eu gostaria de saber, como você imagina que pode ser a vida de um cidadão norte-americano no quesito social, na questão econômica, no dia a dia, compras, saneamento, entretenimento...

E8: Eu acho que, no geral, na questão de infraestrutura, parece melhor, parece boa, né? Talvez melhor do que aqui, nas áreas mais pobres, por exemplo. É... eu acho que depende muito da região, como eu falei, né? É um lugar muito grande. Então, depende muito da região, por exemplo, um centro urbano muito grande, eu acho que as pessoas seriam mais frias, seria uma

coisa meio São Paulo, assim, é viver pra trabalhar, sabe? Viver pra trabalhar, é... e tal. Já em um lugar mais ali, no meio, no meio do interior, no interior dos EUA, dizem que as pessoas são mais amigáveis e ajudam mais você, são muito solidárias, esse tipo de coisa. Então, eu acho que em relação ao comportamento das pessoas, assim, da relação interpessoal, ia depender muito da região, da cidade que você está. Mas eu acho que estrutura, tem uma estrutura boa, né? Eu acho que teria, né, assim, uma estrutura boa. E... uma coisa que eu acho que acontece lá, que não acontece aqui, é que você pode viver, você pode não ter uma vida luxuosa, mas você consegue viver, mesmo tendo um emprego simples, digamos. Mesmo não tendo uma faculdade, entendeu? É... ganhando um salário mínimo, digamos, porque lá, por lá, eles ganham por hora, né? Então, assim... você tem como viver, sabe? E você tem como viver... e eu acho tão legal essa coisa da independência entre aspas, do pessoal que sai do colégio e vai pra faculdade em outro estado, já começa a se virar, sabe? Então, eu acho que seria bom em relação à estrutura, em relação a possibilidades, não necessariamente de carreira, né? Principalmente você sendo estrangeiro, dependendo do que você faz, é complicado você ter uma carreira bem sucedida, né? Mas em relação a emprego... embora a situação lá não esteja muito boa, mas acho que você consegue trabalhar. Trabalhar e viver de uma maneira digna. É o que me parece. Eu ia falar outra coisa que eu esqueci... sobreviver, emprego... ah... mas, por outro lado, eu acho que sendo imigrante, também, dependendo de onde você está morando, você iria sofrer muito mais.

P.: Sofrer?

E8: Sofrer preconceito por ser imigrante, por ser brasileiro. Enfim... Então, eu penso assim: “ah, se eu fosse morar nos EUA, eu acho que a carga... essa carga iria ser muito pesada, sabe? De ser um imigrante lá, principalmente hoje em dia.

P.: Hoje em dia, por causa do governo atual?

E8: Por causa do governo. Trump, essas coisas.

P.: Por causa das mudanças de lei para os imigrantes no governo atual?

E8: Eu acho que não seria totalmente diferente, não. Até porque é uma questão cultural, que não apareceu agora com esse governo, entendeu? Mas... o governo piora, porque permite que as pessoas exerçam seus preconceitos, digamos assim, né? As pessoas que já tinham esse preconceito... é meio o que acontece no Brasil, hoje em dia. Então, as pessoas que já tinham aqueles preconceitos, já eram contra imigrantes, não sei o quê, meio como se elas tivessem uma carta pra dizer assim: “oh... tá vendo que não é pra você tá aqui?!” Mas eu não acho que seria

diferente sendo outro governo, não. Talvez... porque a questão é cultural, assim, né? É social mesmo. O de sempre. Sempre houve histórias de preconceito contra imigrantes, então...

P.: O que você acha que seria diferente, no cotidiano, nos EUA e no Brasil?

E8: Na verdade, eu acho que muita coisa é parecida por serem países muito grandes, sabe? Como regiões tão diversas. Então, na questão linguística, você tem um território gigante, que fala a mesma língua, como o Brasil, né? E com uma variedade imensa de sotaques e expressões próprias e tal, que são muito parecidos. Talvez o preconceito seja igual (risos), assim, com alguns sotaques, algumas regiões, a gente sabe, né? É... deixa eu ver... eu acho que a principal diferença é essa do trabalho e de você seguir... ter uma vida digna, sabe? Com vários tipos de trabalho e não só... eu acho que é mais fácil você ter moradia, assim... como eu falei, pode não ser de luxo, mas você consegue, assim, se virar. Você consegue se virar melhor lá. Eu acho que... o sistema político é bem diferente, né? E eu acho que eles parecem... é... como é que eu posso dizer... eles parecem mais cuidadosos, nessa questão de corrupção, sabe? Eu acho que, no Brasil, meio que, meu Deus do céu, para você ser um político, você tem que ser um corrupto! Eu acho que, lá, a forma como a política é organizada, eu também não entendo muito bem, não, mas a forma como a política é organizada... é... trava um pouco mais essa questão de corrupção e de autoritarismo, mesmo. Uma coisa que é diferente é a questão da votação, porque eles não são obrigados a votar, né? E aqui nós somos e não sei dizer se é uma coisa boa ou ruim, mas é uma coisa que eu vejo como diferente. E eu acho que os hábitos alimentares são diferentes também. Embora eu tenha falado das questões das regiões lá, não sei o quê, mas eu acho que, aqui, a gente come melhor (risos). Eu acho que o brasileiro é mais saudável nesse sentido, sabe? Não necessariamente por hábitos, mas pelas comidas que a gente tem mesmo, e a questão do clima que eu acho que o clima também influencia nos comportamentos das pessoas, assim. Eu acho, por mais que mude nos outros estados. Por exemplo, a gente não tem neve como tem nos EUA, sabe? Isso muda a rotina das pessoas, né? Isso muda em relação à cidade, o que você tenta fazer, *hobby* e tal. Uma coisa que foi diferente, foi um amigo que me falou, ele passou um ano estudando lá...

P.: Ele é brasileiro?

E8: Brasileiro. Brasileiro, e ele passou fazendo um ano parte do doutorado dele lá, em engenharia. E ele disse que uma das coisas que mais chamou atenção é que todo mundo tem

um *hobby*, sabe? Um *hobby* não é assim: “ah... eu assisto filmes”, não, é um, tipo, passatempo. É um *hobby* mesmo. Uma atividade que a pessoa faz, que não é relacionada ao trabalho. Isso que eu acho que é uma das diferenças culturais maiores, assim. De tudo que eu pensei que é diferente, porque ele disse que você tem que ter um momento para fazer outra coisa que não é trabalho, sabe? E produzir alguma coisa mesmo. Então, tem gente que, por exemplo, tem gente que dança e dança não é só aula de dança, mas se apresenta; tem gente que faz o artesanato e vai vender o artesanato ou vai dar, sei lá o quê. Todo mundo tem um *hobby*, e ele disse que quando ele chegou lá, todo mundo perguntou: “Qual é seu *hobby*?” Em todo tipo de seleção, assim, as pessoas perguntam qual é o seu *hobby*, e ele disse: “ah... eu vejo filmes, eu vejo séries” e, aí, eles disseram: “ah... mas isso não é hobby. Você não tá fazendo nada”. E, aí, é interessante. Eu fiquei pensando muito nisso, porque eu vivo dizendo que tenho *hobbies*, mas, para eles não é *hobby*. Então, assim, eu não sei se é uma questão de que eles estão tão envolvidos no trabalho e eles precisam ter uma coisa *pra* parar, tá entendendo? E a gente é diferente nisso, porque a gente consegue se divertir com qualquer coisa (risos), porque brasileiro é assim, quando se junta já está se divertindo, entendeu? Enfim, eu acho que é isso aí. Essa diferença de cultura é bem forte.

P.: Mas, só para finalizar essa pergunta, você acha que essa diferença é positiva ou negativa?

E8: Eu acho que toda diferença é positiva, sabe? Eu acho que é positivo que não seja tudo igual. Então, é... como eu falei, os brasileiros não têm essa cultura de *hobby* como tem lá, mas eu não sei, necessariamente, se isso é uma coisa negativa, porque, talvez, o fato deles terem um *hobby* é uma coisa negativa. Eu não sei dizer. Eu acho que a diferença é mais positiva do que negativa.

P.: Qual é a sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E8: Da cultura brasileira... eu também acho que o estereótipo, também, é muito forte, né? Assim, da cultura. Então... até *pra* gente mesmo. Não é só *pra* quem tá de fora. Então, alguém daqui de Pernambuco, se você pensar das comidas que a gente tem, os tipos de músicas... minha gente, são muitos tipos de música que tem aqui, em Pernambuco! Então, assim, você tem frevo, tem maracatu, tem coco, tem... é muita... tem coisa que eu nem conheço, na verdade. É, tem mangue, mangue *beat*, não sei o quê. É uma riqueza tão grande e tanta gente, no Brasil, não sabe disso. Porque a gente segue, meio que um padrão, que é um padrão estabelecido pela televisão. Então, o sotaque que é normal é o que tá na novela, né? O comportamento normal é

o que *tá* na novela. O comportamento normal é o comum, assim, né? A referência normal é o que *tá* na televisão, e eu acho que o próprio país não se conhece bem, sabe? Eu acho que as pessoas não viajam muito entre as regiões e, quando elas viajam, elas vão *pra* praia. É a praia, sabe? Então, eu acho que é muito rico, culturalmente e linguisticamente, eu acho que muita gente não tem noção dessa riqueza.

P.: Você consome produtos brasileiros?

E8: Sim. Principalmente música e filme. Eu vejo muito filme brasileiro. Muito mesmo (risos).

P.: Se você tivesse que colocar numa balança o consumo dos produtos brasileiros e dos produtos americanos, qual se sobressai?

E8: Ah... norte-americano. Com certeza (risos). Como eu falei, eu acho que pela quantidade que chega na gente também. Então, se *tu abrir* o Netflix, é... a quantidade de filme brasileiro que tem, nem se compara o próprio cinema, né? A programação do cinema. Você... quando a gente puder ir *pro* cinema de novo, é... às vezes, tem uma sessão esquisita, de um filme brasileiro que você não ouviu falar, mas *tá* lá. Então, a não ser os cinemas menores, como a Fundação, aqui, até o ETC, eu acho ali... mas, principalmente no cinema da Fundação. Até porque eu acho que eles têm uma obrigação de mostrar filmes brasileiros, mas eu acho que, pela quantidade, mas, definitivamente, o valor de coisa americana é maior. O de música também.

P.: E por que você decidiu ser professora de inglês e se pretende continuar trabalhando nessa área a longo prazo?

E8: Pretendo. Eu decidi, porque eu gostava de inglês mesmo (risos), porque eu comecei a estudar inglês, porque eu ouvia músicas em inglês. Então, o meu pai queria que eu estudasse desde cedo, só que eu não queria. Eu não gostava, eu dizia: “não, não quero estudar inglês. Vai perder seu dinheiro”. Só que, aí, quando eu fiz doze anos, eu comecei a ouvir uma banda de fora e tal, aí eu disse: “ah... agora, eu quero. Não *tô* entendendo nada, não consigo cantar, não consigo ler a letra. Então, agora, eu quero”. Foi por gosto mesmo. Por causa de música, comecei a estudar inglês e descobri que eu tinha muita facilidade, muita facilidade mesmo. Eu digo que é a única coisa que eu sei fazer, mas... (risos) foi uma coisa ótima. Então, muita facilidade.

Tenho facilidade com línguas, em geral. É... cheguei a estudar alguns idiomas um pouquinho, mas o inglês... na verdade, não foi muito que natural, porque, quando eu estudava, eu não pensava: “ah... vou fazer letras”, sabe? “Vou ser professora de inglês”. Eu pensava assim: eu posso ser se eu quiser. Até porque não tinha essa exigência, como ainda não tem em vários lugares, de você ter um curso de letras para você ser professor de inglês num curso. Na escola, sim, mas num curso, não. Então, assim, quando eu fiz vestibular a primeira vez, eu até pensei em fazer letras, mas não foi minha primeira escolha, porque eu achava que era uma coisa, assim, de *hobby*. Do tipo: “ah... só porque eu gosto, eu vou fazer *pra* ser o quê? Professora, sabe?” Mas a ideia de ensinar, também, não era uma coisa que eu descartava, não. Então, eu estudei administração um tempo, estudei na UPE, mas eu vi que não era *pra* mim. Não gostava e não tinha o perfil. Meu perfil era mais trabalhar com línguas e com gente, mas não de uma forma competitiva, sabe? Eu digo que virei professora pra saber da vida dos outros, porque eu adoro (risos). Se eu não fosse professora, eu seria psicóloga. Eu sempre dei aula em curso, nunca dei aula em escola. Mas eu sempre gostei do curso, mesmo assim.

P.: Como você lida com as questões culturais americanas e brasileiras durante suas aulas?

E8: Eu acho que o meu papel... e que deveria ser o papel do professor, aqui... professor em qualquer canto, né? Mas é tentar tirar o aluno da bolha que ele vive. Então, tudo bem que foi uma experiência incrível, mas esse aluno, ele não para *pra* pensar que o que ele vive, aqui, também é incrível, sabe? Ou também poderia ser incrível, ou que é tão incrível quanto. E que algumas coisas, de fato, são melhores e outras, não. Assim, a gente tem, lá no curso, né? A gente precisa... é... até porque é um centro binacional, então, a gente... a gente trabalha, realmente, junto com a cultura americana, né? Mas uma coisa que eu sempre tento fazer é levar... não sempre, porque não tem muito a ver, mas da mesma forma que a gente fala da cultura, dos feriados, né, enfim, coisas mais marcantes, datas comemorativas, enfim... dos EUA, você tem que estar sempre: “ah... mas, no Brasil, o que é que a gente tem?”, sabe? Tentar sempre trazer essa visão local, também, *pra* não deixar de lado. Eu acho que a gente deve falar do que tem aqui também. Eu acho que meu papel, de como eu lido com isso, é tentando fazer eles entenderem que não é porque eles são uma cultura dominante; porque é o que é, né? A americana. Não é porque é uma cultura dominante que é melhor sempre. Então, como eu tento lidar é fazer com que os alunos percebam, né? O que tem aqui também. Que tem na cultura brasileira também. E, na verdade, o perfil dos alunos do curso onde eu trabalho é... um perfil de classe média e classe média alta, classe média bem alta, então... uma coisa que a gente tenta

fazer é... pelo menos aqueles professores mais próximos, que eu troco muita ideia, é... que esses meninos, também, possam perceber a realidade brasileira, que não é a realidade deles, né? Eles estão, assim, lá no topo da pirâmide, né? Embora eles convivam só com aquelas pessoas, no colégio, com a família, em casa, não sei o quê, é... embora não... como eles só convivem, a maior parte, com esse tipo de gente, eles acham que aquilo é a realidade brasileira; não é. Na verdade, é o oposto. Eu devo fazer isso, sabe? Como a gente trabalha muito com o pensamento crítico, mesmo nas aulas de inglês, que a gente trabalha muito lá com as habilidades do século 21, então, eu acho que a maneira de lidar é essa. É você... é a gente, assim... tentando fazer com que eles percebam, levando material, levantando discussões, levantando questões pra que eles usem o inglês, claro, mas que pensem, também, que existe uma vida muito diferente fora da realidade social dele, sabe? Que existe um Brasil que não tem uma condição de moradia de... enfim... de alimentação, de tanta coisa, de hábitos, dos *hobbies*, é... que eles têm, né?

ENTREVISTA 9

P.: Qual é a sua percepção sobre a cultura norte-americana e a língua inglesa?

E9: Eu acho que quando a gente fala sempre: “ah... que tipo de música você gosta de ouvir?”, você já pensa em música internacional, que, geralmente, é música americana. Então, eu acho que a cultura americana está muito relacionada com essa questão da... música, dos videoclipes, de letras de música... então, eu acho que se eu fosse resumir a conexão entre língua inglesa e a cultura americana, seria a mais nessa questão de música. Lógico que a gente também não pode deixar de... dispensar... essa questão de seriado e filme, principalmente filmes, eu diria, porque que os filmes têm a questão de Hollywood. É... é o povo o tempo todo querendo morar em Los Angeles, porque quer ser ator, quer ser cantor, e produtor de música... Então, essa questão... essa indústria, tanto da música quanto de filme, eu acho que ela é... dá uma resumida. A questão de gastronomia, de outras questões de cultura americana, ela... *okay*... é icônico? É. É muito mais essa questão de música e filme, eu diria. Eu nem diria a questão de série, porque série, hoje em dia, porque ela está mais globalizada. Quando você pensa em séries, você pensa em séries britânicas, coreanas... Então, se eu fosse realmente resumir essa questão da língua inglesa e da cultura americana, eu diria mais esse *punch* que tem as músicas e os filmes.

P.: Quais são os produtos americanos que você consome mais?

E9: Eu não sou uma pessoa muito de filme, então, mesmo tendo citado filme, eu não assisto muito, mas eu gosto muito de música. Então, eu tô o tempo todo ouvindo música e *reality shows* relacionados à música. Então, de cultura... por exemplo, *American Idol*, que é um dos primeiros *reality shows* de música, é americano, mesmo tendo sido criado por um britânico, mas foi, primeiramente, fundado nessa cultura americana, e música é o *Spotify* o tempo inteiro e *Youtube* também, que são, basicamente, ouvindo músicas americanas. Ultimamente, eu tenho seguido muitos... é... cantores independentes... então, são todos ali muito de Los Angeles. Então, a maioria está lá, e eu sempre gosto de ver essa questão do... “ah... tô escrevendo, sou *songwriter*...”, estou fazendo upload em *Spotify* e outros *streaming services*, é... mas, basicamente, o que eu consumo é música americana. Meu computador é um *HP*, mas eu não sei de onde ele vem, mas eu imagino que seja de uma empresa americana, mas o meu celular, eu tenho o *iPhone*, o meu relógio que também é da *Apple*, que também é de Nova Iorque. Ah... marcas, eu também posso citar *McDonald's* e *Burger King*, que são paixões minhas. O que

mais... acho que *websites*, também, muita coisa americana, principalmente nessa época (pandemia).

P.: E você acredita ter hábitos norte-americanos por consumir produtos originados nesse país?

E9: Sim. Trazendo mais nessa questão da língua, eu acho que é inevitável a gente consumir, qualquer produto que seja, e você não ter esses maneirismos, essa... se eu ouço muita música, então, eu, por exemplo, eu tenho escrito músicas, essas músicas são muito em inglês. Então, essa coisa acaba me influenciando nisso. Numa coisa mais dia a dia, vamos dizer, lógico, as expressões que eu vejo em séries; roupas que a gente acaba vendo aqui e ali, acaba usando, então, são empresas que têm loja, por exemplo, a gente vai querer usar, sim, essa questão da cultura. Eu sempre fui, ou eu sempre me julguei, muito americanizado, porque, como eu aprendi inglês sozinho, o meu... a minha fonte de língua foi a partir de séries, principalmente, de Friends e de música americana, então, o que eu chamava de música internacional e o que muita gente chama de música internacional. Então, como essas questões foram as minhas fontes de aprendizado da língua, então, a gente acaba puxando muito mais... não só a questão da língua, mas dos *accents*, do maneirismo, quando você fala alguma coisa... então, acaba, o que eu acho impossível, que você consome música americana e não tem o trejeito, a expressão ou o maneirismo que eles têm e que acabam tendo.

P.: Você acredita que os EUA são um modelo de país a ser seguido por outros países?

E9: *Deixa eu pensar...* se eu acho que é um modelo... eu acho que tem muito os prós e os contra, né? Mas, no final das contas, eu queria mencionar essa questão de... ser tudo muito... e o trabalho sem parar e, aí, a música e propaganda e você está sendo bombardeado por propaganda, por músicas, por séries novas, por ícones novos, *youtubers*, *influencers*, que são dos EUA, é... mas, ao mesmo tempo, eu acho que tem um limite, entendeu? Então, se um dia o Brasil quiser produzir tanto quanto, ou quiser exportar tanto quanto, eu acho que vai acabar sendo uma coisa muito artificial, que eu acho, não sei se é um julgamento errado, por ser essa produção tão forte e tão... contínua, eu acho que acaba sendo uma visão que a gente tem, muito artificial. No sentido de, é tudo muito mecanizado, é tudo muito produzido, não é muito genuíno, não sei se tô conseguindo me fazer claro. Mas, por exemplo, se eu tenho uma música que ela bombou de um dia pro outro, ela foi feita lá em Los Angeles, e ela tem um *plunk*, que é o que está nas músicas pop, então, todo mundo vai fazer isso. Então, se, nos EUA, todo mundo que está ali

em Los Angeles, que tem muitos *songwriters*, muitos *singers* e estão fazendo a mesma coisa, a gente vai receber a mesma coisa, se a gente faz isso. Por exemplo, se Anitta lança uma música que tem um violão e todo mundo quiser fazer o violão, eu acho que não vai dar muito certo. A gente vai acabar perdendo a essência do que é... porque, por exemplo, o Brasil é um país continental. Então, se a gente começa a seguir os passos dos americanos, dos estadunidenses, vamos dizer, eu acho que a gente vai perder muito a originalidade. Nesse sentido, eu acho que ele não pode ser um exemplo a seguir, nessa questão de: eu faço, todos ao meu redor vão fazer tudo parecido, então, isso vai se consolidar. Eu acho que não é por aí.

P.: E em termos políticos e sociais, você diria que eles são um modelo a ser seguido?

E9: Não. Eu não sei se estou certo, mas eu acho que a constituição brasileira foi feita baseada na americana, não sei se você sabe sobre isso ou se isso iria influenciar aqui, mas eu li em algum lugar que a constituição foi meio que espelhada e até adaptada pela constituição americana, mas eu acho que, em política, acho que não. Porque como eles são muito grandes e, voltando muito para aquela questão que eu tinha falado: “eu sou americano, eu sou e eu sei”, eu acho que eles acabam usando muito isso, então, se eles dizem: “eu sei, eu sou e eu posso”, então, se tem um país lá, pequenininho, lutando lá, pra alguma coisa, eles vão lá e vão mexer. Eles vão lá, pra ajudar ou para atrapalhar tudo, porque eu quero essa X coisa que você pode me oferecer, então, eu acho que, nessa questão, a política não pode ser uma coisa que a gente possa se inspirar. Outra coisa é... a gente vê atualmente, no Brasil, muita gente que está a favor do governo e que tem alguns pensamentos que, no meu julgamento, eles não são corretos; geralmente eles mencionam os EUA. Então, geralmente, tem: “porque lá funciona, porque lá é assim, então, a gente vai ser assim”, o próprio presidente mesmo, ele tem essa conexão, ele quer, na verdade, ele quer ter uma conexão com o presidente dos EUA, talvez até para parecer tão grande quanto e para aparecer também... *pra* dar uma noção *pro* povo, do tipo: “se os EUA agem desse jeito, se eu estou agindo desse jeito, se eu tenho suporte do presidente ou do político lá, americano, então, vocês também têm que aceitar o que eu quero fazer, o que eu estou fazendo. Então, nessa questão, a política, eu acho que a gente deveria... não só não se espelhar... não tem como comparar a política deles, a cultura deles com a da gente. Então, eu acho que não tem como ter uma coisa para trabalhar junto, não.

P.: E você teve experiência de morar nos EUA?

E9: Não. Nem nunca fui também. Eu já tentei ir de férias, mas eu não... consegui. Voltando, lá pra quando eu era adolescente, pros quinze, dezesseis anos, eu tinha um livro chamado cultura americana e como os povos... como eles viviam. Então, era um livro que ele tinha vários lugares, não eram vários estados, mas eram vários lugares, várias regiões dos EUA e como era o modo de viver de cada culturazinha, lá dentro dessa grande cultura americana. Porque, antigamente, voltando, que eu estudei sozinho e eu consumia muito de música, de seriado, de filmes pra aprender inglês e, geralmente, na época, via mais coisas dos EUA, eu acabei tendo esse sonho americano de viver. Então, comparava a forma de vida deles com a minha vida, o dia a dia deles com meu dia a dia, e eu tinha muito essa questão de querer morar nos EUA, é... o sonho americano que, hoje em dia, nem existe mais. Mas eu tinha essa questão, mas nunca morei, não.

P.: Como você imagina que poderia ser a experiência de morar ou visitar os EUA?

E9: Se fosse... voltando para os dois pontos. Um morando e um se eu fosse só visitar. Se fosse morando, hoje em dia, eu estaria trabalhando numa área que não é a minha. Ahm... mas eu acho que estaria trabalhando muito mais do que eu trabalho aqui. Então, eu imagino que seria uma coisa... ser americano, morar lá... não ser um americano, mas ser um imigrante, vamos dizer, eu acho que é muito essa questão do trabalho, trabalhar o tempo todo e de... é... ter happy hour, beleza, mas é uma questão de trabalho. Então, eu acho que seria nessa questão de trabalho. E, se for como visitante, eu acho que seria super fácil de você enxergar... eu digo, eu imaginando como seria lá, seria muito fácil de imaginar, porque a gente vê isso todos os dias, em músicas, em *clipes*, em seriados, em filmes. Então, eu imagino que se eu fosse a Nova Iorque, por exemplo, eu imagino todo mundo comendo *celery* ou, então, com um copo de *starbucks* na mão, tomando café no meio da rua, uma coisa muito rápida, táxi passando. É... se eu fosse viajar lá pra Miami, eu imaginaria muita gente de sandália, andando muito mais tranquilo, mas, ao mesmo tempo, *busy*, muitos turistas, é... essa questão de Cuba, de México, essa questão mais do espanhol muito forte. Então, você, basicamente, não iria ser atendido por um americano, você, talvez, iria falar português ou espanhol. É... mas, assim, é muito fácil pra gente enxergar como seria, porque a gente tem muito esses ícones; a gente tem muito isso na cabeça, de cada lugar, porque eles... *advertise* muito, eles propagam muito essa questão da cultura deles. Então, eu acho que é fácil enxergar.

P.: E o que acha que seria de diferente entre o Brasil e os EUA, em termos culturais, sociais...?

E9: O primeiro ponto que a gente pode destacar é o consumo deles. Eles consomem o que eles produzem, e a gente consome o que a gente produz, mas a gente consome bastante, também, o que eles produzem. Então, eu acho que só isso já muda. Essas duas posições dos povos, vamos dizer assim, já são bem diferentes. A gente tem muito essa questão do... vou generalizar, mas eu sei que muita gente não é assim, *tá?* Mas tem muito essa coisa de: “ah... eu queria fazer igual”, “eu queria ser igual”, “essa música não presta”. É... se a gente ouve um brega *funk*, um passinho⁵⁶, ou um *funk* do Rio, a gente lê a música e a gente fica: “Nossa! Que absurdo!”, mas se a gente ouvir um *hip hop* dele, se a gente ouvir uma música, também, de origem parecida com a nossa, uma coisa mais periférica, é igual ou pior. Então, só pelo fato de ser em outra língua, a gente, essa coisa de: “ah não.. mas é americano, então é massa”, e a gente acaba fazendo: “poxa... não”. Então, eu acho que o ponto é esse, o ponto de vista da gente, enquanto brasileiro, é totalmente diferente do ponto de vista deles, enquanto americanos. Eles sabem que é eles quem fazem e é isso mesmo e que *tá* tudo certo e que é massa e que... Essa questão de... apesar de pouco brasileiro falar, por exemplo, o inglês, a gente tem muito de estudar em escola de idiomas e traduzir letras de músicas, assistir coisas legendadas, de tentar entender o que é isso e aquilo ali, mas eles, basicamente, não têm. Então, *pra* gente exportar um seriado brasileiro, por exemplo, em português, vai ser muito difícil. A gente até pode chegar lá, pode até ser um sucesso para uma quantidade X de pessoas, um pessoal mais alternativo, *okay*, mas *pra* ser uma coisa de massa, eu acho difícil. Já esta questão da língua, porque eles não têm essa disposição, vamos dizer, de consumir uma coisa de outra língua. Então: “ah... porque, se eu já posso ter uma coisa em inglês, já? Que é a minha língua...”, “Não quero falar a língua de ninguém”, “Não quero aprender outra língua, porque a minha já basta...”. Então, só esses pontos, acho, que já varia muito entre Brasil e EUA.

P.: E qual é a sua percepção sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa?

E9: Eu acho que, surpreendentemente, pelo tanto de influência que a gente a recebe dos EUA e dos outros países, eu imagino que a gente deveria estar num ponto, por exemplo, como Índia, como Filipinas, onde eles incluem muito mais palavras e expressões em inglês. E, surpreendentemente, apesar da gente ter bastante influência, a gente não *tá* nesse ponto ainda. A gente ainda tem pouquíssimas músicas que adicionam uma palavra ali ou outra em inglês, não é uma coisa muito contínua. Lógico, tem muita música influenciada, então, tem muita coisa

⁵⁶ Estilo musical e de dança pernambucana que se tornou forte nas periferias do estado e tem ganhado notoriedade nacional desde 2018.

instrumental que, se você tirar a voz, é uma coisa americana. Mas, mesmo assim, a gente ainda tem o axé, o brega, o MPB, que eu acho que ele não terá uma coisa americanizada. Lógico, o *funk*, agora, por causa de Anitta, que quer ter uma visão muito mais mundial, ela *tá* colocando uma *coisinha* mais de *hip hop*, então, *tá* tendo influência, mas eu acho que vai demorar muito, ainda, *pra* gente não usar nossa língua. Então, eu acho que a cultura da gente, voltada *pra* nossa língua, ainda está muito preservada. Outra questão é a nossa indústria de novelas. A gente não tem uma grande indústria de filmes, apesar de ter muitos filmes bons que a gente está consumindo; só o Brasil consome, mas as questões das novelas que, ao meu ver, elas não têm nada dos outros países, dos EUA. Então, elas não têm essa influência americana nas novelas, e eu acho que está voltando depois da Netflix e desses sites de streaming, eu acho que deu uma caída no consumo de novelas. Mas, agora, está voltando, e eu acho que esse é outro ponto de cultura brasileira e linkado com a língua, né? Porque é uma coisa muito genuína, uma coisa muito brasileira, que a gente acaba exportando *pra* outros países, não para os EUA, lógico, mas para outros países, que amam e que acham massa. E que está lá, a língua e a cultura da gente sendo representada, por mais moderna, por mais regional que as novelas sejam, acabam mostrando a nossa língua, como a gente fala, como a gente se expressa, como é a cultura da gente. Então, mesmo sofrendo essa influência dos EUA, eu acho que a língua e a cultura da gente ainda estão preservadas.

P.: E você consome produtos brasileiros?

E9: Eu acho que o básico que é a questão de comida, eu acho que seria muito Brasil, lógico. Se a gente pensar em cosméticos, eu diria fora, porque já não é muito brasileiro, no meu ponto. Tanto na questão de higiene pessoal e de outras coisas, como pele, é muito mais de marcas de fora. Apesar de algumas já está trabalhando aqui, mas aí acaba, enfim... Questão de roupas, é muito daqui também, apesar de ter um *look* mais global, mais de fora, mas acaba tudo sendo produzido aqui. Eu não sou muito uma pessoa que compra *online*, se eu fosse uma pessoa que comprasse muito *online*, se a as coisas internacionais chegassem com mais facilidade pra gente, eu acho que eu iria consumir mais, mas eu compro pouquíssimas coisas de fora. Eletrônicos, eu tento comprar pessoalmente e, apesar dos produtos serem importados, eu compro aqui. Então, eu acho que fico mais por aqui mesmo, no Brasil mesmo (risos). Mas eu imagino que quando a Amazon, porque vai ter um hub aqui, em Recife, quando eles tiverem essa facilidade, quando eles *embrace* a gente, eu acho que a gente, querendo ou não, vai começar a consumir muita coisa de fora.

P.: E por que você decidiu ser professor de inglês e você se vê trabalhando nessa área a longo prazo?

E9: Assim que eu terminei, exatamente, de fazer turismo, na minha graduação, um professor meu, da graduação, de inglês e de espanhol, ele trabalhava numa escola de idiomas e sabia da minha facilidade com o idioma, com o inglês e tudo mais; ele *tava* saindo da escola e me indicou. Ele disse: “olha, eu tenho um aluno na graduação de turismo, e ele fala inglês e ele gostaria de trabalhar...”, foi uma coisa bem, assim, cair de paraquedas, e me ligaram dessa escola e disseram: “Maurício⁵⁷, queria dar uma aula teste, para ver se você conseguiria trabalhar com a gente, dando aula de inglês”, eu topei. Era *pro* outro dia, eu tinha recebido a ligação às 10h e, no outro dia, às 9h30, eu já *tava* dando essa aula; deu certo. Eu passei um semestre com apenas uma turma, realmente não valia, se a gente for comparar o esforço e o benefício do que eu gastava *pra* fazer, não valia a pena, mas desde a primeira ou segunda semana, eu percebi que era uma coisa que eu ia gostar de fazer. E, como eu tinha essa questão de cultura americana e de língua e de gostar muito dessa parte da língua, de gostar falar... eu nunca falei inglês, porque “eu acho importante”... “porque todo mundo”... aquela resposta clichê. Porque é importante e todo mundo fala, é universal. Não. Eu sempre gostei de falar em inglês, porque eu gostava do som, gostava da língua, gostava de me sentir, culturalmente mundial ou culturalmente americano, a princípio. Então, desde as primeiras aulas que eu dei, eu senti: “poxa... eu acho que é isso que eu vou querer fazer”. Tanto que turismo não tem nada a ver com o ensino de línguas, apenas que você pode fazer uma segunda ou uma terceira língua, então, essa ligação entre os cursos, entre as profissões, mas acaba que eu me identifiquei muito mais com o ensino de língua inglesa. E, aí, depois de trabalhar bastante, de aprender muita coisa por mim mesmo, eu fui atrás das certificações. Não sou formado em Letras, ainda, infelizmente. Mas eu quero, porque, realmente, eu me decidi e eu não me vejo fazendo outra coisa. Também pelo ensino, que eu aprendi a gostar, mas, primeiramente, pela cultura e pela língua inglesa.

P.: Como você lida com as questões culturais americanas e brasileiras durante suas aulas?

E9: Eu confesso que eu não sou um *teacher* que traz muito essa discussão de cultura. Por exemplo, eu amo música, mas eu não levo muita música pra sala de aula. Eu acho que minha forma de ensinar é muito mais através de... de fazer, do que de receber. Então, questão de

⁵⁷ Nome fictício.

listening, vamos dizer, questão de ouvir, de ver um vídeo... eu trago isso, é um elemento da minha aula, mas não é uma coisa muito comum. Eu prefiro muito mais começar a discutir aquela *target language* e tudo mais. Eu confesso que eu não trago essa questão de cultura. E, quando tem essa questão de comparação, que “é muito legal”, “é muito massa”, eu tenho um posicionamento diferente (risos), depende muito do humor, muito do *feeling*, não sei. Mas, às vezes... eu acabo defendendo muito o que a gente tem, se for questão de linguística mesmo... Eles dizem: “teacher, como falo isso aqui?”, e acaba que a gente não tem uma tradução certa, mas eu gosto de *highlight*, que a gente é massa. Que não tem uma tradução, uma palavra igual a *eita*, por exemplo. Não tem uma palavra igual a *oxe*, por exemplo. Eu gosto muito de *highlight* isso. E que, até o aluno, que estiver fora do país e quiser usar *eita* e *oxe*, ele pode explicar *pra quem tá lá*, o que significa e continuar usando. Então, eu gosto de defender essa questão, mas, ao mesmo tempo, às vezes, eu gosto de dizer: “ah.. que lá é assim e que é perfeito e que eles são assim, falam assim, e a gente já sabe como é”. Tem esses dois momentos. Defendo muito a cultura brasileira, mas, às vezes, eu defendo muito a cultura americana/internacional/europeia, enfim.